

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Magna Celi Mendes da Rocha

**O Sentido de Formação em Edith Stein: fundamento teórico para
uma educação integral**

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

São Paulo

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Magna Celi Mendes da Rocha

**O Sentido de Formação em Edith Stein: fundamento teórico para
uma educação integral**

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes.

São Paulo
2014

Magna Celi Mendes da Rocha

**O Sentido de Formação em Edith Stein: fundamento teórico para uma
educação integral**

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes.

Banca Examinadora:

AGRADECIMENTOS

O processo de produção desta tese foi pessoal e comunitário, ao mesmo tempo. Agradeço a todas as pessoas que tornaram possível a concretização dessa etapa de minha vida:

A Silvio, meu esposo, pelo companheirismo, oferta de vida e disposição para ouvir minhas falas e meus silêncios.

A meus filhos André, Pedro, Ângela Maria e Francisco, pela paciência, torcida, orações e por serem um estímulo constante para que eu transforme em palavras simples e inteligíveis, sem esvaziar o sentido, os inúmeros questionamentos sobre os mais diversos assuntos.

A Suzana Filizola e seu esposo José Mário pela generosidade, amizade, fé e disposição para constituírem uma família autenticamente cristã. A casa de vocês é um dos locais mais sagrados que já visitei.

As duas “Aparecidas” que, nesse percurso acadêmico, muito me edificaram: minha querida orientadora Mitsuko Aparecida (Mimi) e Aparecida Turolo Garcia (Ir. Jacinta).

Aos professores Angela Ales Bello, Andrés Antunéz, Heloísa Szymanski e Maria do Carmo Guedes pelas ricas intervenções no exame de qualificação.

A todos os professores do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP pela diversidade de perspectivas teóricas que sustentam, dando ao programa uma riqueza e pluralidade que ajudam a ampliar a visão da complexidade humana.

Aos meus pais Manuel Maria Mendes e Maria do Rosário Araújo Mendes, pelo constante incentivo e confiança. Obrigada pelas orações e pelo amor que nos une.

A meus irmãos Maênia e Jerônimo Magno, meu cunhado Sérgio Rocha e sua esposa Tatiana, D. Valdelice, tios, primos, avós (*in memoriam*), pelos laços de sangue e afeto que nos unem.

À Comunidade Católica Shalom, presente de Deus em minha vida, parte de minha identidade mais profunda.

A Moisés Azevedo, fundador da Comunidade Católica Shalom, e Emmir Nogueira (co-fundadora), pelo “sim” generoso e pela coragem de abraçar o novo para esse tempo da Igreja.

A Messias Albano (responsável local), Mônica Paulino, Rita, Amarildo, minha célula comunitária e Adailton e Adriana, pela amizade e sustento.

À Geórgia Gama e ao Pe. Vando Valentin por, nesses anos de doutorado, terem sido instrumentos nas mãos de Deus para me sustentar e formar.

À Ir. Adair Aparecida Sberga,(mais uma Aparecida!) pelo entusiasmo que demonstra ao falar de sua amizade com Edith Stein. Obrigada pela partilha de vida e pela disponibilização de sua tese, ainda não divulgada, nas últimas semanas da conclusão desta tese. Lamentei não tê-la encontrado antes, pois teria ajudado muito.

A todos os pesquisadores brasileiros que, embora não tendo sido referenciados nesta tese, contribuem para a difusão da obra de Edith Stein no Brasil.

Aos colegas de Mestrado e Doutorado, pelas ricas trocas acadêmicas e afetivas. Como fui feliz esses anos na PUC-SP! Parte dessa felicidade devo a: Daniela Leal, Vivian Rachman, Andrea Wuo, Netto Berenchten, Henrique Castro, Mariana Vieira, Virgínia Machado, Alessandra Oliveira, Edilson Carvalho, Carla Andrea, Kaciana Rosa, entre tantos outros. Obrigada por tudo.

Ao GEIST (Grupo de Estudos e Investigações em Stein): Andrés Antunéz, Suzana, Nara Helena, José Mário, Maristela, Maria Helena, André, Cris Farah, pelo aprendizado compartilhado em Husserl e Edith Stein e pela organização anual da vinda das profas. Angela Ales Bello e Ir. Jacinta Turolo. Uma riqueza partilhar tantos momentos bons com vocês.

A Edson, secretário do Programa de Educação: Psicologia da educação, pela presteza e cordialidade.

A Deus por confiar e apostar em mim, mesmo em meio às minhas resistências e relutâncias.

A Nossa Senhora, pela maternidade e ternura de sua presença em minha vida.

A João Paulo II pelo profundo conhecimento e admiração que nutria por Edith Stein e pela intercessão por esta tese.

A Capes, por financiar esta pesquisa.

Dois abismos

Eu escuto a melodia que Tu cantas
Tu, palavra de amor que me encantas
Seduzindo-me pra sempre, inteiramente
Eterna canção de beleza e harmonia sem fim.

Tu me encerras em Teu peito amor ferido
Em Teus golpes de amor tens me vencido.
De amor me tens cativo, rendido
Fizeste-me presa de Tua Bondade sem fim.

Tu mais íntimo de mim do que eu mesmo
Infinito no finito em quem me perco.
Dois abismos que se abraçam e se enlaçam
Num laço de amor eterno e alegria sem fim.

(Comunidade Católica Shalom)

RESUMO

Esta é uma pesquisa bibliográfica baseada nos escritos pedagógicos de Edith Stein (Santa Teresa Benedita da Cruz / 1891-1942) que teve os seguintes objetivos: identificar, descrever e discutir o sentido de formação na obra pedagógica de Edith Stein; discutir sobre a formação espiritual como componente fundamental na formação humana; e contribuir, através da visão de pessoa humana e seu itinerário formativo para o que hoje chamamos de educação integral. A vasta produção bibliográfica da autora inclui escritos filosóficos, espirituais, pedagógicos/antropológicos e autobiográficos. Para a realização desta tese utilizamos seus escritos autobiográficos e os escritos pedagógicos e antropológicos. Seus escritos pedagógicos são fruto de uma intensa atividade pedagógica, no espaço de tempo compreendido entre os anos de 1923 a 1933, ano posterior à sua conversão à Igreja Católica e anterior à sua entrada no Carmelo. Para conhecer sua obra torna-se indispensável tomar parte dos acontecimentos de seu tempo e perceber como estes vão orientando suas tomadas de posição, sobretudo na forte ligação entre a concepção de ser humano e o sentido de formação que Stein desenvolve. O conceito de formação é central na obra pedagógica de Edith Stein, que implica a pergunta “como se forma o ser humano?”, que deve ser precedida da resposta sobre “quem é o ser humano?” Apoiando-se na fenomenologia de Husserl, na visão aristotélico-tomista e na doutrina católica, Stein percorre um caminho filosófico, psicológico, antropológico, pedagógico e teológico para aclarar essas questões, chegando a conceber o ser humano como uma unidade indivisível de corpo, psique e espírito, que tem em si um potencial a desenvolver, podendo chegar à sua plena realização ou não. Stein questiona uma educação que não leve em consideração o ser humano completo, mas que se limite a fornecer um acúmulo de informações, visando apenas o desenvolvimento intelectual. Para Stein, uma formação humana autêntica forma o homem de modo integral e o conduz à plena realização de si mesmo, em vista do bem comum, pois cada pessoa que se desenvolve de maneira harmoniosa contribui para o crescimento e desenvolvimento do mundo como um todo.

Palavras-chave: Formação. Edith Stein. Educação integral.

ABSTRACT

This is a bibliographic research based on pedagogical writings from Edith Stein (Santa Teresa Benedita da Cruz / 1891-1942) which has dealt with the following objectives: to identify, to describe and to discuss the sense of graduation in the pedagogical work of Edith Stein; discussing about the spiritual graduation as a fundamental component in human formation; and to contribute, through human being vision and its formative journey when it comes to what we call full education. An extensive bibliographic production from the author includes philosophical writings, spiritual ones, pedagogical and also anthropological matters. Such pedagogical themes are a result of intense pedagogical activity during the period from the year 1923 until 1933, the year after its conversion to the Catholic Church and right before its admittance in Carmelo. In order to know its work it is necessary to comprehend its happenings through time and realize how it is oriented in position takings especially regarding its strong connection between human being conception and formation sense Stein develops. The formation concept is a key point in Edith Stein pedagogical work and it implies the following questions: "What is the human being made of?" which should be preceded from an answer about "who is the human being?" Accounting on the support of Husserl phenomenology, also through the Aristotelian-Thomistic and the catholic doctrine Stein runs through a philosophical path, also psychological, anthropological, pedagogical and theological one in order to clarify such issues getting to the point of conceiving human being as an indivisible unit of the body, psyche and spirit which has in itself a potential to be developed being able to become fulfilled or not. Stein also questions a type of education that does not take into consideration the entire human being but that is limited in the boundaries of providing a set of information aiming in reaching intellectual development. For Stein, authentic human formation graduated human being in a fulfilling way and conducts him to its full achievement in view of common well being – because every person that develops in a balanced way contributes to the growth and development of the world as a whole.

Key-Words: Formation. Edith Stein. Full Education.

RÉSUMÉ

Cette c'est une recherche bibliographique fondée sur les écrits pédagogiques de Edith Stein (Santa Teresa Benedita da Cruz / 1891-1942) qui répond aux objectifs suivantes: identifier, décrire et parler sur l'orientation de la formation dans le pratique pédagogique de Edith Stein; parler sur la formation spirituelle qui est un composant fondamental dans la formation humaine ; et contribuer à créer au nom d'une vision intégrale de la personne humaine et son itinéraire formatif donc cela qui on s'appelle d'éducation intégrale. La vaste référence bibliographique sur l'auteur offres écrits philosophiques, spirituelle, pédagogique/anthropologique et autobiographiques. Pour la réalisation de cette thèse on a utiliser ses écrits autobiographiques et les écrits pédagogiques et anthropologiques. Ses écrits pédagogiques sont un fruit d'une intense activité pédagogique, dans l'endroit de temps compris entre l'années 1923 jusqu'à 1933, l'année ultérieure à leur conversion à l'Église catholique et avant après son entrée dans «Carmelo». Pour connaître son travail c'est nécessaire vérifier les événements de sons temps et percevoir comment ça se détermine dans le prises de position surtout dans la fort lien entre la conception d'être humaine et l'orientation de la formation que Stein se développent. Le concept de formation est central dans le travail pédagogique de Edith Stein, que implique dans la question «comment se forme l'être humaine?», que doivent être précédée par la réponse sur la question « qui est l'être humaine ? ». Au soutien de la phénoménologie de Husserl, dans la vision théologien thomiste et dans la doctrine catholique, Stein avance sur un chemin philosophique, psychologique, anthropologique, pédagogique et théologique pour clarifier ces points et concevoir l'être humaine comme une ensemble indivisible du corps et de l'esprit et permettre trouver la pleine réalisation ou non. Stein demande une éducation qui peut discuter pas seulement l'être humaine entièrement mais aussi des choses que se limite a fournisseur des accumulations d'informations avec l'objectif seule du développement intellectuelle. Pour Stein, une authentique formation humaine forme l'homme d'une forme intégrale et lui mène jusqu'à la pleine réalisation en soi-même, en vue du bien commun, parce-que chaque personne se développe d'une manière équilibrée et contribuent pour le croissance et développement du monde comme une seule chose.

Mots clés: Formation. Edith Stein. Education intégral.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Primeira foto de Edith Stein em Speyer, Alemanha, em 1923	20
Foto 2 e 3: Placas indicativas da cidade de Speyer	41
Foto 4: Jardim do Convento, onde Stein costumava promover momentos de descontração com as alunas	43
Foto 5: Priora das Dominicanas de Speyer, que é brasileira. Ao fundo, uma foto de Edith Stein já como carmelita	46
Foto 6: Lista de mortos no Campo de Auschwitz. O nome de Edith Stein aparece em destaque e a lista encontra-se fixada em um mural, em uma sala do Convento	53
Foto 7: Quarto de Edith Stein, em Speyer	60
Foto 8: Exposição de obras de Edith Stein no hall de entrada do Mosteiro das Dominicanas, em Speyer. Na prateleira de cima estão as obras completas da autora, na língua original. Abaixo, diversas biografias sobre ela e alguns objetos relacionados às suas origens	62
Foto 9: Painel com fotos de diferentes épocas de Edith Stein. Presente em uma das salas de visita do convento das Dominicanas, em Speyer. Esse painel refere-se a seu tempo de estudante universitária	63
Foto 10: Painel com fotos de Speyer	64
Foto 11: Painel com fotos de Múnster	64
Foto 12: Painel relacionado aos Carmelos de Köln (Colônia, Alemanha) e Echt (Holanda)	65
Foto 13: Cemitério do Convento das irmãs Dominicanas, em Speyer	124

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.2 A Pesquisa	20
1.2.1 Procedimentos	23
2 QUEM É EDITH STEIN?	26
2.1 Considerações Iniciais	26
2.2 Edith Stein e suas origens	28
2.3 A Universidade de Breslau: 1911	32
2.4 A Universidade de Gotinga: 1913	34
2.5 Em Tempos de Guerra	37
2.6 A Tese e o Mestre	38
2.7 Speyer E Münster - 1923 A 1933	41
2.8 Conversão e Carmelo: caminhos que se encontram	46
2.9 A perseguição nazista e o encontro com a morte	53
2.10 Carta ao Papa	54
2.11 Edith Stein: uma Síntese	60
2.12 Obras: um primeiro contato	62
2.13 Biobibliografia de Edith Stein: à guisa de uma cronologia	63
2.14 Edith Stein No Brasil	72
3 QUEM É O SER HUMANO PARA EDITH STEIN	75
3.1 A Empatia	75
3.2 A Constituição Humana	78

4 O SENTIDO DE FORMAÇÃO PARA EDITH STEIN	87
4.1 Considerações Iniciais	87
4.2 Edith Stein e o desejo de uma reforma educacional	90
4.2.1 A Antropologia como fundamento da Pedagogia	91
4.2.2 Antecedentes Filosóficos e Antropológicos	95
4.2.3 Antropologias Contemporâneas e Antropologia Cristã	99
4.3 Sobre o Conceito de Formação	107
4.3.1 Meios Formativos	111
4.3.2 Educação Formal da Língua	115
4.3.3 Formação Afetiva	116
4.3.4 Forma e Imagem	117
4.3.5 O papel da liberdade no processo formativo	119
4.3.6 Relação entre sujeitos como elemento formativo	122
4.4 Mantendo a morte diante dos olhos	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135
ANEXOS	139

1 INTRODUÇÃO

A obra de Edith Stein (1891-1942), filósofa, fenomenóloga, educadora, é ampla e variada, tanto em temas como em gênero e estilo: são estudos científico-filosóficos, escritos pedagógicos, escritos espirituais, cartas, meditações, poesias, escritos autobiográficos, além de traduções, conferências etc.

O ser humano, em todas as suas dimensões, visto de forma integral e unitária ocupa o centro de todas as suas investigações. Com rigor, seriedade e profundidade, busca na fenomenologia de Edmund Husserl e na escolástica seus fundamentos teóricos e metodológicos, transitando com liberdade e segurança entre a filosofia, a psicologia, a antropologia e a teologia, que considera indispensáveis para uma verdadeira compreensão do ser humano.

Na presente pesquisa, nossa atenção recai sobre seus escritos autobiográficos e os escritos pedagógicos e antropológicos. Nosso objetivo é buscar em tais escritos o sentido que Edith Stein dá à formação. Chegar, porém, a esse tema e a essa autora não foi um caminho decidido de antemão, mas um percurso marcado por acontecimentos decisivos que foram se delineando e configurando com o passar do tempo. Acontecimentos aparentemente desconexos que foram ganhando sentido à medida que novos passos foram sendo dados. É esse percurso que gostaria de partilhar.

Formada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)¹, ingressei no Mestrado em Educação: Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em 2008, para pesquisar o retorno escolar de sobreviventes do câncer infantil.^{2,3}

Concluí o Mestrado e ingressei no Doutorado em 2010, com a intenção de aprofundar a temática da escolarização de sobreviventes do câncer infantil, dentro da temática maior, Educação Inclusiva, trabalhando também a questão das Classes

¹ Atual Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

² ROCHA, M. C. M.. *O processo de escolarização do aluno mutilado pelo câncer: a constituição da identidade no processo de inclusão escolar*. [Dissertação] Programa de Educação: Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2009, 106f.

³ Apenas na introdução e no capítulo metodológico utilizaremos referências completas nas notas de rodapé. No corpo do trabalho as notas estarão destinadas a comentários complementares e transcrições das traduções em italiano e espanhol.

Hospitalares. Havia, porém, um incômodo: de um modo geral, sentia pouca profundidade teórica nas discussões sobre educação inclusiva. Parecia que a discussão estava muito rasa e a visão muito estreita, como se educação inclusiva dissesse respeito apenas a pessoas com deficiência física, oscilando ora entre um discurso queixoso, ora um discurso de cidadania. Mas no fundo sentia falta de uma discussão mais profunda que dissesse respeito aos fundamentos de uma prática inclusiva. Questionava-me: o que, de fato, é inclusão? O que fundamenta uma prática inclusiva? Intuí que a resposta não estava numa questão legal (direito, cidadania etc.) ou no discurso “politicamente correto”.

Esse incômodo aumentou ainda mais depois de cursar a Disciplina Seminário Teórico Metodológico I, com a Profa. Mitsuko Antunes, na qual estudamos os grandes teóricos que dão fundamento a nossas teorias até os dias atuais (Descartes, Espinosa, Kant, Hegel, Marx, Comte, entre outros). Percebi como comumente nosso conhecimento é superficial e temos pouco conhecimento histórico das origens do que muitas vezes defendemos. Ali decidi que não queria continuar tratando da temática da Educação Inclusiva dando como suposto que já se sabia o que era a inclusão. Queria ir em busca de fundamentos teóricos para pensar a Educação Inclusiva. Era necessário ir à fundo no conhecimento e não ficar apenas na superficialidade, no imediatismo, numa perspectiva a-histórica.

Antes, porém, de prosseguir esta narrativa, preciso acrescentar um acontecimento importante, ainda da época do Mestrado: no meu primeiro semestre na PUC-SP (2008), cursei a disciplina Introdução à Fenomenologia, com a Profa. Heloísa Szymanski. A escolha da disciplina deu-se em virtude de um convite de uma amiga, Rosineide Xavier, orientanda da professora, que ia cursar a disciplina naquele semestre e tinha boas referências. Como eu tinha o horário disponível, além das disciplinas indicadas pela minha orientadora, profa. Mitsuko Antunes (Mimi), matriculei-me também na referida disciplina, com o consentimento dela.

Foi um semestre extremamente rico e lembro com carinho do impacto que a Fenomenologia causou em mim. Não conhecia nada daquela disciplina. Tudo era absolutamente novo. Nunca tinha sequer ouvido a palavra Fenomenologia. Que desafiante compreender que para o saber fenomenológico era necessário suspender qualquer teoria pré-existente e olhar o fenômeno, procurando apreendê-lo em si mesmo, em sua essência! Se por um lado tudo era novidade e desafio, pois tinha

que me apropriar de expressões e um referencial teórico completamente desconhecido, por outro sentia-me muito familiarizada e atraída por aquele novo modo de conceber o mundo e o conhecimento.

Naquele semestre, em uma aula, foi falado do fundador da Fenomenologia, Edmund Husserl e seus seguidores, entre eles, Heidegger e Edith Stein. A ênfase da aula naquele dia era Heidegger, mas o nome de Edith Stein no ambiente acadêmico e no âmbito da Fenomenologia foi outra novidade. Quis saber um pouco mais, pois havia ouvido falar sobre ela, ainda que vagamente, no ambiente católico, do qual faço parte. Sabia que se tratava de uma santa canonizada recentemente e que seus escritos eram muito profundos. A professora não conhecia seus escritos, apenas sabia que ela tornou-se assistente do prof. Husserl e que o havia ajudado na publicação de algumas de suas obras. Na mesma semana comprei um DVD sobre sua vida, chamado “A Sétima Morada”. Assisti, mas achei meio confuso e não busquei mais outras fontes. O interesse por Edith Stein e pela fenomenologia ficou adormecido após esse semestre. Continuei meu mestrado, seguindo o referencial teórico utilizado pela minha orientadora e o que melhor se adequava aos meus estudos naquele momento, o referencial Histórico Cultural.

Em meados de 2010, já durante o doutorado, recebi um convite para participar de um mini curso⁴ na UNIFESP, intitulado “Introdução ao Pensamento Filosófico de Edith Stein”, ministrado pela Profa. Angela Ales Bello, professora de História da Filosofia Contemporânea da Faculdade Lateranense de Roma, com tradução da profa. Dra. Ir. Jacinta Turolo. Achei que seria uma oportunidade interessante, mas somente a título de formação religiosa, pois não via nenhuma ligação com o que estava fazendo na academia. Nesse mini curso tive a oportunidade de conhecer mais Edith Stein. Percebi que sua contribuição ia muito além de questões religiosas. Achei-a uma figura muito instigante e inteligente, que transitou por vários mundos: judaico, intelectual, monástico. Fiquei imensamente provocada com sua visão de ser humano e, naquele primeiro contato, chamou-me mais atenção o conceito da empatia. Percebi que aí podia estar uma chave para pensar a inclusão: reconhecer o outro como humano, semelhante a mim, sendo porém um *alter ego*. Aquele contato, ainda superficial, levou-me a concluir que não poderia haver uma prática inclusiva autêntica sem esse reconhecimento da

⁴ O mini curso aconteceu nos dias 28 e 29/09/2010 e 01/10/2010.

dignidade do outro; sem um sentimento de pertença, no qual percebo que, mesmo que sejamos diferentes e únicos, existe algo que nos torna semelhantes. Encontramos em Edith Stein um aporte teórico para um rico estudo desta afirmação. Sabia, entretanto, que havia um longo caminho à frente.

No último dia do curso com a Profa. Angela Ales Bello, conheci Suzana Carneiro, uma mestranda do mesmo Programa que eu na PUC-SP, orientanda da Profa. Heloísa Szymanski, que estava concluindo sua dissertação, tendo Edith Stein como referencial teórico⁵. Nossa aproximação foi imediata, pois tínhamos muitos pontos em comum, dentre eles o interesse por Edith Stein. Iniciamos uma fecunda amizade. O curioso é que éramos do mesmo programa na PUC-SP e nunca havíamos nos visto, somente na UNIFESP esse encontro foi possível!

Por intermédio de Suzana soube da intenção de, junto com outros pesquisadores de Edith Stein, iniciar um grupo de estudos. Dispus-me a participar e realizamos nosso primeiro encontro no dia 9 de agosto de 2011. Desde então passamos a nos encontrar semanalmente e esse grupo tornou-se um rico espaço de estudos e troca de experiências em Fenomenologia, Husserl e Edith Stein que ocorre na USP, na sala do prof. Andrés Antúnez, professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, da USP. Batizamos o grupo de GEIST (Grupo de Estudos e Investigações em Edith Stein). O professor Andrés, junto ao seu Departamento, tem se encarregado desde 2011 pela vinda da profa. Angela Ales Bello e da Ir. Jacinta Turolo Garcia ao Brasil, sempre no mês de setembro. Esses encontros têm sido uma rica contribuição para pesquisadores brasileiros, uma vez que as professoras são referências reconhecidas internacionalmente, com diversas publicações sobre Edith Stein.

Diante do fascínio que aquele primeiro encontro com o pensamento de Edith Stein me causou e de todos os acontecimentos até aqui narrados, deu-se início o processo de mudança de rumo desta pesquisa, que durou quase um ano, mas que, ao final, concluímos, minha orientadora e eu, que uma tese baseada nos escritos de Edith Stein sobre Psicologia e Educação teria contribuições a dar, especialmente na perspectiva de uma Educação Inclusiva. À medida, porém, que avançamos na

⁵ CARNEIRO, S. F. B.. *A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal: um olhar fenomenológico*. [Dissertação]. Programa de Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2011, 283 f.

leitura dos escritos pedagógicos de Stein a questão da formação humana foi emergindo de uma forma muito forte. O tema da educação inclusiva foi tornando-se secundário e até mesmo redundante, pois com a visão de pessoa humana, educação e seu itinerário formativo, em Stein, não existe educação que não seja inclusiva. A exclusão é a distorção da visão de ser humano. Uma correta concepção de ser humano, de si mesmo e do outro é, antes de tudo, uma necessidade e um fundamento seguro para uma autêntica prática educativa, que vise formar o ser humano.

Stein insistia que a resposta à pergunta “*quem é o homem?*” era a primeira e mais necessária antes de qualquer ação educativa, sob o risco de se construir “*castelos na areia*”. (STEIN, 1932-33/2000).

Até a década de 1980 os estudiosos sem fluência no idioma alemão tinham acesso limitado ao pensamento de Edith Stein. Em 1986 começaram as traduções sistemáticas para o inglês, sob os cuidados do *Institute for Carmelite Studies* (ICS), em Washington. Hoje toda sua obra encontra-se traduzida para o inglês, italiano e espanhol. Uma versão completa em português está sendo produzida, tendo apenas algumas poucas obras já traduzidas. Para a realização desta tese utilizamos as versões em italiano, espanhol e as disponíveis em português.

Nesse processo de mudança de temática foi determinante a postura da orientadora Mitsuko, avessa a modismos, mas muito aberta ao novo, possuidora de uma fundamentação histórica consistente que a mantém com os pés no chão e que, mesmo sem conhecer Edith Stein em profundidade, soube reconhecer que as bases de seu pensamento eram sólidas.

De minha parte, cabia iniciar com as leituras propriamente ditas para escrever uma biografia e, em seguida, adentrar em seus escritos. À medida que ia lendo sobre sua vida, ia descobrindo uma mulher muito interessante, alguém com a qual me identifiquei muito, como alguém que acabamos de conhecer e já sabemos que daria uma grande amizade. Vi-me, então, diante de um problema: percebi que estava envolvida demais para ser “científica” e as leituras que fazia só reforçavam minhas “boas impressões”. O título de santa causava-me uma dupla sensação: se por um lado me dava segurança por saber que se tratava de uma vida com marcas comprovadas de autenticidade, por outro me dava um certo receio de questionar e até mesmo fazer uma futura crítica, pois como questionar uma santa?

Nessa época fui assistir a defesa de uma tese de doutorado na USP sobre Edith Stein⁶. Essa experiência foi muito edificante. Não conhecia a doutoranda, apenas um dos professores da banca, o Prof. Andrés Antúnez. Tratava-se de uma pesquisadora judia que se interessou por Edith Stein e resolveu fazer de sua vida seu objeto de estudo. Queria conhecer melhor sua vida e o porquê de suas escolhas. Tratava-se de uma tese histórica, sob o olhar de uma psicanalista.

Vi-me diante de uma pessoa que não compreendia muitas das escolhas de Edith Stein, como sua conversão, sua entrada para o Carmelo, entre outras. Como judia, sentia-se traída, sentia que Edith Stein tinha negado suas origens, mas ainda assim não conseguia esconder o profundo respeito e admiração pela sua obra e vários aspectos de sua vida. Pela primeira vez ouvi uma não cristã falando de Edith Stein e pude comprovar que a riqueza de sua obra ultrapassava todos os limites e barreiras, procurando tocar no que havia de mais profundo em cada ser humano, na essência de cada um.

A participação naquela defesa serviu também para amenizar minha ansiedade, pois, à medida que ia lendo sobre a vida de Stein, ia me dando conta que tinham tantos aspectos para serem levantados que fui sentindo-me impotente, estava diante de uma vida que me ultrapassava muito. Essa questão foi levantada pela autora da referida tese que mesmo tendo feito toda a tese sobre a vida de Edith Stein, percebia que muitos aspectos também lhe ultrapassavam. Disse que Edith Stein era “fugidia”, pois quando julgava que havia dominado algum aspecto de sua vida, ela se apresentava de outra forma e, novamente, a surpreendia. Ali não tive mais dúvida que estava no rumo certo.

Lembrei que ainda não havia lido seus escritos teóricos e sua vida já havia me conquistado. Sempre que estudava outros autores interessava-me pelos bastidores de sua vida. Gostava de ler relatos de sua vida fora dos limites acadêmicos, seus relacionamentos, interesses, costumes etc. Muito mais que uma curiosidade superficial, o que buscava, sem ainda me dar conta, era se aquela teoria ou ideologia tinha tido impacto na vida “real” da pessoa que a elaborava. Muito mais

⁶ Tese defendida em 5 de março de 2012. NOVINSKY, I. W.. *Edith Stein (1891-1942): em busca da verdade em tempos sombrios*. [Tese] Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Pós-Graduação em História Social. Universidade São Paulo, 2012, 249 f.

que palavras e textos, buscava uma coerência entre vida e obra, pois considero os dois aspectos indissociáveis.

Essa foi uma marca de Edith Stein que me impressionou em toda esta pesquisa: uma unidade interior e uma coerência de vida raramente encontradas. Acreditamos que seus escritos têm muito a contribuir, neste caso seus escritos pedagógicos e antropológicos, e esperamos que esta tese e seus desdobramentos sejam um meio para torná-los ainda mais conhecidos aos pesquisadores brasileiros.

A seguir, explicitaremos os procedimentos metodológicos desta pesquisa.

1.2 A Pesquisa

Imagem 1: Primeira foto de Edith Stein em Speyer, Alemanha, em 1923.



Fonte: Disponível em <http://gtedithstein.blogspot.com.br/>, acesso em 02/04/2014.

A obra de Edith Stein (1891-1942), assim como sua vida, é diversa, complexa e multifacetada. Para conhecer sua obra torna-se indispensável conhecer sua vida e o momento histórico em que viveu, a saber, Alemanha, no período da Primeira e da Segunda Guerra Mundial. Vê surgir o nazismo como poder dominante na Alemanha e, como judia e mulher, sofre todas as consequências de sua condição.

Quanto a conhecer a vida e o momento histórico e cultural, essa seria uma conduta comum a qualquer pesquisador que pretendesse entender uma personalidade que escolhe como referência de sua pesquisa. No caso de Stein, e isso foi ficando cada vez mais claro no decorrer da própria pesquisa, este é um requisito irrenunciável, pois uma marca de sua obra é que ela é um transbordamento de sua vida. Não existem cisões, rupturas entre o que vive e o que escreve. Seus escritos são sua busca, são sua vida. Stein vai se configurando ao que escreve e vai escrevendo o que vive.

Em uma conferência em Ludwigshafen⁷, Stein assim expressou-se:

Qual é a grande enfermidade de nosso tempo e de nosso povo? Na grande maioria das pessoas é a **desintegração interna**, a falta total de convicções e princípios firmes, à deriva sem direção e, por causa da insatisfação com esse tipo de existência, a busca de entorpecimento em novos prazeres cada vez mais sofisticadas. [...] o remédio contra a doença de nosso tempo são seres humanos plenos [...]: fincados no chão da eternidade não se deixam abalar em suas convicções e em seu agir por opiniões, asneiras e vícios da moda que grassam à sua volta. Cada uma dessas pessoas é como uma coluna firme em que muitos podem agarrar-se para voltar a sentir, por seu meio, o chão firme debaixo dos pés. (STEIN, 1999a, p. 287, grifo nosso.)

Em outra conferência⁸ afirma que “[...] se a alma se forma desse modo, se tudo nela está no seu lugar, então nela há quietude, claridade e paz, então está ‘harmonicamente formada’” (STEIN, 1930/2003, p. 187).⁹

⁷ Conferência proferida em 12 de abril de 1928, na XV Assembleia Geral da Associação das Professoras Católicas da Baviera.

⁸ Conferência proferida em 18 de outubro de 1930, para professores e professoras católicos do Palatinato, em Speyer.

⁹ Da tradução em espanhol: “*Si el alma se forma de este modo, si todo en ella está ‘en su lugar’, entonces en ella hay quietud, claridade y paz, entonces está ‘armónicamente formada’*”. Todas as traduções apresentadas nesta tese foram realizadas de forma livre pela autora.

Certamente, ao falar dessa maneira, Stein não estava se apresentando como exemplo, mas, ao estudá-la, percebemos que esses critérios manifestam-se em sua personalidade: uma pessoa inteira e harmonicamente formada. Essas características não a tornam modelo, nem ídolo, mas testemunha de alguém que se forma pelo que realmente crê, que se realiza a si mesma.

Nosso interesse, nesta pesquisa, por seus escritos pedagógicos e pelo sentido de formação humana deram-se pela riqueza de seu pensamento e por sua dedicação aos estudos sobre a pessoa humana, vista de maneira integral como corpo, psique e espírito.

A primeira tese que tivemos acesso com interesse específico nos escritos pedagógicos de Stein foi realizada por Ir. Jacinta Turolo Garcia. A pesquisa foi concluída em 1987, ano em que o papa João Paulo II anunciou a beatificação de Edith Stein. Em virtude desse acontecimento, a autora ressalta que por toda a parte surgiam publicações diversas sobre Stein, “esta mulher que soube unir em si, tão harmoniosamente, metafísica e mística, ser e ensinar, sabedoria humana e ciência da cruz” (GARCIA, 1988, p. 7). Prossegue a autora, dizendo que a tese visava ser “uma pequena contribuição num campo que ainda não foi suficientemente explorado: o aspecto pedagógico na vida e nos escritos da filósofa” (GARCIA, 1988, p. 7)

Curiosamente, vinte anos depois, encontramos em Pezzella (2007), filósofa italiana com grande interesse pela obra de Edith Stein, afirmação semelhante sobre o pouco conhecimento dos escritos pedagógicos de Stein. Assim afirma: “o interesse pelos problemas educativos em E. Stein é um aspecto pouco conhecido, mas certamente não menos importante de sua especulação”¹⁰ (PEZZELLA, 2007, p. 95).

Garcia (1988) afirma que o conceito de formação é o principal de toda a obra pedagógica de Stein. Dessa forma, esta pesquisa propõe-se a estudar o sentido que Edith Stein dá à formação humana em seus escritos pedagógicos.

Esta pesquisa teve, portanto, os seguintes objetivos:

- Identificar, descrever e discutir o sentido de formação na obra pedagógica de Edith Stein;

¹⁰ Do italiano: “*L’interesse per i problemi educativi in E. Stein è un aspetto poco noto, ma certamente non meno importante della sua speculazione*”.

- Discutir a formação espiritual¹¹ como componente fundamental na formação humana;
- Contribuir, através da visão de pessoa humana e seu itinerário formativo em Edith Stein, para o que hoje chamamos educação integral.

1.2.1 Procedimentos

Esta é uma pesquisa bibliográfica e foi organizada em três tópicos principais que orientaram a escrita dos capítulos:

- Quem é Edith Stein?
- Quem é o ser Humano na obra de Edith Stein?
- Qual o sentido de formação para Edith Stein?

Para a escrita do primeiro capítulo, que buscava responder à pergunta “*Quem é Edith Stein?*”, tomamos como principais referências sua autobiografia, que na tradução espanhola recebeu o nome de “*Vida de una familia judia*” (1964/2002),¹² e também o manuscrito “*Cómo llegué al Carmelo de Colonia*” (1948/2002)¹³; utilizamos também outros textos primários, como cartas escritas ou endereçadas a ela.

Para responder à pergunta: “*Quem é o ser Humano na obra de Edith Stein?*”, fizemos uma leitura exploratória das obras *Sobre o problema da Empatia* (1917/2003b)¹⁴ e *Psicologia e Ciências do espírito – contribuições para uma fundamentação filosófica* (1922/1999b)¹⁵, e focamos nossa atenção na obra *Estrutura da Pessoa Humana* (1994/2000)¹⁶, uma das obras mais completas de

¹¹ De forma sintética, a dimensão espiritual, como entendida por Stein, refere-se à dimensão especificamente humana que está ligada aos atos de compreensão, decisão, criação e reflexão.

¹² STEIN, E.. “*Vida de una familia judia*” In STEIN, E..*Obras completas*. v. I. Escritos autobiográficos y cartas. Trad. De J. Garcia Rojo e cols.. Vitória, Espanha: El Carmen, 2002, p. 159-491. (Originais de 1933 e 1939, publicação póstuma em 1964.)

¹³ STEIN, E.. “*Cómo llegué al Carmelo de Colonia*” In STEIN, E..*Obras completas*. v. I. Escritos autobiográficos y cartas. Trad. De J. Garcia Rojo e cols.. Vitória, Espanha: El Carmen, 2002, p. 493-510. (Originais de 1938, publicação póstuma em 1948)

¹⁴ STEIN, E.. *Il Problema dell'empatia*. Trad. de E. Constantini e E.S. Constatini. Roma: Studium, 2003. (Original publicado em 1917).

¹⁵ STEIN, E.. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fundazione filosófica*. 2 ed. . Trad. de M. Pezzella. Roma: Città Nuova, 1999b. (original publicado em 1922).

¹⁶ STEIN, E.. *La struttura della persona humana*. Trad. de M. D'Ambra. Roma: Città Nuova, 2000. (Original publicado em 1932-33. Título original: *Der Aufbau der menschlichen Person*).

Edith Stein, na qual apresenta uma síntese de sua antropologia, suas reflexões filosóficas, pedagógicas, teológicas e práticas. Utilizamos ainda o texto escrito por Stein *O castelo interior* (1962/2007)¹⁷, além de leituras de textos de outros autores que tratam da questão do ser humano na fenomenologia de Edith Stein.

Para escrever o terceiro capítulo, isto é, para responder à pergunta principal de nossa tese, “*Qual o sentido de formação para Edith Stein?*”, utilizamos as seguintes obras: *A mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça* (1999a)¹⁸, obra que reúne boa parte da obra pedagógica de Stein, reunida a partir de diversas conferências ministradas por ela no início da década de 1930. Apesar de tratar da mulher, tema que sempre mereceu sua atenção, o assunto é tratado no âmbito da educação e da formação, e os princípios que busca para a formação da mulher são válidos para toda pessoa humana; *Estrutura da Pessoa Humana* (1932-33/2000), e a conferência *Sobre a ideia de formação* (1930/1999c)¹⁹.

No tocante às traduções do alemão da obra de Stein, utilizamos a versão em português da obra *A mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça* (1999a)²⁰ e *Castelo da alma* (In SCIADINI, 2007); as demais obras as utilizamos nas versões em espanhol e italiano.

Durante a realização desta pesquisa, em 2012, tivemos a oportunidade de visitar a cidade de Roma e a Alemanha. Na Alemanha visitamos a cidade de Speyer,

¹⁷ STEIN, E.. O castelo da alma. In SCIADINI, F. P.. *Edith Stein - Perder para ganhar*. 4 ed. Fortaleza: Edições Shalom, 2007. (publicação póstuma em 1962). O texto original é um apêndice da obra *Ser finito e Ser Eterno*, da autora.

¹⁸ STEIN, E.. *A mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça*. Tradução de Alfred J. Keller. EDUSC: Bauru, 1999a. (Título original: *Die Frau: irhe aufgabe nach natur und gnade*)

¹⁹ Utilizamos as traduções em italiano e em espanhol: STEIN, E.. “*Sull’idea di formazione*”. In STEIN, E.. *La vita come totalità: scritti sull’educazione religiosa*. 2 ed.. Trad. de T. Franzosi. Roma: Città Nuova, 1999c, p. 21-36. (Original publicado em 1930. Título original: *Zur Idee der Bildung*)

STEIN, E.. “*Sobre el concepto de formaciòn*”. In STEIN, E.. *Obras completas*. v. IV: Escritos antropológicos y pedagógicos. Trad. de F.J. Sancho e cols.. Burgos, Espanha: Monte Carmelo, 2000, p. 177-194. (Publicação original de 1930)

²⁰ Essa obra será diversas vezes citada ao longo do trabalho. Cada conferência foi publicada separadamente em revistas acadêmicas da Europa na década de 1930. Em 1959 foi publicada pela primeira vez a coletânea dos ensaios pedagógicos, com o título *Die Frau: irhe aufgabe nach natur und gnade*, sendo traduzida para o português em 1999. Estão presentes os seguintes ensaios pedagógicos de Stein: *Ethos da profissão da mulher* (1930); *Vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem da natureza e da graça* (1932); *Vida da mulher cristã* (1932); *As bases da formação feminina* (1930); *Problemas da formação feminina* (1932); *A missão da mulher de conduzir a juventude à Igreja* (1933); *O valor da feminilidade para a vida do povo* (1928); *O papel das mulheres católicas de formação universitária da Suíça* (1932). Optamos por não especificar na citação o ano de cada conferência a que se refere, mas citaremos a obra. Sempre que nos referirmos a essa obra aparecerá como **1999a**.

cidade onde Edith Stein residiu durante os anos de 1923 a 1931. Lá ela morou no Convento Santa Madalena, das irmãs dominicanas. Ela trabalhou como professora na Escola Superior das Irmãs Dominicanas de Santa Madalena, e foi justamente nesse período e lugar que ela produziu a maior parte de sua obra pedagógica.

Esses anos foram posteriores à sua conversão e anteriores à sua entrada no Carmelo. Tivemos a oportunidade de visitar o convento e a feliz surpresa de sermos recebidos por duas Irmãs brasileiras (uma delas a priora) e outra alemã, que morou no Brasil durante muitos anos e falava português fluentemente. Essa visita tornou Edith Stein muito mais concreta para mim. Pude quase tocar em sua humanidade. Visitei os lugares por onde ela passou, o quarto onde dormiu, os jardins em que passeava, a igreja onde assistia missas e ficava longas horas em oração, o cemitério do Convento, seu lugar preferido, a sala onde ministrou muitas de suas aulas; enfim, foi uma experiência ímpar. O lugar tornou-se um lugar de encontro com Edith Stein, pela organização do espaço com muitas fotos, obras completas, anotações pessoais, apresentação em slides em vários idiomas sobre sua vida (inclusive em português), entre outros. Edith Stein, a santa Teresa Benedita da Cruz, tornou-se uma das mais ilustres visitas que aquele local já abrigou.

Durante a visita fizemos um registro fotográfico, que será apresentado ao longo da tese.

Iniciaremos nosso trabalho apresentando um percurso sobre a vida de Edith Stein. Consideramos esse conhecimento necessário para a compreensão de sua obra pois, como já afirmamos, são dois aspectos indissociáveis.

2 QUEM É EDITH STEIN?

2.1 Considerações Iniciais

Edith Stein (1891-1942) viveu em um período particularmente delicado da história da humanidade. Alemã, de origem judaica, viveu entre o final do século XIX e primeira metade do século XX, época da Primeira e Segunda Guerra Mundial, tendo sofrido o destino de milhões de judeus, perseguidos e aniquilados pelo nazismo.

Viveu em uma sociedade marcada por contradições, que vê o surgimento do movimento feminista europeu e a luta pelos direitos das mulheres e a forte repressão de tais movimentos, em especial na Alemanha dos anos de 1930, pois ia de encontro com as ideias nacional-socialistas, que só reconheciam um único papel para a mulher: o de esposa e mãe. Tomar parte de sua história é adentrar em um mundo familiar e ao mesmo tempo estranho, constituída por acontecimentos dramáticos, inesperados, comoventes. É tomar parte não só de sua vida, mas de sua realidade histórica, pois não nos permite ficar indiferentes ao que acontece em seu mundo.

Para escrever esta biografia tomamos como principais referências sua autobiografia, que na tradução espanhola recebeu o nome de "*Vida de una família judía*" e também o manuscrito "*Cómo llegué al Carmelo de Colonia*", escrito em dezoito de dezembro de mil novecentos e trinta e oito. Edith Stein decidiu escrever sua autobiografia para dar seu testemunho sobre uma família judia, procurando confrontar a visão preconceituosa fartamente disseminada pelo nazismo, oferecendo um retrato direto e genuíno das relações de uma família judaica, seus costumes, valores, conflitos e contradições. Não queria, portanto, "fazer uma apologia ao judaísmo" (STEIN, 2002, p. 160). Para isso, procurou escrever a partir das lembranças de sua mãe, então com 84 anos, interrogando-a frequentemente a fim de colher o maior número de informações possíveis para serem registradas. Em seguida, sentiu necessidade de pôr alguma ordem ao seu relato oral, tornando-o compreensível a outras pessoas que posteriormente viessem a lê-lo, incluindo também suas memórias.

Embora inacabada, a autobiografia é uma obra fundamental para quem deseja conhecer Edith Stein. Foi escrita em três momentos: de abril a setembro de 1933, momento que escreveu a história de seus avós, de seus pais e de sua infância, baseada nos relatos da mãe. A segunda parte foi escrita durante seu noviciado no Carmelo, em Colônia, do fim de 1933 até maio de 1935, incorporando também suas memórias. Após sua fuga para Echt, na Holanda, foram acrescentadas algumas páginas, entre janeiro e abril de 1939 (NOVINSKY, 2012).

O que encontramos em seu texto é um relato vivo, fluido, dinâmico e não uma narração estática de acontecimentos sucessivos. Motivo este que justifica a decisão de utilizarmos muitas citações de Stein no texto que se segue, dando a oportunidade para que o leitor conheça um pouco de sua história de vida, a partir de seus próprios escritos.

Na autobiografia, Stein faz realmente “memória” de sua vida, no sentido utilizado por Santo Agostinho (2008, p. 344):

Agora está claro e evidente para mim que o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos – passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo dizer que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera.

Ao narrar sua vida e de seus familiares, Stein “descongela” os acontecimentos do passado, dando um frescor e uma atualidade a sua narrativa que nos permite uma aproximação com sua vida e a dos que a rodeavam.

A título de exemplo, trago um momento em que Stein, estudante em Gotinga, após dedicar-se ao trabalho durante oito dias ininterruptos, durante as férias, conseguiu escrever a segunda parte de um trabalho que iria apresentar ao professor Husserl, para o exame de estado. Assim ela conta: “Em uma semana havia terminado. Seriam às oito da noite; começou a chover mansamente [...] não posso

dizer com quanta alegria e gratidão. Todavia, hoje, após mais de vinte anos, ficou impresso em mim aquele suspiro de alívio”. (STEIN, 2002, p. 385)²¹

Essa é uma marca da narrativa de Stein: fazer presente o passado. Ela não volta simplesmente aos acontecimentos, mas os traz para o lugar onde ela está, atualizando-os, revivendo-os, fazendo, de fato, memória.

Não estamos, todavia, diante de uma pessoa fácil de conhecer, pela complexidade de sua vida, de seus escritos, pela multiplicidade de papéis que desempenhou ao longo da vida, conforme afirmou Novinsky (2012, p. 3):

Eis aqui uma mulher cuja vida nos apresenta um percurso complexo e dramático, provocando muitas questões. Uma “mulher múltipla” em todos os sentidos: *Edith*, para sua família; *Doutora Stein*, na Universidade de Göttingen, quando aluna de filosofia de Edmund Husserl; *Edith Stein* enquanto militante feminista; *Irmã Teresa Benedita da Cruz*, após sua conversão e ingresso no Carmelo; *número 44.074*, como judia deportada pelos nazistas para o campo de concentração de Auschwitz; *Santa Tereza Benedita da Cruz*, após ter sido canonizada pela Igreja Católica.

De posse dessas informações iniciais, convidamos o leitor a um exercício por vezes difícil de realizar: um exercício “fenomenológico” de leitura da vida de Edith Stein. Sabemos que sua vida pode ser lida a partir de várias óticas, mas aqui convidamos o leitor a desarmar-se dos títulos de “judia”, “fenomenóloga”, “santa”, “filósofa”, para procurarmos conhecer a “pessoa” Edith Stein, ou o “fenômeno” Edith Stein. Procuremos ler sua vida sem preconceitos, sem aprisioná-la em seus rótulos. Este é um convite a um olhar fenomenológico, ainda que não o usemos afirmar esse título em nosso trabalho.

2.2 Edith Stein e suas origens

Siegfried Stein (1844-1893) e Auguste Stein (1849-1936) vieram estabelecer-se em Breslau²² (Alemanha) em 1890, com seis filhos. Comerciantes de madeira,

²¹Da tradução em espanhol: “*En una semana había terminado. Serían las ocho de la tarde; comenzó a llover mansamente. [...] no puedo decir con cuánta alegría y gratitud. Todavía hoy, al cabo de más de veinte años, percibo en mí la huella de aquel suspiro de alivio.*”

eram de nacionalidade alemã e religião judaica. Edith Stein nasceu no ano seguinte, sendo a sétima filha do casal²³. Era dia 12 de outubro de 1891. “Esse dia tinha para mim um significado especial: eu havia nascido no dia da Reconciliação, e minha mãe considerava sempre a festa da Reconciliação como o dia de meu aniversário, ainda que o dia dos cumprimentos de felicitações e dos presentes era o 12 de outubro²⁴” (STEIN, 2002, p. 203).²⁵

A Festa da Reconciliação ou Yom Kipur tem para os judeus um significado especial. O Dia do Perdão judaico era um dia de penitência; em tempos passados, o Sumo Sacerdote impunha as mãos sobre um cordeiro, simbolizando os pecados do povo, e enxotava-o para o deserto. A senhora Stein tinha grande reverência por essa festa e considerava o nascimento de Edith nesse dia como um sinal da predileção divina.

Antes de completar dois anos de idade, Edith Stein perdeu repentinamente o pai, em julho de 1893, um comerciante de madeira que saiu para uma viagem de negócios e não voltou mais. Segundo a mãe, morreu de insolação. Ao sair de viagem, Edith estava em seu colo e essa foi a última vez que se viram. A vida de Edith ganhou ainda um outro significado para a mãe: “Assim, eu era para ela o último legado de meu pai”²⁶ (STEIN, 2002, p. 204).

A senhora August Stein ficou viúva, com sete filhos, com idades variando entre 1 a 17 anos, e com dívidas a serem pagas. Os familiares, com quem tinha um relacionamento muito estreito, especialmente os irmãos, aconselharam-na a vender o comércio, pagar as dívidas e contar com o apoio familiar para o que fosse necessário. Ela, porém, examinando a situação, tomou outro rumo:

²²- Quando a família Stein mudou-se para Breslau, a cidade contava com quase meio milhão de habitantes. Atualmente é território da Polônia.

²³ O total de filhos do casal Stein foi de onze filhos, mas quatro morreram pequenos. Edith Stein era a caçula da família. Os sete filhos sobreviventes foram: Paul (1872-1943), Else (1876-1956), Arno (1879-1948), Frieda (1883-1942), Rosa (1883-1942), Erna (1890-1978) e Edith (1891-1942).

²⁴ A Festa da Reconciliação ou Yom Kipur é uma data móvel, por isso esta fala de Stein.

²⁵ Da tradução em espanhol: “*Ese día tenía para mi una significación especial: yo había nacido el día de la Reconciliación, y mi madre consideraba siempre la fiesta de la Reconciliación como el día de mi cumpleaños, aunque el día de las felicitaciones y de los regalos era el 12 de octubre*”. (p. 203)

²⁶ Da tradução em espanhol: “*Así era yo para ella el último legado de mi padre*”.

Sua decisão estava tomada: queria desenvolver-se por si mesma e não aceitar a ajuda de ninguém, além disso, queria manter o negócio e fazê-lo prosperar. Claro que não entendia muito do negócio de madeira, porque os muitos filhos e a casa lhe haviam ocupado todo o tempo. Porém, havia sido filha de um comerciante e possuía, por natureza, a específica atitude comercial; sabia perfeitamente fazer contas, tinha a justa intuição para saber o que era 'negócio', valor e decisão para perceber a oportunidade e, sem dúvida, a suficiente prudência para não arriscar-se demais. Sobretudo possuía em grande medida, o grande dom de relacionar-se com as pessoas ²⁷ (STEIN, 2002, p. 176.)

Os anos que se seguiram não foram fáceis, pois fazia pouco tempo que a família Stein e seu comércio tinham se estabelecido em Breslau; após a morte do pai, a família passou a viver em um modesto bairro, onde experimentou muita restrição. A senhora Stein, todavia, com uma energia pouco comum, conseguiu criar os sete filhos e administrar o comércio, reatando pessoalmente as relações comerciais do marido. Fez várias viagens de negócios e foi adquirindo experiência e admiração de seus vizinhos pela coragem e tenacidade, tornando-se uma grande comerciante de madeiras.

A figura da mãe perpassou toda a vida de Edith Stein. Nutria uma profunda admiração pela grande mulher que ela foi e nela encontrou inspiração e força durante toda vida. A fé movia a vida da senhora Auguste Stein que, desde cedo, soube como ensinar isso para seus filhos. Tratava-se de uma família de judeus que observava cuidadosamente os dias de jejum e festas sagradas.

Judia convicta e orgulhosa de suas origens, dava a seus filhos uma educação calcada nos exemplos do Antigo Testamento. [...] Ensinou-os a observar o cerimonial rabínico. Todas as refeições eram acompanhadas da recitação de louvores em hebraico e a louça cuidadosamente lavada e diversas vezes enxaguadas de acordo com o ritual. (MURIBEL, 2001, p. 35)

²⁷Da tradução em espanhol: “*Su decisión estaba tomada: quería desenvolverse por sí misma y no aceptar ninguna ayuda de nadie, y además quería mantener el negocio y hacerlo prosperar. Claro que no entendía todavía demasiado del negocio de la madera, porque los muchos hijos y la casa Le habían ocupado todo su tiempo. Pero había sido hija de un comerciante y poseía, por naturaleza, la específica aptitud comercial; sabía perfectamente hacer cuentas, tenía la justa intuición para saber lo que era ‘negocio’, valor y decisión para percibir la oportunidad y, sin embargo, la suficiente prudencia para no arriesgarse demasiado. Sobre todo poseía en gran medida, el gran don de relacionarse con las personas*”.

Dando prosseguimento a sua narrativa, Stein descreve as grandes festas judaicas, a Pessah ou Festa da Páscoa, o Dia da Reconciliação ou Yom Kipur e a Festa dos Ázimos, demonstrando um conhecimento de suas origens e a elas dando um valor muito grande. Embora tenha escrito sua autobiografia após sua conversão ao catolicismo, reconhece nessas festas a origem de sua fé, uma vez que o cristianismo tem sua origem no judaísmo:

A maioria dos cristãos desconhece que a festa dos “Ázimos” é uma recordação da saída dos filhos de Israel do Egito²⁸, e que todavia hoje se celebra tal como a celebrou o Senhor com seus discípulos quando instituiu o sacramento do altar e se despediu deles. (STEIN, 2002, p. 200)²⁹

Apesar do zelo religioso que havia na família de Stein, tratava-se de uma família aberta. Um indício dessa abertura era que todos os filhos da família Stein estudavam em escolas públicas alemãs e não em escolas judaicas, como era comum. Esse é um aspecto importante para conhecer o processo de formação de Edith Stein a partir de suas origens (BELLO, 2011).³⁰

Edith Stein ingressou aos seis anos na Escola Primária, tendo sempre um ótimo desempenho. Ela recorda esse tempo como um tempo em que começa a entrada em “seu mundo interior”. Na escola sente que é “levada a sério” e procura dar sempre o melhor de si. Embora bem nova, já sonhava alto e estava à frente do esperado para uma menina de sua idade.

Fora da escola, meu comportamento foi cada vez mais calado e sereno, coisa que surpreendeu toda família. Porém, isso se devia a que eu havia me submergido em meu mundo interior. Em parte também se devia à forma desdenhosa que os adultos costumavam tratar as crianças. Quando começava a falar sobre coisas para as quais eu lhes parecia muito pequena, então riam e contavam uns aos outros como curiosidade. Por isso preferia permanecer em silêncio. Na escola fui levada a sério (STEIN, 2002, p. 208- 209).³¹

²⁸ Cf. Ex. 12, 15-20.

²⁹ Da tradução em espanhol: “*La mayoría de los cristianos desconocen que la fiesta de los “Ázimos” es el recuerdo de la salida de los hijos de Israel de Egipto, y que todavía hoy se celebra tal y como la celebró el Señor con sus discípulos cuando instituyó el sagrado sacramento del altar y se despidió de ellos*”.

³⁰ A professora Angela Ales Bello ressaltou essa característica da família Stein no Café Filosófico do Mosteiro de São Bento, em 29/09/2011.

³¹ Da tradução em espanhol: “*Fuera de la escuela, mi comportamiento fue cada vez más callado y sereno, cosa que sorprendió a toda la familia. Pero esto se debía a que yo me había sumergido en mi*

Os livros passaram a fazer parte da vida de Stein desde a infância. Era considerada precoce pelos seus irmãos pelo interesse que demonstrava por leituras que consideravam de adultos. Na escola foi destacando-se dos demais alunos pela inteligência que demonstrava nos diferentes assuntos, chamando atenção dos professores e fazendo-a ganhar prêmios de incentivo por parte da escola. Todavia, ela dizia preferir os livros mais que qualquer prêmio. Ao longo da vida foi aprimorando esse hábito, que se tornou cada vez mais eclético³².

Desde criança sonhava grande e se sentia um tanto deslocada do ambiente em que vivia. Sobre isso diz: “Em meus sonhos via sempre ante mim um brilhante porvir. Sonhava com felicidade e glória, pois estava convencida que estava destinada a algo grande e que não pertencia em absoluto ao ambiente estreito e burguês em que havia nascido”. (STEIN, 2002, p. 207).³³

Apesar de ter sido educada na fé dos pais e do grande interesse que demonstrava pelos estudos, com o passar dos anos sofreu um esfriamento na fé e também nos estudos. Passou uma crise na adolescência, por volta dos quatorze anos, e recusou-se a continuar estudando. Sua mãe, muito tranquilamente, decidiu não forçá-la e, compreendendo seu momento, enviou-a a Hamburgo, para a casa de sua filha mais velha, Else, para auxiliá-la nas tarefas domésticas, em virtude do nascimento de seu segundo filho.

2.3 A Universidade de Breslau: 1911

Após voltar para casa, aos dezesseis anos, deu prosseguimento aos estudos e os concluiu com nota máxima. Em 1911, ingressou na Universidade de Breslau, onde estudou psicologia, história, filosofia, e gramática alemã. O ambiente acadêmico era quase exclusivamente masculino, mas Edith não se inibia.

mundo interior. En parte también se debía quizá a la forma algo desdeñosa con que los mayores acostumbran a tratar a los niños. Cuando comenzaba a hablar sobre cosas para las que yo les parecía demasiado pequeña, entonces se reían y se lo contaban unos a otros como curiosidad. Por eso prefería permanecer en silencio. En la escuela fui tomada en serio”.

³² Apenas para citar algumas leituras Stein, destacamos os seguintes autores: Kant, Nietzsche, Espinosa, Shakespeare (por quem tinha uma predileção), Grillparzer, Hebbel, Ibsen, Goethe, Sigrid Undset, Platão, Homero, entre muitos outros.

³³ Da tradução em espanhol: “*En mis sueños veía siempre ante mí un brillante porvenir. Soñaba con felicidad y gloria, pues estaba convencida de que estaba destinada a algo grande y que no pertenecía en absoluto al ambiente estrecho y burgués en el que había nacido”.*

Interessava-se fortemente pelas questões humanas, mas na universidade decepcionou-se com a forte tendência naturalística e experimental da época nos estudos em Psicologia. Não encontrando, no positivismo e na psicologia, uma resposta a sua sede de conhecimento sobre os problemas fundamentais do ser humano e sobre o destino da humanidade, voltou-se para a filosofia de Edmund Husserl, “grande mestre e futuro prêmio Nobel da Fenomenologia que, opondo-se ao idealismo kantiano, orienta seu interesse para o objeto” (FABRETI, 2010, p. 21). Seu encontro com a fenomenologia de Husserl³⁴ exerceu grande impacto sobre ela, que percebeu que ali encontrara o que buscava em termos filosóficos.

Segundo Pezzella (2007) a fenomenologia de Husserl travou uma dura batalha contra os relativismos e psicologismos³⁵ de sua época. A oposição ao psicologismo o conduziu a uma busca da essência dos fenômenos. Através da penetração nas *coisas mesmas* buscava-se a *ideia* ou a *essência das coisas*. Stein sentiu-se entusiasmada quando conheceu esse modo de fazer ciência.

Todos os meus estudos de psicologia me haviam levado ao convencimento de que esta ciência estava nas fraldas; que lhe faltava o necessário fundamento de ideias básicas e claras, e que esta mesma ciência era incapaz de elaborar esses pressupostos. Todavia, o que até aquele momento conhecia da fenomenologia, me havia entusiasmado, porque consistia fundamental e essencialmente em um trabalho de clarificação, e porque desde aquele principio ela mesma havia forjado os instrumentos intelectuais que necessitava.” (STEIN, 2002, p. 331)³⁶

Husserl era professor em Gotinga, localizada a cerca de 600 km de Breslau, cidade onde Stein morava com sua família e estudava. No mesmo período em que Stein desgostou-se por seus estudos em Breslau e conheceu, ainda que superficialmente, a fenomenologia de Husserl, sua mãe recebeu uma carta de uma

³⁴ Edmund Husserl nasceu em 8 de abril de 1859, filho de pais judeus. Era matemático, porém interessava-se por filosofia. Iniciou seus estudos filosóficos com o filósofo e psicólogo Franz Brentano em Viena, em 1833. Três anos depois converteu-se ao protestantismo luterano.

³⁵ Tendência de reduzir os princípios de algumas ciências a puras leis psicológicas.

³⁶ Da tradução em espanhol: “*Todos mis estudios de psicología me habían llevado al convencimiento de que esta ciencia estaba todavía en pañales; que le faltaba el necesario fundamento de ideas básicas claras, y que esta misma ciencia era incapaz de elaborar esos presupuestos. En cambio, lo que hasta aquel momento conocía de la fenomenología, me había entusiasmado, porque consistía fundamental y esencialmente en un trabajo de clarificación, y porque desde el principio ella misma había forjado los instrumentos intelectuales que necesitaba*”.

parenta, que morava em Gotinga, convidando Edit Stein e sua irmã Erna para estudar em Gotinga. Stein não teve mais dúvida:

Esta era a última gota que me faltava. No dia seguinte comuniquei a minha assombrada família que no próximo semestre de verão iria para Gotinga. Como não conheciam o processo anterior que me havia levado a isso, a notícia caiu como um raio do céu. Minha mãe disse: 'Se é útil para teus estudos, eu não vou opor-me'. (STEIN, 2002, p. 328)³⁷

Após cursar quatro semestres na universidade de Breslau, Stein preparou-se para o importante passo que daria em sua vida, a mudança para Gotinga, pedindo informações a um primo sobre os cursos do próximo semestre, que prontamente a atendeu. Estudou, durante as férias as “Investigações Lógicas” de Husserl, pois “estava convencida de que Husserl era o filósofo de nosso tempo” (STEIN, 2002, p. 329)³⁸.

2.4 A Universidade de Gotinga: 1913

Mudou-se para Gotinga, em 1913, e seu primeiro contato com Husserl foi em um seminário de filosofia, no qual, ao final, seriam entrevistados, um a um, os novos alunos que seriam admitidos. Assim descreve Stein essa primeira conversa:

Quando eu lhe disse meu nome, ele acrescentou:
 - O Dr. Reinach me falou de você. Já leu algo meu?
 - *As Investigações Lógicas*.
 - Toda *As investigações lógicas*?
 - O segundo tomo completo.
 - Inclusive o segundo tomo? Então você é uma heroína?”, disse sorrindo.
 Assim fui admitida. (STEIN, 2002, p. 354)³⁹

³⁷ Da tradução em espanhol: “*Esta era la última gota que me faltaba. Al día siguiente comunique a mi asombrada familia que al próximo semestre de verano me iba a Gotinga. Como no conocían el proceso anterior que me había llevado a esto, la noticia cayó como un rayo en un cielo despejado. Mi madre dijo: “Si es útil para tus estudios, yo no voy a oponerme”.*”

³⁸ Da tradução em espanhol: “*Yo estaba ya convencida de que Husserl era el filósofo de nuestro tiempo*”.

³⁹ Da tradução em espanhol: “*Cuando yo Le dije mi nombre, el añadió: “El Dr. Reinach me há hablado de usted. ¿Ha leído usted algo mío?” Las investigaciones lógicas. ¿Todas as Investigaciones lógicas? – “El segundo tomo completo” - ¿Incluso el segundo tomo? Entonces es usted una heroína?, dijo sonriendo. Así fui admitida*”.

Iniciou-se, assim, um tempo de adaptações, uma intensa vida acadêmica, entre estudos, amizades e muita dedicação em apreender a fenomenologia husserliana, bem como preparar-se para o exame de estado e sua tese de doutorado.

Segundo Stein, Gotinga contava com aproximadamente 30.000 habitantes e a universidade e os estudantes estavam no centro da vida daquela cidade. “Era em verdade uma ‘cidade universitária’, não – como Breslau - uma cidade que entre outras coisas tem também universidade” (STEIN, 2002, p. 347)⁴⁰.

Lembra com carinho da cidade que teve seu tempo áureo entre os anos de 1905 e 1914: “Querida cidade antiga de Gotinga! Creio que somente quem estudou ali entre os anos 1905 e 1914, no curto tempo de esplendor da escola fenomenológica de Gotinga, pode compreender o que nos faz vibrar este nome”. (STEIN, 2002, p. 345).⁴¹

Em Gotinga participou do grupo de estudos fenomenológicos que se formou em torno de Husserl, e consolidou amizades importantes com Heidegger, Adolf Reinach, Max Scheler, Hedwig Conrad-Martius, Hans Theodor Conrad, P. Fander, Hans Lips, entre outros.

Além de Husserl, grande mestre de Stein, um filósofo que exerceu influência sobre ela foi Max Scheler. Ele se destacava pelo poder de comunicação e influência que exercia sobre os jovens filósofos, em suas conferências. Husserl impunha-se pelo radicalismo com o qual sustentava que a verdade era imutável, pelo rigor de seu método, e estava mais empenhado em suas pesquisas sobre o problema do conhecimento, preocupando-se com noções mais abstratas do conhecimento.

Scheler estudava as relações humanas como o amor, o ódio, o arrependimento. Edith interessou-se de modo particular por um ensaio sobre uma percepção intuitiva estudada por Scheler (Einfühlung), que era o tema de sua tese.

Com Adolf Reinach, a quem Stein descreve como sendo o “braço direito de Husserl”, estabelece uma relação ainda mais próxima, tornando-se frequentadora

⁴⁰Da tradução em espanhol: “Era en verdad una ‘ciudad universitaria’, no – como Breslau - una ciudad que entre otras cosas tiene también universidad”.

⁴¹ Da tradução em espanhol: “Querida antigua ciudad de Gotinga! Creo que solamente quien haya estudiado allí entre los años 1905 y 1914, en el corto tiempo de esplendor de La escuela fenomenológica de Gotinga, puede comprender lo que nos hace vibrar este nombre”.

frequente de sua casa e tornando-se muito próxima também de sua esposa, Anne Reinach.

A sala de estudos de Adolf Reinach foi minuciosamente descrita por Stein, que considerava “o quarto de trabalho mais cômodo e com mais bom gosto que havia visto” (STEIN, 2002, p. 353)⁴². E ainda: “As horas passadas no delicioso quarto de trabalho de Reinach foram as mais felizes de toda a minha permanência em Gotinga.” (STEIN, 2002, p. 378)⁴³.

Husserl aceitou orientar a tese de doutorado de Stein, mas fez algumas exigências. Um delas foi que ela realizasse sua tese em confrontação com Theodor Lipps⁴⁴, pois “tinha intenção de que seus alunos estabelecessem com clareza em seus trabalhos a relação da fenomenologia com as outras correntes filosóficas significativas da época.” (STEIN, 2002, p. 374). Essa exigência a contrariou, mas resignou-se e pôs-se a estudar a larga série de obras de Theodor Lipps.

Nesse período, Stein iniciou um processo de construção pessoal do conhecimento. Percebe que em cada estudo seria necessária uma elaboração pessoal, não apenas uma reprodução do que já existia.

Pela primeira vez encontrei aqui o que experimentei sempre em meus trabalhos posteriores: os livros não me servem de nada até que eu não tenha clarificado a questão em uma elaboração pessoal. Esta luta pela clareza se cumpria em mim através de grandes sofrimentos, e não me deixava descansar nem de dia nem de noite. Naquela época perdi o sono, que durou muitos anos, até que voltei a ter noites tranquilas.” (STEIN, 2002, p. 380)⁴⁵

Enquanto Edith estava trabalhando em sua tese doutoral, sobre a empatia, explodiu a I Guerra Mundial. Motivada pelo convite de colegas universitários e seu interesse e abertura às necessidades humanas, interrompeu seus estudos e, em

⁴²Da tradução em espanhol: “*Era o cuarto de trabajo más cómodo y con más gusto que había visto*”.

⁴³Da tradução em espanhol: “*Las horas pasadas en el delicioso cuarto de trabajo de Reinach fueron las más felices de toda mi estancia en Gotinga*”.

⁴⁴Theodor Lipps (1851-1914), psicólogo e filósofo. Vivia em Munique.

⁴⁵Da tradução em espanhol: “*Por vez primera encontré aquí lo que he experimentado siempre en mis posteriores trabajos: los libros no me sirven de nada hasta que yo no me he clarificado la cuestión en una elaboración personal. Esta lucha por la claridad se cumplía entonces en mí a través de grandes sufrimientos, y no me dejaba descansar ni de día ni de noche. En aquella época perdí el sueño, lo que ha durado muchos años, hasta que volví a tener noches tranquilas*”.

1915, fez um pedido para servir como enfermeira voluntária na Cruz Vermelha alemã.

2.5 Em Tempos de Guerra

Antes de ser enviada ao serviço voluntário, foi dado um curso de enfermagem para estudantes universitárias: “Durante o curso tivemos que declarar se estávamos à disposição da Cruz Vermelha somente no território de Breslau, para a nação ou sem nenhum limite. Naturalmente, me ofereci sem condições.” (STEIN, 2002, p. 397)⁴⁶.

Quando estava para ser enviada ao Hospital de Mährisch Weisskirchen, aconteceu um desentendimento entre Edith Stein e sua mãe. Pela primeira vez em sua narrativa a mãe se opôs a uma decisão da filha, pois não concordava que fosse servir na guerra. Tentou inutilmente persuadi-la e, vendo que isso não surtiu efeito, disse: “Não irás com meu consentimento. Eu respondi com a mesma determinação: Então terei que ir sem teu consentimento” (STEIN, 2002, p. 416)⁴⁷.

A decisão de Stein estava tomada e não voltou atrás. Dizia a si mesma: “Agora não tenho mais vida pessoal. Todas as minhas forças estão a serviço do grande acontecimento. Quando a guerra terminar, se eu ainda estiver viva, poderei pensar novamente em meus assuntos pessoais” (STEIN, 2002, p. 397).⁴⁸

Chama atenção aqui o grande desprendimento de Stein pela sua própria vida e pelos seus projetos pessoais. Não era qualquer momento que ela estava vivendo em sua “vida pessoal”. Tratava-se de sua tese de doutorado, junto ao fundador da Fenomenologia, com quem tinha uma profunda identificação. Podemos dizer que ela estava vivendo um momento de ascensão em sua vida de acadêmica, vivendo em uma cidade onde se “respirava” filosofia, e ainda assim foi capaz de renunciar a

⁴⁶Da tradução em espanhol: “*Durante el curso tuvimos que declarar si nos poníamos a disposición de la Cruz Roja, si solamente en el territorio de Breslau, si para la nación o sin ningún límite. Naturalmente, me ofrecí sin condiciones*”.

⁴⁷Da tradução em espanhol: “*No irás con mi consentimiento*”. Yo respondí con la misma determinación: *Entonces tendré que hacerlo sin tu consentimiento*”.

⁴⁸Da tradução em espanhol: “*Ahora yo no tengo una vida propia*”, me dije a mi misma. *Todas mis energías están al servicio del gran acontecimiento. Cuando termine la guerra, si es que vivo todavía, podre pensar de nuevo en mis asuntos personales*”.

seus projetos, sabendo que poderia não conseguir mais concluí-los, colocando-se à disposição “sem condições”.

O que parecia ser uma ruptura em seus planos, foi decisivo para o melhor desenvolvimento de sua tese, sobre uma vivência intersubjetiva, a empatia⁴⁹. Durante esse período vivenciou de modo bastante próximo o sofrimento e a dor humana, colocando sua vida a serviço daquele grande acontecimento mundial.

Passados alguns meses, sentindo-se esgotada, voltou para um tempo de descanso, ficando de sobreaviso para voltar logo que fosse convocada novamente. Como o novo chamado não ocorreu, Stein retomou seus estudos.

A guerra marcou fortemente a narração desse período em sua autobiografia. Durante o processo de construção da tese, Stein perdeu companheiros de estudos e professores e, em sua escrita, vai alternando o desenvolvimento da tese com a notícia da morte dos combatentes. Dessa forma, a guerra é a situação, a condição na qual sua narrativa se faz; ela nunca deixa o leitor perder de vista essa realidade. Dentre os mortos, estava o filho mais novo do professor Husserl, com dezessete anos.

2.6 A Tese e o Mestre

Percebe-se no relato de Stein uma forte ligação com o “mestre” Husserl, não somente no ambiente acadêmico, mas essa relação estendia-se também fora desses limites. A esposa de Husserl tinha um relacionamento muito cordial com Stein e teve uma participação decisiva nos “bastidores” do término de seu doutorado, uma vez que Husserl vivia um momento muito intenso em seus trabalhos acadêmicos, pois ia assumir uma cátedra na Universidade de Friburgo, na época em que ela produzia a tese, e ele tinha a intenção de adiar seu doutorado, e assim ter mais tempo para acompanhá-la melhor. A esposa interveio em favor de Stein e Husserl desdobrou-se para atender ao pedido da esposa que “*não o deixava em paz*” (STEIN, 2002, p. 483).

⁴⁹ A empatia, para Stein, é antes de tudo uma abertura para o outro, que reconheço como semelhante. Cada ser humano é visto como alguém chamado a realizar-se plenamente (corpo vivo, alma e psique, e espírito), porém sem deixar de confrontar-se com o outro.

Stein concluiu sua tese em 1916, cujo título foi *Sobre o problema da empatia (Zum Problem der Einfühlung)*, obtendo nota máxima, “*summa cum laude*”.⁵⁰ Tornou-se, assim, a segunda mulher com doutorado em filosofia na Alemanha, sendo que a primeira foi sua amiga Hedwig Conrad-Martius. (NOVINSKY, 2012)

No outono de 1916 mudou-se para Friburgo para ser assistente do professor Husserl até 1918. Como assistente foi encarregada de introduzir os novos alunos no método fenomenológico e ordenar e transcrever as anotações do professor Husserl, já que ele utilizava a estenografia para escrever. Stein teve participação ativa na transcrição dos manuscritos do II e III volumes do livro *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*.

Assim ela descreveu Husserl, em seu primeiro contato:

Não havia nada chamativo ou surpreendente em sua aparência externa. Um típico professor distinto. De estatura mediana, ar digno, cabeça nobre e distinta. Sua pronúncia denunciava imediatamente seu nascimento austríaco: era oriundo da Moravia e havia estudado em Viena. Também sua vivaz amabilidade tinha algo da antiga Viena. Acabava de completar cinquenta e quatro anos. (STEIN, 2002, p. 354)⁵¹

Se a aparência externa do professor Husserl não lhe causou grande impacto, não se pode dizer o mesmo sobre a fenomenologia. O encontro com a fenomenologia husserliana foi um divisor de águas na vida de Edith Stein. Conheceu e aprofundou-se nos escritos de Husserl como poucos, pois reconhecia em sua obra, sobretudo nas *Investigações Lógicas*, “um abandono radical do idealismo crítico kantiano e do idealismo de cunho neokantiano” (STEIN, 2002, p.355). Em Husserl o olhar filosófico apartava-se do sujeito e dirigia-se ao objeto; “o conhecimento parecia ser de novo um receber, que obtém sua norma das coisas, e

⁵⁰ No anexo 1 apresentamos o *Curriculum Vitae* preparado por Edith Stein, presente em sua tese doutoral.

⁵¹ Da tradução em espanhol: “No había nada llamativo o asombroso en su apariencia externa. Un típico profesor distinguido. De estatura mediana, aire digno, la cabeza noble e distinguida. Su pronunciación denunciaba inmediatamente su nacimiento austríaco: era oriundo de Moravia y había estudiado en Viena. También su vivaz amabilidad tenía algo de la antigua Viena”.

não – como no criticismo- um determinar, que impõe sua norma às coisas”. (STEIN, 1933/2002, p. 355).⁵²

Se por parte de Stein houve uma forte identificação com Husserl e um aprofundamento crescente em sua corrente filosófica, Husserl, por sua vez, não poupava elogios à sua aluna e depois assistente. Reconhecia sua “profundidade científica” e suas “indiscutíveis aptidões para a investigação científica independente e para o trabalho docente”.⁵³

Como dissemos no início deste capítulo, a autobiografia de Stein ficou inacabada. Ela encerra contando sobre sua alegria, de Husserl e amigos próximos após a defesa da tese e o entusiasmo do “mestre” por Stein ter aceitado tornar-se sua assistente.

Husserl e Stein mantiveram um relacionamento cordial praticamente durante toda a vida. Mesmo quando deixaram de trabalhar juntos mantiveram contatos esporádicos e troca de cartas.⁵⁴ Muitos anos mais tarde Stein declarou que a fenomenologia de Husserl era seu método filosófico materno.

⁵² Da tradução em espanhol: “*El conocimiento parecía ser de nuevo un recibir, que obtiene su norma de las cosas, y no – como en el criticismo – un determinar, que impone su norma a las cosas*”.

⁵³ Em anexo, os textos integrais que Husserl escreveu sobre Edith Stein: em 29 de julho de 1916, por ocasião de sua tese, e em 6 de fevereiro de 1919, em uma carta de recomendação à Universidade de Friburgo. (Anexos 2 e 3)

⁵⁴ Em anexo uma carta de Husserl a Stein, de 1930, já com 74 anos. (Anexo 4)

2.7 Speyer E Münster - 1923 A 1933

Foto 2 e 3: Placas indicativas da cidade de Speyer



Fonte: Fotos do arquivo pessoal da autora.

Seguindo nosso percurso em busca de conhecermos melhor Edith Stein, passaremos para os anos em que ela tornou-se professora. Esse era um sonho que alimentava desde a infância⁵⁵. Durante o doutorado, Stein teve sua primeira experiência como professora substituta de um professor que estava na guerra e outro doente. Deu aulas de alemão, história e geografia, latim e três cursos superiores. Percebeu, porém que teria que fazer uma escolha, pois o magistério estava tomando todo o seu tempo e não estava conseguindo dedicar-se ao doutorado. Mesmo a contra gosto, precisou parar de trabalhar e dedicar-se ao doutorado “se é que queria fazer algo científico que valesse a pena” (STEIN, 1933/2002, p. 476).

Ao concluir o doutorado, Stein tentou seguir a carreira acadêmica, mas sua condição de mulher a impediu de exercer o magistério no ensino superior.

Entre os anos de 1923 a 1931 passou a dar aula no Instituto Santa Maria das Dominicanas⁵⁶, em Speyer, na Alemanha. Desse período não existem relatos

⁵⁵ Como desde criança Stein dizia que seria professora, as irmãs a julgavam muito precoce e que esse um sonho sem fundamento.

⁵⁶ O Convento de Santa Madalena existe desde 1228 em Speyer, primeiramente como comunidade de penitentes, que tinha como padroeira santa Madalena. Em 1304 foram incorporadas à Ordem Dominicana. O convento passou por sucessivas crises, destruições e perseguições, em virtude de guerras (1689-Guerras da Sucessão de Luiz XIV), da Revolução Francesa (1792/95) e do

autobiográficos, mas uma farta documentação histórica, cartas e relatos colhidos de pessoas que coviveram com ela nessa época: ex-alunas, colegas, ouvintes de conferências, entre outras. Esse é o período em que produz a maior parte do que hoje temos como sua Obra Pedagógica: são diversas conferências e o curso *Estrutura da Pessoa Humana* (1932-33/2000).

Selecionamos os testemunhos de três alunas que a conheceram no período em que lecionou na Escola das Dominicanas, destinada à formação de professoras. As alunas não relatam suas palavras, mas suas atitudes enquanto professora e ajudam-nos a conhecer melhor a personalidade de Edith Stein.

A senhorita Stein foi nossa professora de alemão de 1926 a 1929. Desde o primeiro contato percebemos que estávamos diante de uma personalidade muito forte, de uma educadora. Suas aulas eram de uma tal clareza que era impossível não assimilá-las e não sentir estimulada a trabalhar. O tempo passado a seu lado era como uma espécie de recolhimento. Nestes três anos não me recordo uma única vez em que uma de nós tenha ousado, com menor barulho, interromper a aula. Mas ela nunca foi severa e dura conosco. Falava com ar sério e encantava-nos sua afabilidade (MURIBEL, 1954/2001, p. 85).

Uma outra aluna tem a seguinte lembrança:

Na correção de nossas composições o ponto capital era a clareza de plano e a objetividade de pensamento. Requisitos de estilo e de imaginação pareciam-lhe secundários. Antes de tudo, era seu desejo que nossa exposição fosse solidamente fundamentada. (MURIBEL, 1954/2001, p. 86)

Uma outra ainda:

A senhorita Stein era educadora em todas as ocasiões. Sabia organizar maravilhosas recreações, nas quais suas alunas se sentiam à vontade para se dirigirem a ela com toda liberdade e cordialidade. Desejava, então, que nos sentíssemos despreocupadas e desinibidas. Falávamo-lhes de nossos problemas e de nossas experiências e ela, pacientemente, nos escutava. Inspiravam-me

Nacionalismo (1937/38). Em 1802 o convento foi secularizado e vendido, sendo restabelecido pela Igreja em 1827. Em 1839 as Irmãs dominicanas abriram a primeira Escola Superior Feminina do palatinado. Outras escolas também foram abertas, entre elas uma escola para formar professoras católicas.

uma espécie de temor seu ar grave e sua radiosa inteligência. Ao lado de um espírito tão grande, tudo o mais me parecia detalhe insignificante. Quase nunca nos falava de religião, mas sentíamos que ela vivia sua fé. (MURIBEL,1954/2001, p. 86)

Foto 4: Jardim do Convento, onde Stein costumava promover momentos de descontração com as alunas.



Fonte: Fotos do arquivo pessoal da autora.

Conciliando uma vida intensa de aulas, publicações e convívio com as alunas, os anos em Speyer foram também de aprofundamento na fé católica⁵⁷. Nesse período conheceu a obra de São Tomás de Aquino e fez a tradução de *Quaestiones Dignitate de Veritate* para o alemão, uma vez que dominava o latim. Aliás, ela tinha fluência em sete idiomas: latim, grego, francês, alemão, espanhol, polonês e holandês.

Santo Tomás de Aquino exerceu grande influência sobre ela, ajudando-a a compreender que era possível conciliar vida intelectual e espiritualidade, fé e razão.

⁵⁷ A conversão de Stein ao catolicismo aconteceu em 1921. Sobre esse assunto trataremos com maior detalhe no tópico seguinte.

Em Speyer, escreveu a uma amiga⁵⁸: “que fosse possível colocar a ciência a serviço de Deus, só o compreendi claramente depois de haver entrado em contato com Santo Tomás [...] e foi isso que me fez decidir dedicar-me seriamente outra vez ao trabalho científico” (STEIN, 1928/2002, p. 809)⁵⁹. Escreveu ainda:

No tempo imediatamente anterior a minha conversão e depois, durante um certo período, cheguei a pensar que levar uma vida religiosa significaria deixar de lado tudo de terreno e viver tendo o pensamento única e exclusivamente em coisas divinas. Porém, pouco a pouco, fui compreendendo que neste mundo é necessário outra coisa, e que inclusive na vida mais contemplativa, não deve cortar-se a relação com o mundo; creio, inclusive, que quanto mais profundamente alguém está imerso em Deus, tanto mais se deve ‘sair de si’, isto é, oferecer-se ao mundo, para ir levar a vida divina.⁶⁰

O conhecimento da obra de São Tomás de Aquino foi facilitado pelo fato de ser dominicano, da mesma ordem do convento onde Edith Stein trabalhava e morava. As irmãs dominicanas cultivam grande devoção ao santo, preparando solenemente sua festa anual. O interesse de Edith Stein voltou-se, sobretudo, para o estudo teológico, reconhecendo a grande riqueza que existia em seus escritos.

Em 26 de março de 1931 despediu-se de Speyer e, no ano seguinte, assumiu um posto de docente no Instituto Alemão de Pedagogia Científica em Münster.

O nome de Edith Stein aos poucos foi se tornando conhecido, sobretudo em agrupamentos da juventude e nos círculos femininos católicos. Fez diversas conferências em Friburgo, Munique, Colônia, Zurique, Viena, Praga, Salzbourg. Era elogiada pela capacidade de oratória e de utilizar termos precisos e seguros.

⁵⁸ Carta a Calista Kopf, em 12/02/1928.

⁵⁹ Da tradução em espanhol: “*Que sea posible cultivar la ciencia como culto divino, es algo que me ha quedado bien claro después de haber entrado en contacto con santo Tomás [...] y sólo como consecuencia de ello me he decidido a tomar otra vez en serio el trabajo científico*”.

⁶⁰ Da tradução em espanhol: “*En el tiempo inmediatamente anterior a mi conversión y después, durante un cierto período, llegué a pensar que llevar una vida religiosa significaría dejar de lado todo lo terreno y vivir teniendo el pensamiento única y exclusivamente en cosas divinas. Pero, poco a poco, he comprendido que en este mundo se nos exige otra cosa, y que incluso en la vida más contemplativa no debe cortarse la relación con el mundo; creo, incluso, que cuanto más profundamente alguien está metido en Dios, tanto más debe, en este sentido, ‘salir de si mismo’, es decir, adentrarse en el mundo para comunicarle la vida divina*”.

Nesse período, em especial durante o tempo que ensinou em Münster, confrontou-se com seus próprios limites e não se intimidou em admitir em carta⁶¹ à sua amiga HedwigConrad-Martius: “Nesses meses, fiz rápidos progressos no conhecimento de meus próprios limites [...] Esse conhecimento não tem em si nada de deprimente. Simplesmente, não é muito fácil estar em um lugar de responsabilidade requerendo tantas qualidades que me faltam” (STEIN, 1932/2002, p.991).⁶²

Edith Stein não parecia inibir-se em revelar seus limites, pois conhecia suas potencialidades. Não precisava se afirmar perante as pessoas, mas também tinha a humildade suficiente para perceber o que lhe faltava. Se considerarmos que esses foram os tempos de maior projeção de Edith Stein como conferencista internacional, sua confiança ganha ainda mais valor.

⁶¹ Carta de 13/11/1932.

⁶² Da tradução em espanhol: “*este conocimiento de los propios limites ha hecho en mí grandes progresos en los últimos meses [...] Ser consciente de esto, no es cosa que me deprima. Únicamente que no es fácil hallarse en un puesto de responsabilidad, para el que a una le falta tantas cosas necesarias [...]*”

2.8 Conversão e Carmelo: caminhos que se encontram

Foto 5: Priora das Dominicanas de Speyer, que é brasileira. Ao fundo, uma foto de Edith Stein já como carmelita.



Fonte: Foto do arquivo pessoal da autora.

Em 1921 Edith Stein converteu-se ao catolicismo. Essa conversão sofreu grande influência de Santa Teresa de Ávila⁶³, pois foi a partir da leitura de sua autobiografia, *Livro da Vida*, que acreditou ter encontrado a verdade que sempre procurava. Todavia, essa conversão não foi instantânea, mas um processo contínuo e de sucessivos acontecimentos que antecederam seu ingresso na Igreja Católica.

Em um momento de sua autobiografia fala sobre um colega judeu de fé firme e observante da lei que vinha às vezes em sua casa para fazerem trabalhos universitários. Conta que, um dia, ia com ele pela rua segurando uma pasta e precisou entrar em uma casa, e pediu que segurasse sua pasta enquanto voltava. Ele ficou diante da porta, com a pasta na mão. Só depois ela se deu conta que era sábado e um judeu praticante não podia carregar nada nesse dia. Stein desculpou-se por seu descuido, pois, por causa dela, ele tinha feito algo proibido:

Ele me disse tranquilamente: “Não fiz nada proibido. Somente na rua está proibido carregar algo, porém em casa está permitido”. Por isso havia ficado na entrada, havendo evitado cuidadosamente pôr um pé na rua. Esta era uma das sutilezas talmúdicas que me repeliam. Porém não disse nada. (STEIN, 2002, p. 323)⁶⁴

Nesse período, Stein não vivia mais o judaísmo. Dedicava-se inteiramente aos estudos e a fé judaica foi pouco a pouco perdendo seu brilho diante dela, para tristeza de sua mãe, que sempre procurava persuadi-la a voltar-se para sua fé.

Esse mesmo colega foi consultado mais tarde por Stein, pois ele era para ela uma referência judaica:

⁶³ Teresa Sanchez Cepeda Davila y Ahumada (1515- 1582) nasceu em Ávila, na Espanha. Decidiu entrar para a vida religiosa após a leitura das “cartas” de São Jerônimo. O pai se opôs à sua decisão, mas ela fugiu de casa e, aos 20 anos, entrou no Carmelo da Encarnação. No final do sec. XV o Rei Fernando e Rainha Isabel receberam o título de “Reis católicos” e diziam que seu país só prosperaria quando fosse verdadeiramente cristão. Tinham, todavia, interesses de poder e não de fé. Em 1478 foi instalada a inquisição espanhola, que durou até 1834. A Reforma protestante, que ganhou força nesse século, não conseguiu se estabelecer na Espanha, pela forte repressão da inquisição. Os conventos tornaram-se uma espécie de centro de reunião para damas e cavaleiros de toda a cidade, um lugar ideal para quem desejava uma vida fácil e sem problemas. Teresa D’Ávila, após uma forte experiência mística sentiu o chamado para reformar a Ordem carmelita, para que voltasse a viver a estreitíssima regra primitiva do Carmelo. Fundou o Convento de São José, estabelecendo a mais estrita clausura e o silêncio quase perpétuo, além da pobreza. Fundou outros 17 mosteiros, em toda a Espanha.

⁶⁴ Da tradução em espanhol: “*El me dijo tranquilamente: No he hecho nada prohibido. Solamente en la calle está prohibido llevar algo, pero en casa está permitido*”. Por eso se había quedado en la entrada, habiendo evitado cuidadosamente poner un pie en la calle. Esta era una de las sutilezas talmúdicas que a mi me repelían. Pero no dije nada”.

Quando mais tarde, em Gotinga, comecei com minhas preocupações religiosas, lhe perguntei, em uma ocasião, por carta, qual era sua ideia sobre Deus, se cria em um Deus pessoal. Ele respondeu simplesmente: Deus é espírito, nada mais. E isto foi para mim como receber uma pedra em lugar de pão. (STEIN, 2002, p. 322)⁶⁵

Essa visão de Deus contrapunha-se à visão que mais tarde Stein encontrou em Santa Teresa de Ávila que, em sua autobiografia, quando se refere à oração, assim se expressa e define:

[...] se perseverar neste santo exercício, espero tudo da misericórdia de Deus, sabendo que ninguém o tomou por amigo sem ser amplamente recompensado. A meu ver, a oração não é outra coisa senão tratar intimamente com aquele que sabemos que nos ama, e estar muitas vezes conversando a sós com ele. (TERESA DE JESUS, 2010, p. 59)

Essa visão de Deus como um amigo íntimo, que habita a alma humana e que se deixa encontrar pela via da oração, era uma visão revolucionária; tanto que Santa Teresa recebeu o título de Doutora da Igreja, um título que indica uma visão nova a respeito de um assunto da fé. Isso indica que a “tese” defendida por Santa Teresa foi aceita como verdadeira, tornando-a doutora e mestra da oração.

Esse encontro com os escritos de Santa Teresa causaram uma revolução interior tão profunda em Stein, que ela passou não só a aderir a uma nova fé, mas desejou tornar-se monja carmelita. A conversão de Stein causou grande desconforto e indignação em sua família e quando expressou ao seu confessor, o abade dom Rafael Walzer, o desejo de entrar para o Carmelo, foi desencorajada pelo mesmo. Os principais motivos alegados pelo abade foram sua mãe, pois seria um golpe duríssimo para ela, e o grande potencial intelectual que tinha, pois acreditava que Stein serviria melhor a Deus no mundo secular, com seus escritos e conferências do que em um convento. Ainda mais que o Carmelo não tinha nenhuma tradição intelectual.

⁶⁵ Da tradução em espanhol: “*Cuando más tarde, en Gotinga, comencé con mis preocupaciones religiosas, le pregunté en una ocasión, por carta, cuál era su idea de Dios, si creía en un Dios personal. Él me contestó escuetamente: Dios es espíritu, más no se podía decir. Y esto fue para mí como haber recibido una piedra en lugar de pan*”.

Quando foi impedida de trabalhar na Alemanha, em 1933, por causa da perseguição nazista, recebeu um convite para trabalhar na América do Sul, mas decidiu-se por realizar um desejo que já alimentava há doze anos, como escreveu:

Há quase doze anos era o Carmelo minha meta. Desde que no verão de 1921 caiu em minhas mãos o “Livro da Vida” de nossa Santa Madre Teresa e pôs fim a minha longa busca da verdadeira fé. Quando recebi o batismo no dia de ano novo de 1922, pensei que aquilo era só uma preparação para a entrada na Ordem. Porém, uns meses mais tarde, depois de meu batismo, ao encontrar-me frente a frente com minha mãe, vi muito claro que não podia encarar no momento o segundo golpe [...] devia esperar com paciência. (STEIN, 1938/2002, p.500)⁶⁶

A entrada de Edith Stein para o Carmelo não seguiu um itinerário muito lógico, nem de fácil compreensão para muitos. Podemos dizer que foi um caminho inusitado para alguém com uma origem judaica, com uma história pessoal e intelectual como a sua. Sua família, em especial sua mãe, nunca aceitou tal decisão. Sua entrada no Carmelo foi interpretada como fuga por alguns, como uma traição aos judeus por outros, como fruto de uma decepção amorosa⁶⁷ ainda por outros. Uma fala de Stein parece ser importante para a compreensão desse fato, quando relembra seu tempo de estudante, em Breslau:

Naquele momento todos nós estávamos muito interessados pela questão feminina. [...] Com frequência falávamos sobre o problema da dupla vocação feminina. Erna e nossas duas amigas tinham fortes dúvidas sobre se não se deveria sacrificar o trabalho profissional em favor do matrimônio. Somente eu mantinha sempre que por nada do mundo renunciaria a profissão. Quem poderia então adivinhar nosso futuro! As três se casaram e apesar disso exerceram sua profissão. Unicamente eu não me casei, porém também sou a única que fiz um

⁶⁶ Da tradução em espanhol: “Desde hacía case doce años era el Carmelo mi meta. Desde que em el verano de 1921 cayó en mis manos la “Vida” de nuestra Santa Madre Teresa y puso fin a mi larga búsqueda de la verdadera fe. Cuando recibí el bautismo el día de Año Nuevo de 1922, pensé que aquello era sólo una preparación para la entrada en la Orden. Pero unos meses más tarde, después de mi bautismo, al encontrarme frente a mi madre, vi muy claro que no podría encajar por el momento el segundo golpe [...] Debía esperar con paciencia”.

⁶⁷ Conta-se que Edith Stein alimentava uma paixão por um colega de estudos, Hans Lipps. Este, porém, teria se casado com outra moça. Na autobiografia ela afirma: “Tinha a sensação de que entre os jovens com os quais lidava, havia um que me atraía e que o imaginava como meu futuro companheiro de vida. Mas disto ninguém se dava conta, e eu devia parecer a maioria das pessoas fria e inacessível.” (STEIN, 2002, p. 335)

compromisso pelo qual queria sacrificar com toda a alegria qualquer profissão. (STEIN 2002, p. 245)⁶⁸

Nessa fala fica evidenciado que a entrada no Carmelo foi uma decisão livre, mas não planejada desde sempre por Stein. Foi uma mudança de rumo em sua história de vida, livremente assumida, revelando uma personalidade firme, segura, porém aberta ao novo. Uma abertura certamente aprendida e exercitada como fruto de seus estudos fenomenológicos. Essa mesma abertura que lhe permitiu uma aproximação com o cristianismo, através dos cristãos que a cercavam, uma vez que a grande maioria de seus companheiros de estudos fenomenológicos era católico ou protestante. Husserl, por exemplo, era protestante. Um encontro que ela descreve como seu primeiro contato com o catolicismo foi com Max Scheler⁶⁹, quando assistia suas conferências, em Gotinga.

Este foi meu primeiro contato com este mundo até então para mim completamente desconhecido. Não me conduziu todavia à fé, porém me abriu a uma esfera de “fenômenos” ante os quais já não podia nunca mais passar cega. Não em vão nos haviam inculcado que devíamos ter todas as coisas ante os olhos sem preconceitos e nos despojarmos de todos os “óculos”. As limitações dos preconceitos racionalistas nos quais me havia educado, sem saber, caíram, e o mundo da fé apareceu subitamente em minha frente. Pessoas com as quais tratava diariamente e as quais admirava, viviam nele. Tinham que ser, pelo menos, dignos de serem considerados seriamente. (STEIN, 2002, p. 366)

A própria Stein, portanto, reconhece a influência da fenomenologia como abertura para o “fenômeno” religioso em sua vida. Pouco a pouco, vai sendo despertada e atraída pela fé cristã. A leitura do livro de Santa Teresa, que se deu

⁶⁸ Da tradução em espanhol: “*Por entonces nosotros estábamos cálidamente interesados por la cuestión femenina [...] Con frecuencia hablábamos sobre el problema de la doble vocación femenina. Erna y nuestras dos amigas tenían fuertes dudas sobre si no se debería sacrificar el trabajo profesional a favor del matrimonio. Solamente yo mantenía siempre que por nada del mundo renunciaría a la profesión. Quién hubiera podido entonces vaticinar nuestro futuro! Las tres se casaron y a pesar de ello ejercieron su profesión. Únicamente yo no me casé, pero también soy la única que hice un compromiso por el cual quería sacrificar con toda la alegría cualquier profesión.*”

⁶⁹ Max Scheler era filósofo e sociólogo e foi aluno de Husserl. Edith Stein assistia aulas com ele, pois ele também desenvolvia estudos sobre a empatia. Assim Stein o descreve: “A primeira impressão que Scheler produzia era fascinante. Nunca mais presenciei em uma pessoa o puro ‘fenômeno da genialidade’. De seus grandes olhos azuis transparecia o brilho de um mundo superior. Seu rosto era de corte bonito e nobre [...]” (STEIN, 2002, p. 365)

em uma única noite, quando passava férias na casa de uma casal de amigos⁷⁰, e sua conversão, foi o ápice de um caminho que trilhava sem saber ao certo para onde a conduziria.

Edith Stein faz uma aproximação entre Teresa de Ávila e Santo Agostinho, reconhecendo a influência deste sobre aquela, a quem chama de “mestres do autoconhecimento”.

Ninguém penetrou de uma tal forma nas profundezas da alma como aquelas pessoas que abraçam o mundo com um coração cheio de calor e então, libertadas , pela mão forte de Deus , de todo laço externo, foram atraídas para o próprio íntimo e interior. Ao lado de Teresa de Ávila está aqui, em primeiro lugar, Santo Agostinho que com ela se parece profundamente e por isso tanto a influenciou. (STEIN, 1984, p. 62)

A influência a que Stein faz referência é confirmada pela própria Teresa de Ávila, que assim fala de sua aproximação com Santo Agostinho.

Deram-me nesse tempo as “Confissões de Santo Agostinho”. Parece ter sido providência do Senhor. Não as procurei e jamais as tinha visto. Sou muito afeiçoada a Santo Agostinho, por ser de sua Ordem o mosteiro onde estive como educanda, e por ter sido pecador. Com efeito, nos santos que o Senhor atraiu a si do meio dos pecados achava muito consolo, parecendo que neles encontrava auxílio. Assim como o Senhor lhes tinha perdoado, perdoaria também a mim. Só uma coisa me desconsolava: é que a eles o Senhor chamava uma só vez, e não tornavam a cair, e a mim, chamara tantas vezes. Isso me afligia. Contudo, considerando o amor de Sua Majestade para comigo, tornava a animar-me. De mim continuamente desconfiava, mas de sua misericórdia jamais duvidei. (TERESA DE JESUS, 2010, p. 66).

A decisão de Edith Stein de entrar para o Carmelo nunca foi aceita por sua mãe: “Escrevia, uma vez por semana, uma carta à velha mãe, que não lhe respondia. Sua mãe, porém, pouco antes de sua morte, tomou o hábito de

⁷⁰ Em agosto de 1921, Edith estava de férias na casa de um casal de amigos, filósofos e também discípulos de Husserl, Hedwig Conrad-Martius e Hans Theodor Conrad, quando descobriu na biblioteca do casal a autobiografia de Teresa de Jesus. Leu durante toda a noite e ao amanhecer acreditou ter encontrado a verdade que sempre buscou. Na manhã seguinte, comprou um missal e um catecismo, pois desejava preparar-se para pedir o batismo, que ocorreu em primeiro de janeiro de 1922. Sua amiga, Hedwig Conrad-Martius, que era protestante, foi sua madrinha de batismo na Igreja Católica.

acrescentar um recado nas cartas que seus filhos endereçavam à Carmelita” (Muribel, 2001, p. 157).

Enquanto Irmã Teresa Benedita da Cruz, nome adotado por Edith Stein, renovava seus votos no Carmelo, em 14 de setembro de 1936, sua mãe, então com oitenta e oito anos morria, vítima de um câncer no estômago que a fizera sofrer muito. Os amigos da Irmã, julgando consolá-la, insinuaram que sua mãe havia se convertido ao catolicismo poucos dias antes de morrer. A resposta, por meio de uma carta⁷¹, a essa informação revela a lucidez e maturidade de Edith Stein:

[...] a notícia de sua conversão foi um rumor sem fundamento algum. Quem propagou essa notícia, não sei. Até o final, minha mãe deve ter se mantido fiel a sua fé, dado que sua fé e a firme confiança em seu Deus a mantiveram em pé desde a mais tenra infância até seus 87 anos; e dado que foi a última coisa que seguiu viva nela em sua dura luta com a morte. Por isso tenho a confiança de que haverá encontrado um juiz benévolo e de que agora é minha fiel intercessora, para que também eu alcance a meta. (STEIN, 1936/2002, p. 1185)⁷²

A resposta de Stein, mesmo em um momento de dor, revela, em primeiro lugar, um profundo respeito por sua mãe, de quem não guardava mágoa pela incompreensão do caminho que decidiu seguir e, em segundo lugar, respeito pelo judaísmo que nunca desprezou, mas, ao contrário, nele reconhecia as origens do cristianismo que professava, sabendo que ambas, mãe e filha, eram filhas do mesmo Deus.

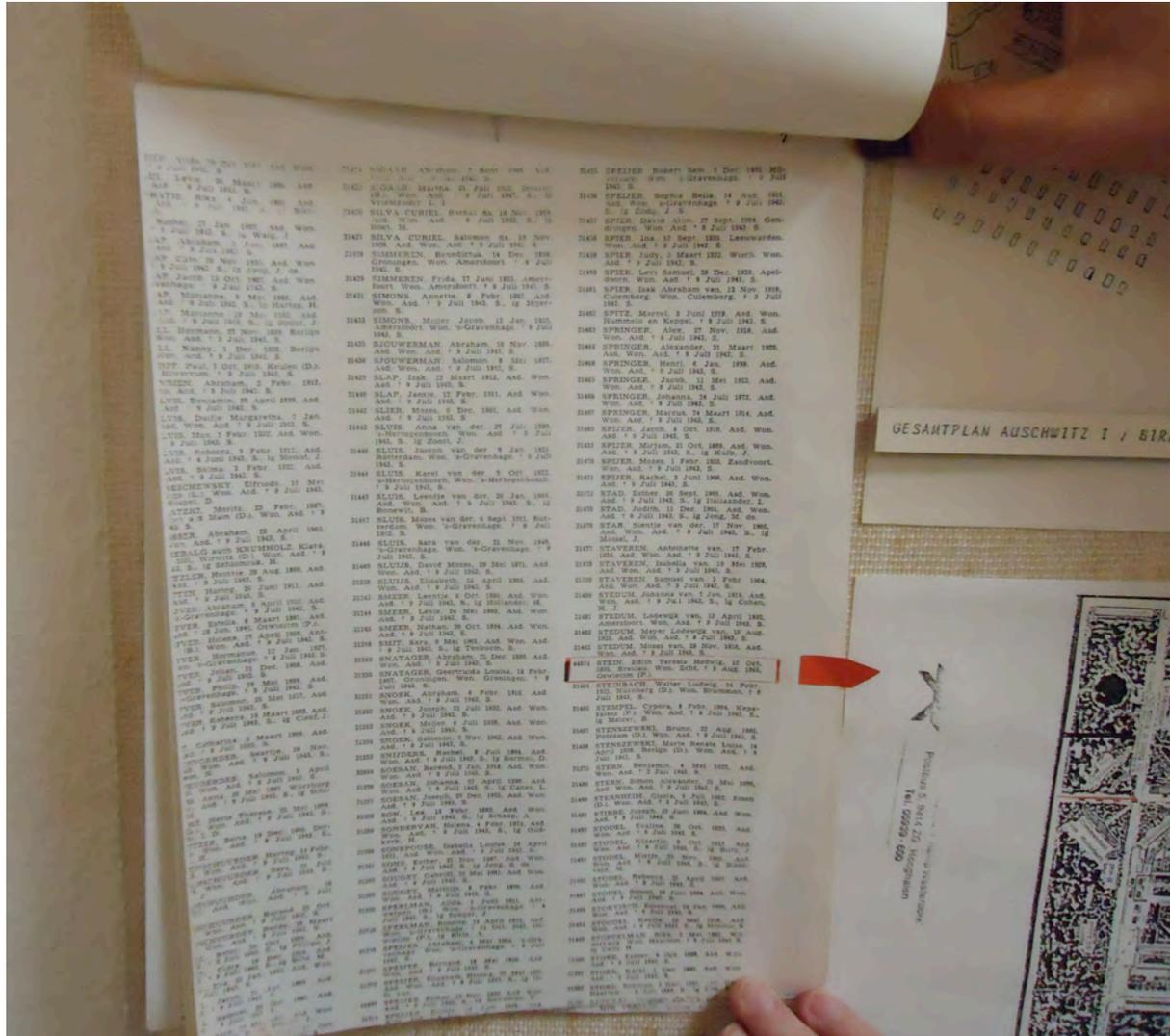
Após a morte de sua mãe, sua irmã, Rosa Stein (1883-1942), que há muito desejava fazer-se católica, mas não tinha coragem por causa da mãe, ingressou no Carmelo de Colônia no natal do mesmo ano (1936) e juntou-se a Edith Stein.

⁷¹ Carta de 4/10/1936.

⁷² Da tradução em espanhol: *“La noticia sobre su conversión fue un rumor sin fundamento alguno. Quién haya podido propalarlo, no lo sé. Asta el final, mi madre se a mantenido fiel a su Fe. Ahora bien, dado que su fe y la firme confianza en su Dios se ha tenido en pie desde la más tierna infancia hasta sus 87 años; y dado que fue la última cosa que siguió viva en ella en su dura lucha con la muerte, por eso tengo la confianza de que habrá encontrado un juez benévolo y de que ahora es mi más fiel intercesora, para que también yo alcance la meta”.*

2.9 A perseguição nazista e o encontro com a morte

Foto 6: Lista de mortos no Campo de Auschwitz. O nome de Edith Stein aparece em destaque e a lista encontra-se fixada em um mural, em uma sala do Convento.



Fonte: Foto do arquivo pessoal da autora.

Em 1938 as irmãs foram transferidas para o Carmelo de Echt, na Holanda, para fugir da perseguição nazista, que se intensificou na Alemanha.

Edith Stein não queria morrer. Tentou de todas as formas sair da Holanda, mas ao perceber que todos os esforços foram inúteis, acolheu o destino de “seu povo” e com sua irmã Rosa e outras centenas de religiosos partiram rumo ao campo de extermínio, devido à represália de Hitler contra os bispos da Holanda, que haviam escrito uma carta, lida em todas as igrejas, denunciando os abusos cometidos contra os judeus. Os judeus convertidos ao catolicismo, nas comunidades religiosas, até

então poupados da deportação, tornaram-se as próximas vítimas. Entre eles Edith Stein e sua irmã Rosa.

Antes de ser enviada para Auschwitz, onde morreu em 9 de agosto de 1942⁷³, esteve presa em Westerbork, onde um sobrevivente deu o seguinte depoimento:

[...] Entre os presos que chegaram no dia 5 de agosto ao campo (de Westerbork), destacava-se nitidamente Irmã Benedita por seu comportamento pacífico e sua atitude tranqüila. Os gritos, lamentos e o estado de superexcitação angustiosa dos recém-chegados eram indescritíveis! Irmã Benedita estava no meio das mulheres, como um anjo de consolação acalmando umas, tratando outras. Muitas das mães pareciam entregues a uma espécie de prostração próxima à loucura. Deixavam-se ficar gemendo como atoleimadas e descuidando-se de seus filhos. Irmã Benedita ocupava-se dessas crianças, dava-lhes banho, penteava-os, preparava-lhes o alimento, cercando-as dos cuidados indispensáveis. Durante todo o tempo que esteve no campo, dispensou a seus companheiros uma ajuda tão caridosa que todos se mostravam comovidos". (MURIBEL, 2001, p. 187)

Até os últimos momentos de vida, percebemos em Edith Stein uma vivência plena de inteireza e generosidade, desapegada de si mesma e aberta às necessidades dos outros, que reconhecia como seus semelhantes.

Em 4 de janeiro de 1962 foi aberto um processo pedindo sua beatificação, que aconteceu em 1 de maio de 1987, em Colônia. Em 11 de outubro de 1998 foi realizada sua canonização, em Roma, pelo papa João Paulo II. Foi considerada mártir da Igreja.

2.10 Carta ao Papa

Edith Stein escreveu e recebeu centenas de cartas ao longo da vida. Boa parte dessas cartas foi recuperada e arquivada como documento histórico e constituem um rico material biográfico que daria, somente a partir dele, um profundo

⁷³ Além de Edith Stein e Rosa, outros dois irmãos também morreram em campos de concentração: Paul (1872- 1943) e Frieda (1883- 1942). Sobreviveram Else (1876-1956), Arno (1879 – 1948) e Erna (1890 – 1978).

estudo sobre sua vida, os acontecimentos de sua época, seus relacionamentos interpessoais, entre outros aspectos.

Aqui não poderemos aprofundar esse estudo epistolar, mas elegemos uma carta em particular por considerarmos emblemática: a carta que escreveu ao papa Pio XI em abril de 1933.

A situação na Alemanha, nesse período, começou a ficar difícil para os judeus, especialmente após 1933, quando Hitler assumiu o poder⁷⁴. Edith Stein parecia pressentir o mal que estava sendo gestado e resolveu agir. Em princípio, desejava ir à Roma para uma audiência privada com o papa Pio XI para informá-lo sobre os perigos da ideologia nacional-socialista e do antissemitismo, e pedir que escrevesse uma encíclica. Como isso não foi possível, mas apenas uma audiência pública, Stein desistiu da viagem e decidiu escrever uma carta, que somente há pouco tempo pode ser conhecida, após abertura parcial dos arquivos do vaticano.

Transcrevemos abaixo a carta, na íntegra, pela importância histórica da mesma, e por permitir conhecer a lucidez, a coragem e o compromisso de Edith Stein com o povo judeu e com os cristãos.

Santo Padre! Como filha do povo hebraico, que pela graça de Deus há onze anos é filha da Igreja Católica, atrevo-me a falar ao pai da cristandade o que preocupa a milhões de alemães. Há semanas estamos assistindo, na Alemanha, eventos de total desprezo pela justiça e pela humanidade, para não falar do amor ao próximo. Durante anos os líderes do nacional-socialismo pregaram o ódio contra os judeus. Agora eles detêm o poder e estão armando seus seguidores – dentre os quais muitos criminosos – colhendo o fruto do ódio disseminado.

As deserções do partido que sustentava o governo até há pouco tempo foram admitidas, mas é impossível prever o resultado porque a opinião pública está amordaçada. Do que posso julgar, com base nas minhas anotações pessoais, não se trata de casos isolados. Sob pressão de vozes do exterior, estão adotando métodos mais “miti” e ordenando “que nenhum judeu seja prejudicado”.

Este boicote – que nega às pessoas a possibilidade de realizar atividades econômicas, a dignidade de cidadãos e a pátria – está levando muitos ao suicídio – somente entre os meus próximos tenho conhecimento de 5 casos. Estou certa de que se trata de um fenômeno que provocará muitas outras vítimas. Pode-se presumir que

⁷⁴ Hitler assume o poder mais precisamente em 30 de janeiro de 1933, tornando-se Chanceler do Reich. Em 21 de março do mesmo ano já foi instalado o primeiro campo de concentração, em Oranienburb.

esses infelizes não possuem força moral suficiente para suportar seu destino. Mas se a responsabilidade em grande parte recai sobre os que praticam tal gesto, recai também sobre os que ficam em silêncio.

Tudo o que aconteceu e que acontece cotidianamente vem de um governo que se define como “cristão”. Não só os judeus, mas milhares de fiéis católicos da Alemanha e, creio, de todo o mundo, há semanas esperam e têm esperança que a Igreja de Cristo faça ouvir sua voz contra os abusos cometidos em nome de Cristo. A idolatria da raça e o poder do Estado, com a qual a rádio martela cotidianamente as massas, não é uma aberta heresia? Esta guerra de extermínio contra o sangue judeu não é um ultraje à santíssima humanidade do nosso Salvador, da beatíssima Virgem e dos Apóstolos? Não é um contraste absoluto com o comportamento do nosso Senhor e Redentor, que mesmo na cruz rezava por seus perseguidores? E não é uma mancha negra na crônica deste Ano Santo, que deveria ser o ano da paz e da reconciliação?

Todos nós, que observamos a atual situação alemã como filhos fiéis da Igreja, tememos o pior para a imagem mundial da Igreja, se o silêncio prolongar-se por mais tempo. Estamos convencidos de que este silêncio não pode resultar na paz do atual governo alemão. A guerra contra o Catolicismo se desenvolve na surdina e de forma menos brutal que contra o Judaísmo, mas não menos sistemática. Não passará muito tempo para que nenhum católico possa obter um emprego a menos que se submeta incondicionalmente a novas regras. Aos pés de Vossa Santidade, pedindo as bênçãos apostólicas.

Dra. Edith Stein – Docente no Instituto Alemão de Pedagogia Científica do *Collegium Marianum de Münster*.”(Ao pé da página, a assinatura. (STEIN, 1933 In BELLO, 2009, p.128-129)⁷⁵

⁷⁵ Da tradução em italiano: “*Padre santo! Come figlia del popolo ebraico, che per grazia di Dio è da 11 anni figlia della Chiesa cattolica, ardisco esprimere al padre della cristianità ciò che preoccupa milioni di tedeschi. Da settimane siamo spettatori, in Germania, di avvenimenti che comportano un totale disprezzo della giustizia e dell’umanità, per non parlare dell’amore del prossimo. Per anni i capi del nazionalsocialismo hanno predicato l’odio contro gli ebrei. Ora che hanno ottenuto il potere e hanno armato i loro seguaci – tra i quali ci sono dei noti elementi criminali- raccolgono il frutto dell’odio seminato.*

Le defezioni dal partito che detiene il governo fino a poco tempo fa venivano ammesse, ma è impossibile farsi un’idea sul numero in quanto l’opinione pubblica è imbavagliata. Da ciò che posso giudicare io, in base a miei rapporti personali, non si tratta affatto di casi isolati. Sotto la pressione di voci provenienti dall’estero sono passati a metodi più “miti” e hanno dato l’ordine “che a nessun ebreo venga torto un capello”.

Questo boicottaggio- che nega alle persone la possibilità di svolgere attività economiche, la dignità di cittadini e la patria – ha indotto molti al suicidio: solo nel mio privato sono venuta a conoscenza di ben 5 casi. Sono convinta che si tratta di un fenomeno generale che provocherà molte altre vittime. Si può ritenere che gli infelice non avessero abbastanza forza morale per sopportare il loro destino. Ma se la responsabilità in gran parte ricade su coloro che hanno spinti a tale gesto, essa ricade anche su coloro che tacciono.

Tutto ciò che è accaduto e ciò che accade quotidianamente viene da un governo che si definisce “cristano”. Non solo gli ebrei ma anche migliaia di fedeli cattolici della Germania e, ritengo, di tutto il mondo da settimane aspettano e sperano che la Chiesa di Cristo faccia udire la sua voce contro tale abuso del nome di Cristo. L’idolatria della razza e del potere dello Stato, con la quale la radio martella quotidianamente le masse, non è un’aperta eresia? Questa guerra di sterminio contro il sangue ebraico non è un oltraggio alla santissima umanità del nostro Salvatore, della beatissima Vergine e degli Apostoli? Non è in assoluto contrasto con il comportamento del nostro Signore e Redentore, che

A iniciativa de Stein é o retrato contundente de uma pessoa destemida, ousada e plenamente atenta às questões à sua volta. Ousou dirigir-se a quem considerava o “pai da cristandade” para denunciar os abusos cometidos pelos alemães no poder e exigir providências em favor do povo judeu, de quem se considerava “filha”.

Foram dois os pontífices que assumiram o papado durante o nazismo: Pio XI e Pio XII. O papa Pio XI guiava a Igreja no ano que nasceu o nazismo e concluiu em 1933 um acordo com o governo alemão, como havia feito antes com o governo fascista, em 1929. O acordo permitia à Igreja conservar a liberdade de educar através das escolas católicas presentes em seu território e permitir aos cristãos professar sua fé, sem nenhuma restrição. Como o acordo não estava sendo cumprido, em março de 1937 o papa Pio XI escreveu a encíclica *Mit brennender Sorge*⁷⁶, que foi publicada clandestinamente, na língua alemã, e foi dividida em duas partes para serem lidas nas igrejas, em dois domingos. A encíclica denunciava e condenava os erros da ideologia nazista e reafirmava uma correta doutrina católica.

Em fevereiro de 1939 o papa Pio XI morreu e o cardeal Pacelli o sucedeu, assumindo o nome de Pio XII. O período era extremamente delicado, com a eminência da Segunda Guerra Mundial e o nazismo. Em 1939, Pio XII escreveu a encíclica *Summi Pontificatus*, que lembrava que independente da raça ou povo a que pertença, todos os seres humanos são iguais perante Deus; mas, diante da brutalidade do regime totalitarista alemão, qualquer iniciativa contrária era rapidamente silenciada. Assim, ao longo das décadas seguintes, o papa Pio XII foi acusado de ter silenciado diante do nazismo e não ter feito nada pelos judeus.

anche sulla croce pregava per i suoi persecutori? E non è una macchia nera nella cronaca di questo Anno Santo, che sarebbe dovuto diventare l'anno della pace e della riconciliazione?

Noi tutti, che guardiamo all'attuale situazione tedesca come figli fedeli della Chiesa, temiamo il peggio per l'immagine mondiale della Chiesa stessa, se il silenzio si prolunga ulteriormente. Siamo anche convinti che questo silenzio non può alla lunga ottenere la pace dall'attuale governo tedesco. La guerra contro il Cattolicesimo si svolge in sordina e con sistemi meno brutali che contro il Giudaismo, ma non meno sistematicamente. Non passerà molto tempo perchè nessun cattolico possa più avere un impiego a meno che non si sottometta senza condizioni al nuovo corso. Ai piedi di Vostra Santità, chiedendo la benedizione apostolica.

Dott.ssa Edith Stein

Docente all'Istituto tedesco di Pedagogia scientifica

Presso il Collegium Marianum”

⁷⁶ Na tradução portuguesa, *Mit brennender Sorge*, “Com profunda preocupação”.

Essa foi a impressão que Stein também teve naquele momento, em relação a Pio XI. Ela assim expressa sua frustração em 1938, já no Carmelo de Colônia, sabendo do agravamento da situação dos judeus:

Sei que minha carta foi entregue selada ao Santo Padre. Algum tempo depois recebi sua bênção para mim e para meus familiares. Nenhuma outra coisa se conseguiu. Mais adiante pensei muitas vezes se não lhe havia passado pela cabeça o conteúdo de minha carta, pois, nos anos sucessivos se cumpriram ponto por ponto o que eu ali anunciava para o futuro do Catolicismo na Alemanha⁷⁷ (STEIN, 1938/2002, p. 499).

No mesmo ano em que Stein escreveu seu desabafo, ela foi transferida para um mosteiro na Holanda, junto com sua irmã Rosa, pois a Holanda ainda era um local mais seguro para os judeus. A segurança durou até 1941, quando a perseguição aos judeus avançou também até a Holanda.

Em julho de 1942, os bispos da Holanda, redigiram uma carta de protesto contra os abusos cometidos pelos nazistas também na Holanda. No dia 26 de julho de 1942 essa carta foi lida em todas as Igrejas da Holanda. A resposta de Hitler foi rápida: a prisão de todos os judeus convertidos ao cristianismo, das comunidades religiosas, até então poupados do extermínio. Uma média de 300 religiosos foram vítimas dessa represália contra a Igreja, entre eles estava Edith Stein.

Sabemos que essas encíclicas existiram, mas não temos como avaliar seu alcance naquele momento. O Papa João Paulo II faz referência a elas, em outubro de 1997, em um discurso aos participantes de encontro sobre o antijudaísmo. Assim ele recorda:

A Igreja condena com determinação todas as formas de genocídio, bem como as teorias racistas que as inspiraram e que pretenderam justificá-las. Poder-se-iam evocar as Encíclicas de Pio XI *Mit brennender Sorge* (1937) e de Pio XII *Summi Pontificatus* (1939); esta última recordava a lei da solidariedade humana e da caridade para com todos os homens, independentemente do povo a que pertençam. Portanto, o racismo é uma negação da identidade mais profunda do ser humano, que é uma pessoa criada à imagem e

⁷⁷ Da tradução em espanhol: “*Sé que mi carta fue entregada sellada al Santo Padre. Algún tiempo después recibí su bendición para mí y para mis familiares. Ninguna otra cosa se consiguió. Más adelante he pensado muchas veces si no le habría pasado por la cabeza el contenido de mi carta, pues, en los años sucesivos se ha ido cumpliendo punto por punto lo que yo allí anunciaba para el futuro del Catolicismo en Alemania*”.

semelhança de Deus. À malícia moral de todo o genocídio acrescenta-se, juntamente com o *shoah*, a malícia de um ódio que se apropria do plano salvífico de Deus para a história. A Igreja mesma tem sido directamente atingida por este ódio. (JOÃO PAULO II, 1997, s/p.)

Quando estava para concluir este capítulo, ouvi a notícia⁷⁸, em telejornal, que o Museu do Holocausto, em Jerusalém, havia suavizado o texto em exposição permanente que dizia que o papa Pio XII não havia feito nada pelos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Um grande painel no interior do museu continha a foto do papa e a acusação de neutralidade e omissão, pois esperava-se dele uma posição mais enérgica e contundente. Apenas recentemente historiadores têm encontrado fortes indícios de que a postura de aparente neutralidade do papa Pio XII foi fundamental para salvar a vida de milhares de judeus. Certificados falsos de batismo expedidos, mosteiros como esconderijo de judeus foram algumas das iniciativas tomadas pela Igreja da época.

A direção do museu garantiu em nota que a mudança no painel, que agora passou a conter argumentos em defesa do pontífice, não se deu em virtude de pressões de cristãos ou da Santa Sé, mas por uma questão de atualização histórica, ocasionada por novas pesquisas sobre o assunto.

⁷⁸ A notícia pode ser conferida nos seguintes endereços eletrônicos: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/52233-museu-suaviza-texto-sobre-papel-de-papa-pio-12-na-2-guerra.shtml>; http://www.webtvcn.com/video/terra_santa_museu_holocausto_060712/p/&web2009¬icias& ; <http://www.domtotal.com.br/noticias/detalhes.php?notId=469098> ; <http://m.g1.globo.com/mundo/noticia/2012/07/memorial-da-shoah-suaviza-texto-que-criticava-pio-xii.html>; <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2012/07/museu-de-israel-isenta-papa-pio-xii-de.html>, entre outros.

2.11 Edith Stein: uma Síntese

Foto 7: Quarto de Edith Stein, em Speyer.



Fonte: Foto do arquivo pessoal da autora.

Iniciamos esse percurso de aproximação e conhecimento sobre Edith Stein convidando o leitor a um olhar fenomenológico sobre ela, lançando mão do títulos de “judia”, “fenomenóloga”, “santa”, “filósofa”, para melhor conhecermos a “pessoa” Edith Stein.

Após essa aproximação de sua vida, esperamos ter mostrado como esses títulos vão se somando à sua vida, sem descartar ou excluir nenhum outro; esperamos ter ajudado o leitor a olhar Stein como uma personalidade inteira e multifacetada, como alguém que ao longo de sua história de vida vai agregando novos elementos, sem negar os demais. Stein tornou-se cristã sem negar suas origens judaicas, tornou-se monja sem deixar de ser filósofa, aderiu à fé sem abandonar a razão, tornou-se formadora, permanecendo em constante processo formativo.

Conhecer Stein nos remete à visão de ser humano que, ao longo dos anos, ela mesma desenvolve, uma antropologia fenomenológica, que compreende o ser

humano como uma estrutura complexa, constituída de um corpo vivente, alma e psique, e espírito, que se manifesta de forma dinâmica constituindo um ser unitário, possível de ser um sujeito livre e consciente de si mesmo, que se modifica por meio das relações intersubjetivas com os outros seres (SILVA, 2011).

É impossível compreender Stein com um olhar, segmentado, um olhar do “ou isto” “ou aquilo”, pois ela conseguiu reunir em si de modo harmonioso, conforme evidencia Bello (2009), realidades consideradas paradoxais, propiciando uma riqueza, uma pluralidade e uma inteireza.

Sua vida e obra estão tão intrinsecamente ligadas que se complementam como subsídio indispensável para o pesquisador que deseja estudar seu pensamento. Para compreendermos o sentido de formação em Stein é importante conhecer o processo que ela mesma passou, um processo de deixar-se formar, deixar-se plasmar para tornar-se plenamente ela mesma, sem deixar-se massificar ou anular sua individualidade.

Edith Stein será mais conhecida por aqueles que souberem maravilhar-se diante do que lhes ultrapassa, sem sentirem-se ameaçados; aqueles que sabem reconhecer a riqueza e a beleza do mistério que se esconde em cada ser humano, sem querer aprisioná-lo ou reduzi-lo aos seus esquemas pré-concebidos.

2.12 Obras: um primeiro contato

Foto 8: Exposição de obras de Edith Stein no hall de entrada do Mosteiro das Dominicanas, em Speyer. Na prateleira de cima estão as obras completas da autora, na língua original. Abaixo, diversas biografias sobre ela e alguns objetos relacionados às suas origens.



Fonte: Foto do arquivo pessoal da autora.

Por ser uma personalidade plural, propicia um rico diálogo interdisciplinar, podendo contribuir em diversas áreas: Psicologia, Filosofia, Antropologia, Educação, Direito, Teologia, Mística.

Toda a obra de Stein está centrada na compreensão da pessoa humana, em tudo o que a constitui, numa visão integral. Os aspectos evidenciados por ela, todavia, diziam muito respeito ao momento em que ela própria vivia. Edith Stein é uma autora que personifica a coerência entre vida e obra.

Difícilmente entenderemos sua produção intelectual se desconsiderarmos o momento histórico em que viveu e as motivações de sua escrita.

Conhecendo o tempo histórico e político em que viveu, podemos dizer que vivenciou tempos sombrios, situações-limite. Sabemos que em tempos de crises profundas é necessário separar o essencial do acessório, o que é precioso do que é vil. Stein foi sendo conduzida a uma busca cada vez mais profunda a respeito da

essência das coisas, seguindo o método fenomenológico, uma busca incessante pela verdade sobre o ser humano.

Apresentaremos as principais obras da autora. Em um primeiro momento, apresentando uma biobibliografia resumida. Em seguida, apresentaremos uma divisão de suas obras em três grandes temas: Escritos filosóficos, Produção antropológica e pedagógica (1926-1933) e Escritos espirituais. Em seguida, falaremos brevemente das obras que julgamos melhor corresponder ao objetivo desta pesquisa, qual seja, compreender o sentido de formação em Edith Stein.

2.13 Biobibliografia de Edith Stein: à guisa de uma cronologia

Foto 9: **Painel com fotos de diferentes épocas de Edith Stein.** Presente em uma das salas de visita do convento das Dominicanas, em Speyer. Esse painel refere-se a seu tempo de estudante universitária.



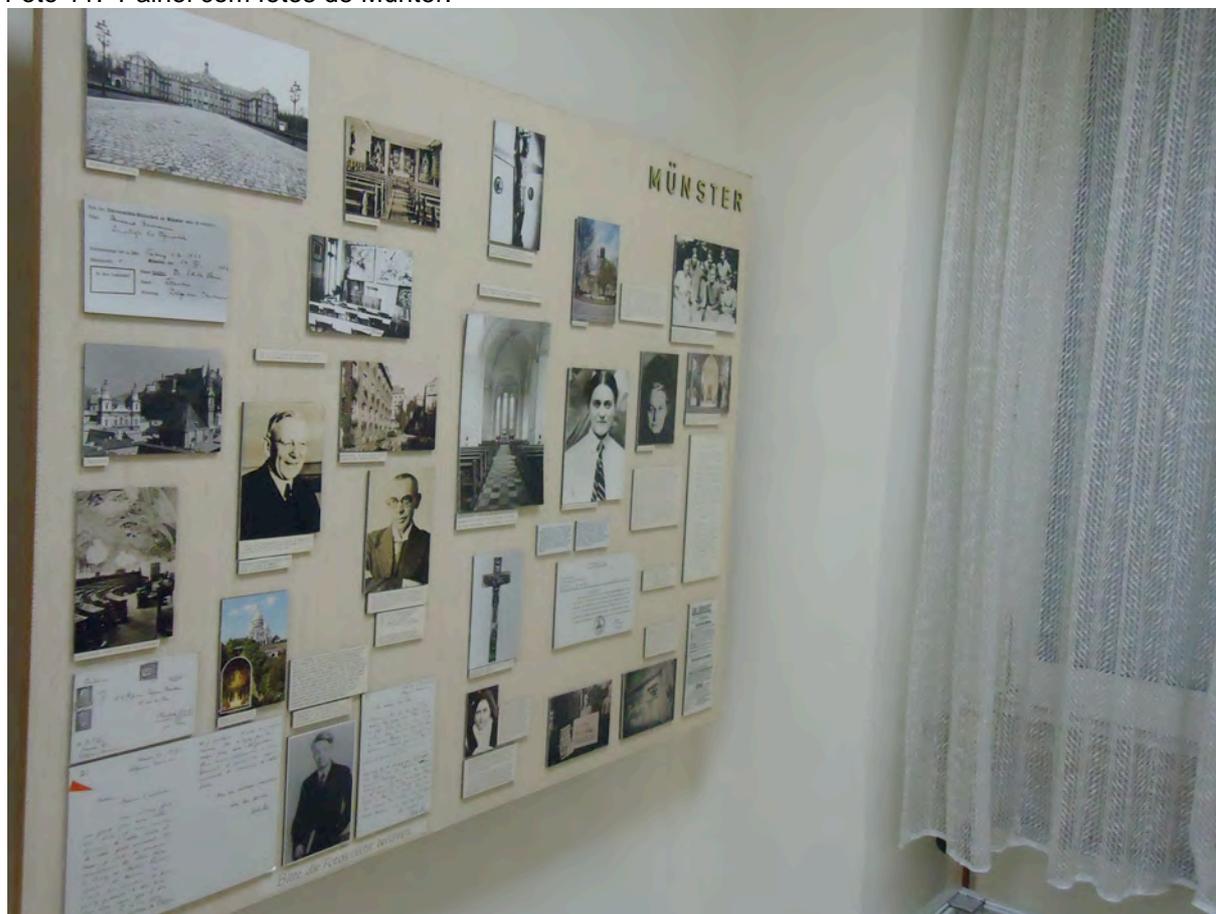
Fonte: Foto do arquivo pessoal da autora.

Foto 10: Paineis com fotos de Speyer.



Fonte: Foto do arquivo pessoal da autora.

Foto 11: Paineis com fotos de MÜNSTER.



Fonte: pesquisa de campo realizada pela autora.

Foto 12: Painel relacionado aos Carmelos de Köln (Colônia, Alemanha) e Echt (Holanda)



Fonte: Foto do arquivo pessoal da autora.

12 de outubro de 1891 - Nasce em Breslau, Alemanha, no dia no Yom Kipur, filha de comerciantes judeus Siegfried e Auguste Stein

10 de julho de 1893 - Morre seu pai

1911-1913 - Ingressa na Universidade de Breslau, onde estuda por quatro semestres nos cursos de psicologia e cultura alemã

1914 - Tem início a I Guerra Mundial. Alemanha declara guerra à Rússia em 1 de agosto e à França no dia 3 do mesmo mês

1913-1916 - Transferência para Gotinga. Assiste os cursos de Husserl e faz parte do círculo fenomenológico. Estuda filosofia, alemão e história

1915 - Serve como enfermeira da Cruz Vermelha alemã, na Primeira Guerra, de abril a setembro

1916 - Defende tese Sobre o Problema da Empatia (*Zum Problem der Einfühlung*), e é aprovada com *summa cum laude*

1916-1918 - Torna-se assistente do professor Edmund Husserl e o segue a Friburgo

1917 - Publicação de uma parte da tese em Halle

1920-1922 - Prossegue suas pesquisas e publica *Psicologia e ciências do espírito – contribuições para uma fundamentação filosófica*

1921 - Conversão ao catolicismo após a leitura do *Livro da Vida*, de Santa Teresa de Ávila

1922 - Recebe o Batismo na Igreja Católica

1923-1931 - Professora no Instituto Santa Maria Madalena das Dominicanas, em Speyer. Desenvolve uma intensa atividade como conferencista na Alemanha e em diversos países europeus

1924 - Publica um artigo intitulado: *Que é a fenomenologia?*

1925 - Publica *Uma pesquisa sobre o Estado*

1926 - Conferência em Speyer: *Verdade e clareza no ensino e na educação*

1929 - Inicia a tradução de *Quaestiones Disputatae de Veritate* e publica o ensaio *A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino*, em homenagem ao septuagésimo aniversário de Husserl

1930 - Um período de intensa atividade como conferencista, faz as seguintes conferências:

Nuremberg (24/04), *Fundamentos teóricos do aspecto social da educação*

Speyer (14/06), *A educação eucarística*

Salzburgo (Áustria), *O ethos da profissão feminina*

Speyer (12/10), *A ideia da formação*

Bendorf (08/11), *Os fundamentos da formação feminina*, para a aliança católica de mulheres alemãs

Heidelberg (02/12), *O intelecto e os intelectuais*, para a associação universitária católica

1931 - Ludwigshafen (13/01/1931), *O mistério da natividade*

Despede-se de Speyer (26/03) para dedicar mais tempo à tradução de obra de São Tomás

Munique (08/04) Conferência *A vocação da mulher*, em um congresso de jovens professoras

Publicação do primeiro volume da sua tradução para o alemão da obra *Quaestiones Disputatae de Veritate*

1932 - Na última quinzena de janeiro confere em Zurique (Suíça) dois cursos de quatro conferências cada um, para a organização de mulheres católicas sobre o tema: Vida cristã feminina

A partir de fevereiro inicia suas atividades como professora no Instituto alemão de Pedagogia Científica, em Münster

Essen (15/05), conferência *Tempos difíceis e ensino em Essen*

Ludwigshafen (26/06), conferência por ocasião da morte de Goethe

Paris (12/09), foi enviada ao Congresso Internacional Tomista para falar sobre fenomenologia

Publicação do segundo volume de sua tradução de *Quaestiones Disputatae de Veritate*

1933 - Berlin (2 a 5/01) curso sobre a educação da juventude à luz da fé católica

30/01/1933 - Hitler assume o poder

Abril de 1933 - Chega ao fim suas atividades em Münster, pois o governo alemão proibiu a presença de judeus em cargos públicos. Recebe convite para trabalhar na América do Sul, mas não aceita e entra para o Carmelo, em Colônia

15 de abril de 1934 - Recebe o hábito religioso. Passa a chamar-se Teresa Benedita da Cruz. Mora três anos no Carmelo de Colônia em paz

1934 - O provincial da Alemanha, o P. Teodoro Rauch lhe concede permissão para continuar a atividade científica no Carmelo e conclua sua obra *Ser finito e ser eterno*

1934-1936 - Dedicar-se à redação da obra *Ser Finito e Ser eterno*, publicada depois de sua morte

1935 - Publica um artigo *Sobre a história e o espírito do Carmelo* e outro sobre *Uma mestra na educação e na formação: Teresa de Jesus*

14/11 - Os judeus são excluídos do direito ao voto e privados de seus direitos de cidadania

1936 - Publica um artigo sobre *Os 300 anos do Carmelo de Colônia*

09/11/1938 - “Noite do Cristal”. As sinagogas foram queimadas e iniciou-se o transporte de 30 mil judeus para os campos de concentração (Dachau, Buchenwald e Sachsenhausen)

31/12/1938 - Transferência de Stein para o Carmelo de Echt (Holanda), fugindo da perseguição Nazista

01/09/1939 - Alemanha invade a Polônia, provocando o início da Segunda Guerra Mundial

1938-1942 - Escreve *Ciência da Cruz*

1941 - Judeus holandeses passam a sofrer perseguições. Trâmites dos papéis necessários para a transferência das irmãs Rosa e Edith Stein para a Suíça

1942 - Bispos holandeses redigem carta de protesto contra abusos nazistas na Holanda, lida em 24/07 em todas as igrejas católicas holandesas

27/07 - O comissário do Reich ordena como represália a deportação de todos os judeus católicos

02/08 - Presa e levada para Auschwitz juntamente com sua irmã Rosa, onde morre na câmara de gás em 9 de agosto

01/05/1987 - Beatificação em Colônia (Alemanha)

11/10/1998 - Canonização em Roma (Itália).

A seguir, apresentaremos parte da produção steiniana dividida por assuntos. Esta é uma divisão possível, mas não a única, uma vez que outras divisões são possíveis e uma mesma obra pode fazer parte de mais de uma “categoria”. Essa divisão foi retirada das obras em espanhol.

Escritos filosóficos

Sobre o problema da empatia

Psicologia e ciências do espírito – contribuições para uma fundamentação filosófica

Uma investigação sobre o estado

Introdução à filosofia

Natureza, liberdade e graça

Verdade – espírito – palavra

Que é a fenomenologia?

Que é filosofia?

A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino

Ato e potência

A significação da fenomenologia para a visão do mundo

Conhecimento, verdade, ser

A fenomenologia

Ser finito e ser eterno.

Produção antropológica, psicológica e pedagógica (1926-1933)

Conferências

Verdade e clareza no ensino e na educação

O valor da feminilidade e sua importância para a vida do povo

Os tipos de psicologia e seu significado para a pedagogia

Sobre a luta pelo professor católico

A colaboração dos centros conventuais na formação religiosa da juventude

Fundamentos teóricos do trabalho social de formação

Educação eucarística

O ethos das profissões femininas

Sobre o conceito de formação

Fundamentos da formação da mulher

O intelecto e os intelectuais

O mistério da natividade

A missão da mulher de conduzir a juventude à Igreja

Isabel de Hungria (natural e sobrenatural na formação de uma figura de santa)

Vocação do homem e da mulher de acordo com a ordem natural e a graça

Configuração da vida no espírito de santa Isabel

A Vida cristã da mulher

Professoras de formação universitária e de magistério

Natural e sobrenatural em Fausto de Goethe

A arte materna da educação

Tempos difíceis e formação

Missão da mulher acadêmica católica

Formação da juventude à luz da fé católica

Fundamentação teórica da formação da mulher

Cursos (1932-1933)

Problemas da formação da mulher

Estrutura da pessoa humana

Que é o homem? A antropologia da doutrina católica da fé

O papel das mulheres católicas de formação universitária na Suíça

Escritos espirituais

Uma mestra na educação e na formação: Teresa de Jesus

O castelo interior

A oração da Igreja

Caminhos do conhecimento de Deus

Ciência da cruz

O mistério da natividade

Amor com amor: vida e obra de santa Teresa de Jesus

Santa Teresa Margarita do Coração de Jesus

Sobre a história e o espírito do Carmelo

300 anos do Carmelo de Colônia

Uma mulher alemã e grande carmelita: madre Francisca dos infinitos méritos de Jesus

Um reformador conventual: P. Andrés de São Romualdo, ocd, 1819-1883

Um instrumento eleito da sabedoria divina: irmã Maria Amada de Jesus

Escritos autobiográficos

Como cheguei ao Carmelo de Colônia

História de uma família judia

Atualmente, em português, só temos a tradução dos seguintes escritos: *O mistério do Natal*; *A Ciência da cruz*; *A Mulher, sua missão segundo a natureza e a graça* (oito ensaios completos reunidos em forma de livro) e *A Oração da Igreja*.

2.14 Edith Stein No Brasil

A pesquisa no Brasil sobre Edith Stein tem uma implicação direta com a Ir. Jacinta Turolo Garcia⁷⁹.

Tendo realizado seu mestrado e doutorado na Itália com ênfase nos escritos pedagógicos⁸⁰ de Stein, em 1984 e 1987, respectivamente, tornou-se uma incansável difusora do pensamento de Stein no Brasil, com organização de eventos, publicações, intercâmbio de pesquisas e pesquisadores do Brasil e da Europa. Na introdução de sua tese recorda que seu interesse por ela é muito anterior aos seus estudos acadêmicos: remonta aos seus quinze anos de idade, quando, ao ler o livro *Grandes Convertidos do Século Vinte*⁸¹, ficou fascinada pela figura de Edith Stein.

Foi docente e reitora da Universidade Sagrado Coração de Jesus, em Bauru-SP, e desde 2005 mudou-se para a Itália para aprofundar os estudos em Edith Stein e coordenar o projeto de tradução das obras completas da Stein para o português. Em 2013 recebeu um convite da *Pontificia Università Lateranense di Roma* para fazer parte do comitê Diretivo Internacional de Pesquisas sobre “Edith Stein na filosofia contemporânea”. A partir de 2001, favoreceu a visita anual da Profa. Dra. Angela Ales Bello⁸² ao Brasil. Essa professora tem uma vasta produção acadêmica no tocante à fenomenologia de Husserl e Edith Stein, o que tornou cada vez mais fecundo o trabalho de aproximação com o pensamento de Edith Stein. As visitas das professoras não se limitam a São Paulo, mas, nas palavras da própria Ales Bello: “sempre por mérito da Ir. Jacinta, tenho ido ao Brasil todo ano, participando de congressos, proferindo conferências e ministrando cursos breves, de Norte a Sul, de Leste a Oeste desse país” (Mahfoud e Massimi, 2013, p. 11, prefácio).

⁷⁹ Aparecida Turolo Garcia, religiosa do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus (IASCJ), com o nome religioso de Ir. Jacinta. Possui Graduação e Bacharelado em Letras, Português Inglês pela Universidade do Sagrado Coração (1978 e 1979) e Licenciatura em Pedagogia (1987) na mesma Universidade. Concluiu o Mestrado em Filosofia pela Pontificia Universidade Urbaniana, em Roma, Itália (1984). Doutorou-se em Filosofia na mesma Universidade, com revalidação pela Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2000).

⁸⁰ Dissertação de Licença em Filosofia. GARCIA, A. T. *Edith Stein: formação pessoal, teoria filosófica e práxis pedagógica*. Pontificia Universidade Urbaniana, Roma, 1984. Tese de doutorado de Licença em Filosofia, publicada no Brasil: GARCIA, A. T. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

⁸¹ CURTOIS, R. *Grandes convertidos do século vinte*. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

⁸² A profa. Dra. Angela Ales Bello é professora de História da Filosofia contemporânea na Universidade Lateranense de Roma.

Alguns meses antes de concluirmos esta tese, vimos ser lançado o livro: *Edith Stein e a psicologia – teoria e pesquisa* (2013), organizado por Miguel Mahfoud e Marina Massimi. O livro foi dedicado à Ir. Jacinta Turolo Garcia que, segundo os organizadores, “é artífice indireta deste livro, porque através de sua mediação diligente e generosa entre a fenomenologia italiana e a brasileira tornou possível um encontro profundo e profícuo das duas culturas com particular referência ao âmbito da fenomenologia” (dedicatória).

O prefácio do livro foi feito por Angela Ales Bello (que considerou um avanço do trabalho realizado no Brasil em relação à Europa. Assim afirma:

De fato, está se realizando no Brasil o que não se consegue fazer decolar na Europa, isto é, o sonho dos fenomenólogos de oferecer uma descrição filosófica do ser humano capaz de justificar sua complexidade e de fazer compreender o sentido de pesquisas especializadas que investiguem os vários aspectos sem perder sua unidade e sem reduzir a pessoa a momentos específicos - o corpo ou a psique – que acabariam por ser absolutizados; mas examinar o ser humano na variedade de suas características. Estas podem ser compreendidas como elementos constitutivos, não redutíveis à mensuração, diversas segundo suas qualidades. (In MAHFOUD e MASSIMI, 2013, p. 12)

Diz ainda que “a estrutura do presente livro, articulada nas três partes indicadas, faria Edith Stein ficar cheia de alegria: ela teria visto realizado o seu projeto por parte de quem trabalha no âmbito da psicologia. Idealmente o livro pertence a ela”. (BELLO, In MAHFOUD e MASSIMI, 2013, p. 13).

O livro está dividido em três partes, quais sejam:

- Parte I - Fenomenologia: fundamentos da psicologia
- Parte II - Pessoa e sua formação
- Parte III - Temas em psicologia: pesquisas com base em Edith Stein

O livro contribui para a compreensão do pensamento de Edith Stein e também o conhecimento do que vem sendo produzido no Brasil à luz do pensamento steiniano. Utilizamos vários dos capítulos no interior da tese, que serão indicados oportunamente⁸³.

⁸³ Segue lista de títulos dos capítulos, com seus respectivos autores:

Gostaríamos de fazer uma observação a respeito dos idiomas utilizados pelos pesquisadores da obra de Stein: nas referências bibliográficas, observa-se um predomínio da utilização das traduções para o italiano e para o espanhol, não havendo diferença substancial entre ambas, sendo que alguns autores utilizam exclusivamente uma ou outra tradução. Outros autores usam as duas traduções e outros ainda utilizam também obras traduzidas para o português. No entanto, nenhum dos autores da obra acima citada (MAHFOUD e MASSIMI, 2013) utiliza exclusivamente obras de Stein em português, devido ao ainda reduzido número de obras disponíveis.

Prosseguiremos esta pesquisa, procurando responder à pergunta *Quem é o ser humano para Edith Stein?*

Parte I - Fenomenologia: fundamentos da psicologia:

O significado do pensamento fenomenológico de Stein à luz do desenvolvimento da concepção de psicologia em Husserl, *Sávio Passafaro Peres*; Fundamentação da psicologia enquanto ciência da subjetividade: contribuições da fenomenologia de Edith Stein, *Carolina Resende Damas Cardoso e Marina Massimi*; Contribuições de Edith Stein para a questão da (in)definição do objeto de estudo da Psicologia, *Victor de Barros Malerba e Marina Massimi*; Compreender a estrutura da pessoa: diálogo entre fenomenologia e filosofia aristotélico-tomista, por Edith Stein, *Marina Massimi*; Revisitando as relações entre tomismo e fenomenologia conforme o pensamento de Edith Stein, *Paulo Coelho Castelo Branco e Miguel Mahfoud*.

Parte II - Pessoa e sua formação:

Formação da pessoa e caminho humano: Edith Stein e Martin Buber, *Miguel Mahfoud*; A formação da pessoa em Edith Stein, *Adair Aparecida Sberga e Marina Massimi*; Tornar-se si mesmo: elaborações a partir de Luigi Giussani e Edith Stein, *Ana Cláudia Bernardes Guimarães e Miguel Mahfoud*; Núcleo pessoal e liberdade na formação da pessoa a partir de Edith Stein, *Bernardo Teixeira Cury e Miguel Mahfoud*; Pessoa em ação: um percurso a partir das elaborações de Stein e Wojtyła, *Yuri Elias Gaspar e Miguel Mahfoud*.

Parte III - Temas em psicologia: pesquisas com base em Edith Stein:

As especificidades da comunidade religiosa na obra de Edith Stein, *Achilles Gonçalves Coelho Júnior e Miguel Mahfoud*; O percurso de um jovem educador compreendido à luz da fenomenologia de Edith Stein, *Suzana Filizola Brasiliense Carneiro e Heloisa Szymanski*; Posicionamento pessoal, continuidade da tradição e transformação da escola na comunidade rural de Morro Vermelho, *Roberta Vasconcelos Leite e Miguel Mahfoud*; Uma tradição viva, raízes para a alma: análise fenomenológica de experiências de pertencer em uma comunidade rural de Minas Gerais, *Renata Amaral Araújo*; A construção de uma pesquisa fenomenológica baseada em Edith Stein na interface Saúde Mental e Saúde da Família, *Nara Helena Lopes Pereira da Silva e Carmen Lúcia Cardoso*; Fenomenologia do combate: da ética da luta à luta pela vida ética, *Cristiano Roque Antunes Barreira*; Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências, *Cristiano Roque Antunes Barreira e Leandro Penna Ranieri*.

3 QUEM É O SER HUMANO PARA EDITH STEIN

A tendência para a pessoa se justifica e é valiosa porque, de fato, a pessoa está acima de todos os valores objetivos.

Toda verdade precisa ser reconhecida por pessoas, toda beleza precisa ser vista e avaliada por pessoas. Nesse sentido, todos os valores objetivos estão aí para as pessoas. Atrás de tudo o que há de valioso no mundo está a pessoa do criador, que com o seu protótipo, encerra em si todos os valores imagináveis e os excede.

Entre as criaturas, o mais elevado é aquele que foi criado à sua imagem exatamente na personalidade, ou seja – no âmbito de nossa experiência- o ser humano.

Edith Stein

3.1 A Empatia

O interesse de Stein pelo estudo de questões relativas ao ser humano está presente desde o início de sua obra. Dentre os discípulos de Husserl, Edith Stein, Max Scheler (1874-1928) e Martin Heidegger (1889-1976) foram os que adentraram diretamente na questão dos fundamentos antropológicos do ser humano, elaborando modos distintos de pensar.

A vivência da empatia (*Einfühlung*, em alemão) foi um dos primeiros temas que despertou o interesse de Edith Stein, sendo este o tema de sua tese doutoral, concluída em 1917, sob orientação de Edmund Husserl. A palavra empatia significa: *Ein-* “em” *fühlen-* “sentir”. Na tradução da obra Stein para as línguas neo-latinas (francês, italiano, espanhol e português) a palavra *Einfühlung* é comumente traduzida como empatia ou entropatia, que traz a expressão grega *pathos*, podendo significar “sentir em” ou “sentir dentro”.

Trata-se de uma vivência humana que expressa a singularidade da relação recíproca entre os indivíduos: “A análise da empatia quer responder à pergunta: o que significa ‘tomar conhecimento da experiência vivencial alheia?’” (BELLO, 2000, p. 160).

Husserl já se interessava por essa questão, que tinha como peculiaridade: “sentirmos imediatamente que estamos em contato com outro ser humano, de tal modo que podemos falar ‘nós’” (BELLO, 2006, p. 63).

Pezzella apreende a visão de Stein sobre empatia da seguinte maneira:

A empatia é um instrumento natural, imediato, tipicamente humano através do qual se pode compreender os outros, as suas vivências, os seus estados de ânimo, os seus sentimentos. É uma modalidade que não se aprende ou se aplica quando surge a necessidade, mas é inerente à pessoa, nos permite compartilhar alegrias e dores dos outros de maneira imediata. (PEZZELLA, 2007 p. 54)⁸⁴

Implica, no entanto, uma clara distinção entre os sujeitos, em que a alteridade do outro é reconhecida; há uma comunicação recíproca, mas não há fusão, a individualidade é preservada: “Desse modo compreendemos por que os próprios sujeitos mantêm a própria individualidade, ligada também profundamente à sua corporeidade, embora podendo se reconhecer e comunicar mutuamente” (BELLO, 2000, p. 161).

Para Stein, podemos compreender o sentimento que o outro experimenta, pois somos capazes de reconhecer os estados de ânimo que também existem em nós, mas não é possível sentir originariamente o que o outro está experimentando. Podemos ter vivências comuns, mas cada pessoa as vivencia de maneira única e pessoal.

A vivência empática não é uma via de mão única, mas uma relação recíproca, em que os seres humanos constituem-se e reconhecem-se mutuamente. O caráter de reciprocidade do ato empático na obra de Stein é destacado por Bello quando afirma:

[...] a constituição do indivíduo fora de mim é a condição de constituição do indivíduo em si mesmo; pois, quando capto o corpo de um outro como meu semelhante, capto também a mim mesmo como igual a ele, desse modo a nível psíquico me situo no seu ponto de vista para olhar a minha vida psíquica, adquirindo a imagem que o outro tem de mim. (2000, p. 162)

⁸⁴ Da tradução em italiano: “*L’empatia è uno strumento naturale, immediato, tipicamente umano attraverso cui si riesce a cogliere ed a comprendere gli altri, i loro vissuti, i loro stati d’animo, i loro sentimenti. È una modalità che non si apprende o si applica quanto ve ne sia bisogno, ma è connaturata alla persona, è quanto ci consente di condividere gioie e dolori altrui in maniera immediata*”.

Bello (2000) lembra ainda que empatia não pode ser confundida com simpatia, pois esta última é uma reação psíquica, enquanto a empatia é uma vivência imediata, que nos permite captar que estamos diante de seres vivos como nós.

Pezzella (2007) refere-se ao ato empático como uma raiz comum que une todos os seres humanos, em seu estar no mundo:

Mediante o ato empático posso imediatamente reconhecer o outro como homem e como mulher, como seres humanos que me acompanham, participam comigo e junto a mim do tão cansativo quanto maravilhoso estar no mundo; me consente entender que as dificuldades e as duras provas a que nos chama a vida são comuns e não poupam ninguém; é isso que nos conduz a uma raiz comum, a uma origem comum que é aquela de ser homens e mulheres que procuram descobrir o sentido da própria vida. (PEZZELLA, 2007, p. 56)⁸⁵

No catecismo da Igreja Católica, encontramos esse trecho que nos faz lembrar da vivência empática, do reconhecimento do outro como outro eu, como próximo, como um semelhante.

O respeito pela pessoa humana passa pelo respeito deste princípio: “que cada um respeite seu próximo, sem exceção, como ‘outro eu’, levando em consideração antes de tudo a sua vida e os meios necessários pra mantê-la dignamente”. Nenhuma lei seria capaz, só por si, de fazer desaparecer os temores, os preconceitos, as atitudes de orgulho e egoísmo que constituem obstáculo para o estabelecimento de sociedades verdadeiramente fraternais. Esses comportamentos só podem cessar com a caridade, que vê em cada homem um “próximo”, um irmão. (CIC,1931/1993)

Dando continuidade, passaremos a tratar de como o ser humano é concebido por Stein. A partir da compreensão da constituição do ser humano ela desenvolverá o conceito de formação, como fundamento para a educação e a pedagogia.

⁸⁵ Da tradução em italiano: “*Mediate l’atto empático riesco immediatamente a riconoscere l’altro come uomo e come donna, come esseri umani che mi accompagnano, partecipano con me Ed insieme a me al faticoso quanto meraviglioso stare al mondo; mi consente di capire che le difficoltà e le dure prove a cui ci chiama la vita sono comuni e non risparmiano nessuno; è ciò che conduce ad una radice comune, ad un origine comune che è quella di essere uomini e donne alla ricerca, alla scoperta del senso della propria esistenza*”.

3.2 A Constituição Humana⁸⁶

Sberga e Massimi (2013) afirmam que quando tratam da estrutura do ser humano, tanto Edmund Husserl (1859-1938) quanto Edith Stein, partindo da análise das vivências e utilizando o método fenomenológico, procuram conhecer o ser humano em sua estrutura essencial, ou seja, em sua estrutura ontológica.

Quanto ao método fenomenológico, Stein (1932-33/2000, p.66) o explica da seguinte maneira:

O princípio mais elementar do método fenomenológico: considerar as coisas *por elas mesmas*. Não levar em conta as teorias sobre as coisas, excluir, onde é possível, tudo o que se aproxima, se lê ou que se construiu sozinho, aproximar-se delas com um olhar privado de preconceitos e captá-las com uma visão imediata. Se queremos saber como é o ser humano, devemos nos colocar no modo mais vivo possível, na situação na qual fazemos experiência do seu aqui, quer dizer, daquilo que experimentamos em nós mesmos e daquilo que experimentamos no encontro com os outros. Isso parece soar como empirismo, mas não o é se como termo “empíria” se entende só a percepção e a experiência de coisas particulares. O segundo princípio recita: endereçar o olhar *ao essencial*. A intuição não é só a percepção sensível de uma certa coisa singular como essa é aqui e agora; há uma intuição daquilo que essa é segundo a sua essência e isso pode, por sua vez, significar o que essa é segundo o seu *próprio ser*, é o que essa é segundo a sua *essência universal*.⁸⁷

Assim, em busca da essência, Husserl e Edith Stein constatam que os seres humanos são formados a partir de três dimensões: corpo, psique e espírito. Partindo da convicção de que todas as pessoas possuem as mesmas dimensões, é possível,

⁸⁶ Na tradução italiana utiliza-se o termo *struttura* da pessoa humana, no entanto, uma tradução mais adequada com o termo original seria *constituição* da pessoa humana. Aqui optamos por utilizar os dois termos indistintamente.

⁸⁷ Da tradução em italiano: “*Il principio più elementare del método fenomenológico: considerare le cose stese. Non tener conto delle teorie sulle cose, escludere, ove è possibile, tutto ciò che si ascolta, si legge o che si è costruito da soli, avvicinarsi ad esse con uno sguardo privo di pregiudizi ed attingere ad una visione immediata. Se vogliamo sapere cos'è l'essere umano dobbiamo porci nel modo più vivo possibile nella situazione in cui facciamo esperienza del suo esserci, vale a dire di ciò che noi sperimentiamo in noi stessi e di ciò che sperimentiamo nell'incontro con gli altri. Questo sembra suonare come empirismo, ma non lo è se con il termine “empíria” si intende solo la percezione e l'esperienza di cose particolari. Il secondo principio recita: indirizzare lo sguardo all'essenziale. L'intuizione non è solo la percezione sensibile di una certa singola cosa come essa è qui ed ora; vi è una intuizione di ciò che essa è secondo la sua essenza e ciò può, a sua volta, significare ciò che essa è secondo il suo essere proprio, e ciò che essa è secondo la sua essenza universale”.*

por meio das vivências, reconhecer as bases fundamentais da estrutura da pessoa humana.

Embora o ser humano seja uma unidade, existem vivências que são próprias do corpo, outras da psique e outras do espírito.

As autoras afirmam que em Stein o “*plus específico dos humanos*” é o espírito, que retrata seu intelecto, vontade e razão. São esses elementos que diferenciam os seres humanos dos outros animais. A atividade espiritual, portanto, permite ao ser humano ter acesso à sua própria interioridade e se tornar livre para agir com autonomia.

Stein concebe a unidade entre corpo humano e psique como corpo vivente (*leib*):

[...] onde se encontra a força vital sensível, a força física. Na unidade entre a psique e o espírito está a alma, mas a “alma da alma” está no espírito, na parte mais profunda da pessoa, onde reside sua força espiritual, sua motivação, sua liberdade e seu querer agir em vista do bem e da verdade. (SBERGA e MASSIMI, 2013, p. 172-33)

Edith Stein é adepta da concepção aristotélico-tomista que não admite uma dualidade entre matéria e espírito, mas os concebe como uma unidade. As autoras prosseguem, apresentando o ser humano segundo Stein o concebe:

Na união entre psique e espírito, as duas dimensões permanecem distintas, não significando duas partes separadas, mas uma unidade sem contrastes, que acontece no âmago do ser. Em razão disso, a alma é uma unidade complexa que engloba os aspectos psíquico e espiritual, que são diferenciados entre si, porém intrinsecamente unidos. O corpo humano é um corpo vivo que tem uma alma humana viva, por isso é um corpo animado. É, ainda, um ser espiritual, um ser que tem consciência de seu corpo e de sua alma, pode conhecer muitos aspectos sobre si mesmo e agir livremente. (SBERGA e MASSIMI, 2013, p. 173)

Em um artigo intitulado *Formação da pessoa e caminho humano: Edith Stein e Martin Buber*, Mahfoud (2013) afirma que Stein e Buber, por análises próprias, com métodos próprios e segundo suas próprias tradições culturais e religiosas, afirmam que existe uma unidade da pessoa em sua constituição corpo-alma. Afirmam ainda que existe em cada ser humano uma originalidade única e irrepetível,

sendo também portador de uma originalidade no mundo criado e no mundo espiritual. Para ambos, “a pessoa tem um núcleo central de onde emana a verdade de si mesma, um centro a ser ouvido, conhecido, acolhido como fonte de autenticidade [...] portador de uma estrutura da pessoa a ser respeitada e favorecida” (MAHFOUD, 2013, p. 161).

O núcleo, ou “alma da alma”, para Stein é o grau mais elevado que a pessoa pode almejar. É viver segundo uma constante atualização de suas potencialidades, de modo que seu agir seja livre e consciente, buscando sempre o melhor para si e para os outros. Esse processo não acontece espontaneamente, mas requer uma formação que gradualmente vai plasmando a pessoa e seu caráter (SBERGA, 2013). O aspecto da formação será abordado no capítulo seguinte.

Apesar de ter desenvolvido suas pesquisas sobre o ser humano a partir da fenomenologia de Husserl, Branco e Mahfoud (2013) apontam que, após a conversão ao cristianismo, Edith Stein dedicou-se ao estudo do pensamento escolástico e à vida religiosa. A partir de então, dedicou-se a estudar e traduzir obras de São Tomás de Aquino (1225-1274) para o alemão. A partir de 1925, Stein estabeleceu uma relação de aprendizado com Erich Przywara (1889-1972), “jesuíta que a incentivou a aprofundar o tomismo, retomando certos aportes do pensamento de Tomás de Aquino à luz da Fenomenologia” (BRANCO e MAHFOUD In MAHFOUD e MASSIMI, 2013, p. 127).

Dessa forma, o pensamento antropológico de Stein não se funda apenas na Fenomenologia husserliana, mas tem um profundo enraizamento no tomismo⁸⁸, que por sua vez está enraizado em Aristóteles (384 a.C.- 322 a.C.).

Quanto ao método, Bello (2000, p. 90) lembra que “no que diz respeito à análise das estruturas dos sujeitos, tomados na sua individualidade ou analisados coletivamente, Stein permaneceu sempre fiel às indicações contidas no método fenomenológico husserliano”.

Branco e Mahfoud (2013) ressaltam que Husserl não estudou diretamente o tomismo, mas foi influenciado diretamente por essa filosofia, por intermédio de Franz Brentano (1832-1920), que antes de ensinar Filosofia e Psicologia, foi formado na

⁸⁸ São Tomás de Aquino faz a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo. Concebe que fé e razão não se opõem, pois Deus é a inteligência suprema. Essa síntese é apresentada na sua grande obra *Suma Teológica*.

tradição escolástica e foi ordenado padre católico. Embora tenha, posteriormente, abandonado o sacerdócio, Brentano, que foi professor de Husserl, exerceu uma primeira aproximação entre Husserl e Tomás de Aquino. Brentano influenciou Husserl não em relação à doutrina católica ou princípios do tomismo, mas pelo modo rigoroso que o filósofo deve tratar o conhecimento⁸⁹.

Bello (2006) lembra ainda que Franz Brentano era especialista na Filosofia de Aristóteles, com grande interesse na nova ciência, a Psicologia, e que já havia feito muitos estudos sobre os *atos psíquicos*.

Buscando as características específicas do ser humano, para quem a definição de alma entra como o centro do complexo físico-psíquico e espiritual (que é o homem), Edith Stein toma como referência a obra de Santa Teresa de Ávila, *Castelo Interior*, na qual a autora utiliza a imagem de um castelo para descrever a alma humana. O objetivo de Stein em utilizar tal imagem é que considera que a obra citada é insuperável para descrever a alma humana, a partir da experiência da própria santa, que Stein considera, juntamente com santo Agostinho, mestre do autoconhecimento e da auto descrição. Stein diz que a obra é insuperável nessa matéria, pois a autora, além da experiência mística profunda, tinha uma “extraordinária capacidade de exprimir compreensivelmente os acontecimentos que se passavam em seu íntimo, tornando claro e evidente o quase indizível e expressando-o como marca da mais límpida verdade”. (STEIN, In SCIADINI, 1936/2007, p. 88)

Para tornar compreensível o que acontece no íntimo do homem, Santa Teresa utiliza a imagem de um castelo com muitas moradas e quartos, para dar uma ideia do que seja esse mundo interior. O corpo, para ela, representa as muralhas do castelo; os sentidos e as potências espirituais (memória, inteligência e vontade) são vistos como vassalos ou como moradores. As moradas são sete, sendo que as seis primeiras circundam a sétima morada, a mais interior de todas, onde mora o Rei. À medida que a pessoa entra nesse castelo, vai atingindo graus cada vez mais

⁸⁹Edith Stein escreve alguns textos procurando estabelecer uma relação entre Tomás de Aquino e Husserl, apontando pontos de encontro e divergências entre os dois pensadores. Embora não sejam aprofundados nesta pesquisa, indicamos os textos da autora: *O que é a filosofia: um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino* (1929) e *A fenomenologia e de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino: um ensaio de um confronto* (1929).

elevados de conhecimento próprio e vai sendo atraída cada vez mais para seu centro mais profundo.

A entrada no castelo, que para Teresa de Ávila acontece pela “porta” da oração, nem sempre acontece, de modo que o proprietário do castelo não toma posse do que lhe pertence. Isso ocorre porque, conforme acredita, é próprio da natureza humana decaída perder-se no mundo exterior.

Após um resumo da Obra de Santa Teresa, no qual descreve o que acontece em cada uma das “sete moradas” do castelo interior⁹⁰, Stein escreve um segundo capítulo, em que faz uma leitura do Castelo interior à luz da filosofia moderna. Inicia apontando as concordâncias com Santa Teresa de Ávila e também algumas discordâncias. Considera que a autora, ao escrever sua obra, tinha objetivo prático religioso e considera que a única maneira de entrar em si mesma é pela “porta” da oração. Stein afirma que “sendo espírito e imagem do Espírito divino, a alma possui conhecimento não só do mundo exterior, mas também de si mesma: é consciente de sua vida espiritual e pode refletir sobre si mesma também sem entrar em si pela porta da oração” (STEIN, In SCIADINI, 1936/2007, p. 117).

Todavia, Stein reconhece que, como afirmava a santa, a morada mais interior do castelo era reservada ao Senhor da criação, “entrar em si significa aproximar-se gradativamente de Deus” (STEIN, In SCIADINI, 1936/2007, p. 117).

Outra porta que Stein considera uma possibilidade para penetrar em seu íntimo é o relacionamento com os outros, uma vez que, tendo uma ideia dos outros e os outros tendo uma ideia de nós, torna-se possível chegarmos a nos ver a nós mesmos como focalizados pelo externo. “Isto nos permite ver algo de certo, mas raramente de penetrar profundamente em nós mesmos” (STEIN, in SCIADINI, 1936/2007, p. 117).

Outro impulso à reflexão sobre si mesmo ocorre no processo de maturação, na passagem da infância para a juventude; mas também esse impulso pode gerar uma falsa imagem de si mesmo. Stein diz ainda que a ideia de si, baseada na imagem que os outros fazem de nós, é “obviamente, uma formação da psique

⁹⁰ Não quisemos aqui fazer o “resumo do resumo” de Stein, pelo temor de esvaziarmos a riqueza e a profundidade dos escritos. De qualquer forma, existe em português esse capítulo disponível na obra *Edith Stein: Perder para ganhar*, De Frei Patrício Sciadini, na terceira parte do livro. Recomendamos também a leitura do próprio livro *Castelo interior ou moradas*, de Santa Teresa de Jesus, também em português, para quem desejar aprofundar essa questão.

modelada e derivada do externo, o que contribui ao ocultamento do verdadeiro ser” (STEIN, in SCIADINI, 1936/2007, p. 118).

A maior crítica que Stein faz, refere-se às investigações da psicologia moderna que, na tentativa de traçar um caminho próprio e totalmente independente de qualquer consideração religiosa ou teológica, chegou ao séc. XIX “a uma psicologia sem alma” (STEIN, in SCIADINI, 1936/2007, p. 118): “Tanto a essência da alma, quanto suas faculdades foram deixadas de lado, como conceitos mitológicos e somente ocuparam-se dos fenômenos psicológicos” (Stein, in Sciadini, 1936/2007, p. 119).

Stein destaca o empirismo inglês como base da tendência de conceber a psicologia como ciência natural, uma psicologia naturalística:

[...] chegando ao ponto de conceber a alma como um mero produto de simples sensações existenciais, assim como uma coisa material é feita de átomos. Não somente se negou o componente estável e duradouro, a base real dos fenômenos mutáveis, ou seja, do fluxo da vida, mas também se excluiu do fluir da vida psíquica o espírito, o sentido e a vida mesma. Tudo isto equivale a uma demolição: como se do castelo da alma se conservassem apenas as muralhas, e destas só as ruínas, que dão a entender os traços da sua estrutura original, pois para todos os efeitos, um corpo sem alma não é mais um corpo verdadeiro” (STEIN, In SCIADINI, 1936/2007, p. 119).

Stein considera essa tendência superada e considera a redescoberta do espírito no meio científico como uma das principais mudanças ocorridas nos últimos decênios, embora ainda lamente que existam psicólogos – “e mesmo surpreendentemente psicólogos católicos que asseguram que não se possa absolutamente falar de alma no contexto científico” (STEIN, in SCIADINI, 1936/2007, p. 120).

Os pioneiros dessa retomada da ciências do espírito e da psique são, segundo Stein, Dilthey, Brentano, Husserl e suas escolas. Stein destaca uma obra do fenomenólogo de Mônaco, Pfänder⁹¹, cuja concepção de alma concorda em muito com a dela. Para ele, a alma possui um impulso para o autodesenvolvimento, radicado na própria essência: “Ele vê na alma uma vida em embrião, que deve

⁹¹ A obra chama-se *Die Seele des Menschen. Versuch einer vertehender Psychologie* (A alma do homem. Esboço de uma psicologia inteligível).

desenvolver-se até a forma completa. E é uma propriedade essencial da alma humana, esta de exigir para o próprio desenvolvimento a atividade livre da pessoa” (STEIN, in SCIADINI, 1936/2007, p. 121). Porém, para Pfänder, a alma é criatura e não gera a si mesma, mas somente desenvolve a si mesma. No seu ponto mais profundo é ligada a seu princípio criativo e só pode desenvolver-se plenamente unido a ele.

O estudo de Pfänder desaponta Stein por deixar obscura a relação entre alma e corpo, e entre alma e espírito. Segundo Stein:

[...] aqui encontramos-nos diante de um resíduo do velho racionalismo que não admite nenhum mistério, que parece não saber nada da fragmentariedade do conhecimento humano, e mesmo crê poder igualmente revelar completamente o mistério da relação da alma com Deus. (STEIN, in SCIADINI, 1936/2007, p. 122)

Stein acredita que a causa para a recusa à realidade da alma, na psicologia naturalística do século XIX, que causa a cegueira e a incapacidade de ver as profundezas da alma “não seja o mero isolamento em determinados preconceitos metafísicos, mas preponderantemente uma angústia inconsciente diante de um encontro com Deus” (STEIN, in SCIADINI, 1936/2007, p. 122-23).

Stein, em comunhão com o pensamento de Santo Agostinho e Santa Teresa de Ávila, considera que é no centro da alma que o ser humano toma suas decisões, aquelas pelas quais é chamado o homem de pessoa livre: “O centro da alma é o lugar de onde se faz ouvir a voz da consciência e a sede das decisões pessoais livres” (STEIN, in SCIADINI, 1936/2007, p. 124).

Engana-se, sobretudo, quem pensa que Stein concebe o ser humano apenas de forma individualista e intimista, que busca toda a sua realização em si mesmo e na sua relação com Deus.

A autora apresenta o ser humano como indivíduo e como parte de uma comunidade, pois para ela, “tomar em consideração um indivíduo isolado é uma

abstração. A sua existência é existência em um mundo, a sua vida é vida em comunidade” (STEIN, 1932-33/2000, p. 187).⁹²

Para ela só se compreende a estrutura individual do ser humano se essa for compreendida em sua relação comunitária, numa relação de interdependência, mas em uma relação em que uma não destrói nem anula a outra. Na concepção steiniana, não há espaço nem para o individualismo, nem para a massificação. Observa que, em sua época, era “muito difundida a tendência de considerar o ser humano como determinado exclusivamente pela sua pertença a um grupo social e a negar a personalidade individual” (STEIN, 1932-33/2000, p. 188).⁹³

As relações que os indivíduos estabelecem entre si foi discutida por Stein na obra *Psicologia e Ciências do Espírito*⁹⁴. Ela distingue três tipos de associações humanas e o tipo de relação que ocorre em cada uma delas: a massa, a sociedade e a comunidade.

Na massa os indivíduos comportam-se da mesma maneira, e não existe uma unidade entre eles, nem uma vida comum; o que prevalece na massa é o contágio psíquico, em que as pessoas vão sendo tomadas por seus impulsos, de modo coletivo, sem uma reflexão. Não existe, portanto, vida espiritual na massa, só vida psíquica. Por isso, a massa precisa de um guia externo a ela. Não há motivação interna nem tomada de posição consciente.

Na sociedade, os indivíduos que a compõem são ligados por um objetivo. Realiza-se uma união pessoal espiritual. Os membros exercem um papel dentro da sociedade, mas existe apenas um caráter objetivo, no qual cada um é objeto em relação ao outro. Na sociedade falta a relação pessoal própria da comunidade. A sociedade pode acontecer em um partido político, em uma empresa etc.

BELLO (prefácio, In STEIN, 1922/1999b, p. 20) afirma que a comunidade possui uma natureza orgânica. Sua gênese está no estabelecimento de uma relação de troca entre pessoas, que diz respeito à comunicação, às ações e aos sentimentos

⁹² Da tradução italiana: “*Prendere in considerazione un individuo umano isolato è un’astrazione. La sua esistenza è esistenza in un mondo, la sua vita è vita in comunità*”.

⁹³ Da tradução italiana: “*Oggi è molto diffusa la tendenza a considerare l’essere umano come determinato esclusivamente dalla sua appartenenza ad un insieme sociale e a negare la personalità individuale*”.

⁹⁴ Essa obra não foi aprofundada nesta tese. Utilizamos o prefácio, escrito pela Angela Ales Bello como referência para a explicação que segue. Indica-se a obra para quem desejar aprofundar a temática.

recíprocos. Se reconhece, além disso, que as personalidades mais influentes podem imprimir um caráter típico em um grupo. Comparando a comunidade e a sociedade, Stein afirma que nesta última falta uma história, uma tradição.

As características essenciais da comunidade envolvem cada um de seus membros, de modo que podemos nos referir à comunidade como entidade que possui uma personalidade. Ela tem também alma e espírito.

Tendo situado o ser humano na obra de Edith Stein, passaremos agora para o tema que escolhemos para esta tese: o sentido de formação em Edith Stein. Iremos adentrar em seus escritos pedagógicos, procurando compreender esse processo próprio e exclusivo dos seres humanos.

4 O SENTIDO DE FORMAÇÃO PARA EDITH STEIN

Tentando lançar um olhar para dentro do mais íntimo do nosso ser, descobrimos que não se trata de um ser pronto e, sim, de um vir-a-ser, e procuramos então esclarecer esse processo do vir-a-ser. O que somos e em que nos tornamos não permanece encerrado dentro de si mesmo, antes precisa propagar-se e ter consequências; mas, todo o nosso ser e vir-a-ser e atuar no tempo é disposto desde a eternidade e tem um sentido para a eternidade e só se torna claro para nós na medida em que nos colocamos sob a luz da eternidade.

Edith Stein

4.1 Considerações Iniciais

Já afirmamos anteriormente que uma divisão possível da obra da autora pode ser por: escritos filosóficos, pedagógicos e antropológicos, espirituais e autobiográficos. Afirmamos também que, segundo Garcia (1988), a formação é o aspecto central na obra pedagógica de Edith Stein.

Se, como afirma Pezzella (2007), o aspecto educativo na obra de Stein é pouco conhecido, mas não menos importante, podemos perguntar: por que ainda é tão pouco conhecido?

Stein não compõe literalmente uma “obra” pedagógica. Seus escritos são predominantemente compostos por conferências e cursos ministrados por ela, posteriormente publicados em revistas e/ou organizados em forma de livros.

A sistematização das conferências varia de acordo com a tradução, seguindo um agrupamento determinado pelos organizadores das coletâneas.

Seus escritos pedagógicos são fruto de uma intensa atividade pedagógica, no espaço de tempo compreendido entre os anos de 1923 a 1933, ano posterior à sua conversão e anterior à sua entrada no Carmelo.

Não acreditamos que os fatos acima respondam à pergunta sobre o pouco conhecimento da obra pedagógica de Stein. Acreditamos que seu pensamento é extremamente rico, porém em contraposição aos conceitos vigentes sobre educação de sua época e, por que não, também da nossa. Ela questiona uma educação que

não leve em consideração o ser humano completo, mas que se limite a fornecer um acúmulo de informações, visando apenas o desenvolvimento intelectual. Para Stein, uma formação humana autêntica forma o homem de modo integral e o conduz à plena realização de si mesmo, em vista do bem comum, pois cada pessoa que se desenvolve de maneira plena e integral contribui para o crescimento e desenvolvimento do mundo ao seu redor.

Antes, porém, de aprofundarmos o sentido de formação em Edith Stein, fazem-se necessárias algumas considerações.

Como já dissemos anteriormente, no período posterior à sua conversão, Edith Stein passa a morar em Speyer, no Convento das Irmãs Dominicanas de Santa Madalena, onde dedica-se em tempo integral ao estudo e ao ensino. Nesse período, aprofunda também das raízes da sua fé. Não há como estudar esse período de sua vida sem tomar conhecimento da forte ligação que vai desenvolvendo com a fé católica

Adentrando em seus escritos pedagógicos nos deparamos com a jovialidade e a vitalidade de uma recém-convertida, encantada pelo novo horizonte que se abre à sua frente. Transborda em toda sua obra a sua nova descoberta: a teologia católica, a metafísica cristã. Tudo adquire um novo sentido para ela e esse passa a ser um referencial para suas investigações posteriores. Faz afirmações que ora encantam, ora desconcertam, mesmo para uma católica praticante.

Encantam pela clareza, segurança e verdade de seus posicionamentos. Desconcertam porque em poucos anos da conversão, Edith Stein adquire uma convicção tão grande acerca da doutrina católica que, mesmo em pessoas que nasceram e cresceram nesse ambiente, dificilmente encontramos.

Nesse ponto, nos deparamos com uma armadilha que pode dificultar uma verdadeira compreensão do pensamento da autora. Pode-se trair seu pensamento de duas maneiras.

A primeira delas é negando ou omitindo passagens de cunho religioso que fartamente encontramos em suas exposições. Embora sendo uma cientista rigorosa, Stein não considera o pensamento religioso inferior ao pensamento científico, nem um empecilho para tal, como fortemente era difundido em sua época, motivado pelo

cientificismo, o racionalismo e o positivismo. Portanto, negar ou omitir tais passagens é mutilar seu pensamento.

Um outra maneira de trair seu pensamento é fixar demasiadamente o olhar no aspecto religioso e ignorar o caminho que Stein percorre para fazer suas afirmações. A autora não abandona o rigor acadêmico para encurtar o caminho à fé. O fato de acreditar ter encontrado a Verdade não a põe numa atitude passiva e acomodada, mas a lança em uma busca cada vez mais profunda em seus estudos e seu compromisso com as pessoas que lhe são confiadas.

Geuber e Leuven (1999a), no prefácio da obra de Stein, lembram que paralelamente à atividade docente que ela desenvolveu em Speyer e depois em Münster⁹⁵, ela participou ativamente dos trabalhos do movimento das escolas católicas, conquistando, com o passar do tempo, um lugar de liderança espiritual na associação das professoras católicas: dava conferências em reuniões anuais e congressos e era procurada para dar consultoria na elaboração de planos de reforma e também participava de conversações pedagógicas com autoridades oficiais⁹⁶.

Na exposição que se segue, não foi nosso intuito explicar ou interpretar o pensamento de Edith Stein, mas apresentá-lo da forma mais viva e real que nos foi possível. A autora possuía um domínio de escrita e de fala que lhe permitia expressar-se com clareza e segurança, sem retoques nem rebuscamentos, tornando-se desnecessária uma interpretação de seu pensamento.

Stein possuía ainda a humildade de quem conhecia suas potencialidades e limites. Nela vemos a concretização do que fala em uma conferência ⁹⁷na Universidade de Heidelberg:

⁹⁵ A título de recordação, em Münster ela trabalhou como professora no Instituto alemão de Ciências pedagógicas de 1931 a 1933, ano em que Hitler assumiu o poder na Alemanha e ela foi impedida de trabalhar, por ter origem judaica.

⁹⁶ Na introdução do Vol. I das obras completas de Edith Stein, Fco. Javier Sancho considera que o momento em que Stein torna-se católica foi a época dourada do catolicismo alemão, que havia sido fortemente atacada durante todo o século XIX. Era um período de reflorescimento, em que grandes nomes, nas mais diferentes áreas culturais surgem, do meio católico. No período do entre-guerras (1918-1939) surgem nomes como Romano Guardini, Erich Przywara, Peter Wust, Dietrich Von Hildedrand, Erik Peterson, Odo Casel, Aloys Mager, Gertrud Von Le Fort, Rahner, Von Balthazar, entre outros. A preocupação de fundo que unia esses intelectuais católicos era a de recuperar a unidade entre fé e cultura.

⁹⁷ O título da Conferência foi *Der Intellek und die Intellektuellen*, (*El intelecto y los intelectuales*). Stein inicia conferência questionando a ideia corrente de que os intelectuais eram os guias autorizados do

Poderá [o intelectual] falar sem medo sua língua intelectual entre o povo, porque para ele é tão natural como para o povo a sua, e porque, claramente, não a estima superior. Poderá dedicar-se a seus programas intelectuais, porque é seu ofício natural; usará sua inteligência como o carpinteiro a mão e a sua plaina, e quando pode servir a outros com seu trabalho, estará muito disposto a fazê-lo. (STEIN, 1931/2003, p. 229)⁹⁸

4.2 Edith Stein e o desejo de uma reforma educacional

Stein defendia uma reforma no sistema educacional alemão, que considerava estar em crise há décadas. Procurando a causa da crise, ela o encontra no conceito de formação em que o sistema educacional estava baseado, que ela considerava falho.

Stein considerava falho, sobretudo, o ideal de formação a ser alcançado, do que chamava “escola antiga”: a busca de um *saber enciclopédico*. Essa escola é “essencialmente uma filha do Iluminismo” (STEIN, 1999a, p. 136).

O ideal de formação a ser alcançado era de um saber enciclopédico que devia ser o mais completo possível. Pressupunha-se que a alma não passava de uma *tabula rasa* em que deveria ser gravado o máximo, seja pela assimilação racional seja pela inserção na memória. (STEIN, 1999a, p. 136)

Falando sobre um plano de formação da mulher (isso serve para todos) afirma:

Seria necessário desfazer-se completamente da ideia de que a escola deve transmitir um extrato compendioso de todas as áreas do saber de nosso tempo. Mais vale a tentativa de educar pessoas que sejam suficientemente inteligentes e esforçadas para serem capazes de apropriar-se de qualquer matéria que venha a ser importante para ela. (STEIN, 1999a, p. 146)

povo. Após uma brilhante explanação conclui afirmando que a característica principal de um intelectual que possa ser guia do povo é a humildade.

⁹⁸ Da tradução em espanhol: “Podrá hablar sin miedo su lengua intelectual entre el pueblo, porque para él es tan natural como para el pueblo la suya y porque, claramente, no la estima superior. Podrá dedicarse a sus problemas intelectuales, porque es su oficio natural; usará su inteligencia como el carpintero la mano y la garlopa, y cuando pueda servir a otros con su trabajo, estará muy dispuesto a hacerlo”.

A autora considera a formação como algo mais complexo, que vai além da posse de informações e conhecimentos. Para ela, a “formação e educação devem colher o ser humano na sua totalidade de corpo vivente e alma” (STEIN, 1932-33/2000, p. 55)⁹⁹.

Stein considera ainda que “a formação é algo muito mais intrincado, mais misterioso e menos sujeito ao arbítrio que sonhava o Iluminismo. Como não contasse com os fatores de formação essenciais, seu sistema estava destinado ao fracasso” (STEIN, 1999a, p. 139).

4.2.1 A Antropologia como fundamento da Pedagogia

Stein defendia que a concepção antropológica deveria fundamentar toda obra educativa, uma antropologia fenomenológica como ponto de partida do processo formativo.

Para a autora, toda ação educativa deveria visar à formação do ser humano e seria acompanhada de uma determinada concepção de ser humano e de mundo:

A teoria da formação humana, que indicamos com o termo pedagogia, é ligada organicamente a uma imagem geral de mundo, isto é, a uma metafísica, e a uma ideia de ser humano que é a parte da imagem geral a qual essa é imediatamente ligada. (STEIN, 1932-33/2000, p. 38).¹⁰⁰

Atentemos para o parágrafo acima: Stein concebe que o objetivo principal da ação educativa é a formação humana. A pedagogia assume o status de “*teoria da formação humana*”. Não à toa, a grande preocupação da autora com a formação de professores, da qual ela participou ativamente durante mais de dez anos, dando aulas, cursos e conferências dirigidas, em sua maioria, a um público composto por professores e futuros professores. Edith Stein defendia que a visão de homem e mundo que fundamentavam a prática pedagógica fosse explicitada. Para isso,

⁹⁹ Da tradução em italiano: “[...] *formazione ed educazione devono cogliere l’essere umano nella sua totalità di corpo vivente e anima*”.

¹⁰⁰ Da tradução em italiano: “*La teoria della formazione umana, que indichiamo con Il termine pedagogia, è legata organicamente ad un’immagine generale Del mondo, cioè ad una metafísica, e l’idea di essere umano è quella parte dell’immagine generale alla quale essa è immediatamente connessa*”.

acreditava ser necessário um colóquio entre a Pedagogia, a Psicologia, Filosofia e a Teologia.

Esse aspecto da teoria que subjaz a prática é um ponto que preocupa a autora, quando afirma que “o embasamento do trabalho de formação em teorias equivocadas há de levar necessariamente também a uma prática equivocada” (STEIN, 1999a, p. 187). Acreditava ainda, ser possível *deformar* em vez de formar. Isso se aplica também à falta de um fundamento apropriado para a prática pedagógica, uma vez que o “objetivo almejado pelo formador de pessoas (tanto na formação de outros como na sua própria formação) depende de sua visão de mundo” (STEIN, 1999a, p. 119).

Em uma época em que o ensino era baseado em diversas concepções, dentre elas a nazista, Stein via na antropologia um conhecimento necessário aos educadores para que eles tivessem clareza dos fundamentos para uma correta prática pedagógica, o *para que* e o *como* ensinar, dando uma formação integral e acertada aos jovens.

Por acreditar que “a Pedagogia constrói castelos na areia se não encontra uma resposta para a pergunta ‘quem é o homem?’” (STEIN, 1932-33/2000, p. 54)¹⁰¹, a autora sabia que a resposta a essa pergunta não seria unânime, exigindo, portanto, uma clarificação e uma indicação segura. Para tanto, Edith Stein elenca diferentes antropologias e seu significado pedagógico¹⁰².

Edith Stein toma como referência a antropologia segundo as ciências da natureza, que ela considera muito próxima da zoologia. Tem como principal referência a teoria da evolução de Darwin e vê o ser humano como uma espécie animal, posta no mais alto grau da série evolutiva.

Buscam-se as diferenças entre o ser humano e os demais animais. Pela via empírica, através da observação e descrição, obtém-se uma imagem do ser humano como tal. Depois, buscam-se as diferenças no interior dessa unidade, diferenças morfológicas, tipos, raças etc. e as causas de tais diferenças. Buscam-se as leis

¹⁰¹ Da tradução em italiano: “*La pedagogia contruisce castelli in aria se non trova una risposta alla domanda ‘chi è l’uomo?’*”

¹⁰² Essa discussão é feita durante o curso intitulado “Estrutura da Pessoa Humana”, ministrado por Stein no inverno de 1932-1933 Edith Stein, no Instituto de Pedagogia Científica de Münster. Este curso, segundo Bello(2000), deveria servir de base teórica para uma filosofia da educação, embora Stein não utilize esse termo, mas “ciência da educação” e “pedagogia”.

gerais que presidem a evolução. Em seguida, questiona: “Essa ciência da natureza que oferece descrições morfológicas e esclarecimentos das causas, é aquela antropologia que buscamos como fundamento da pedagogia?” (STEIN, 1932-33/2000, p. 55).¹⁰³

Como a formação e a educação devem colher o ser humano em sua totalidade de corpo vivo e alma, ela considera que, para isso, é importante conhecer a estrutura, as funções e as leis de desenvolvimento do corpo humano “para saber o que é mais útil ou danoso para o desenvolvimento conforme a sua natureza. É igualmente importante conhecer as leis gerais da vida da alma humana para levar em conta no trabalho educativo” (STEIN, 1932-33/2000, p. 55)¹⁰⁴. Reconhece também a importância do conhecimento das massas humanas, dos povos, raças etc., pois “é tarefa do educador formar não só como indivíduo, mas também como parte do todo” (STEIN, 1932-33/2000, p. 55).¹⁰⁵

Apesar de reconhecer a importância dos conhecimentos das ciências naturais, Stein considera insuficiente uma antropologia que proceda unicamente dessa fonte como fundamento da pedagogia e da obra educativa, por duas razões:

1. O conhecimento de um tipo humano não é suficiente para conhecer o ser humano concreto que se apresenta diante do professor. Stein alerta para a “perigosa interrupção da unidade do ato pedagógico” se o educador não for orientado diretamente ao aluno diante de si, mas vendo-o apenas a partir de um esquema geral. Para ela, o aluno é um ser humano com uma individualidade irrepetível e não um exemplar de um tipo.
2. As ciências da natureza não conseguem fazer relação entre indivíduo, raça e humanidade em sua reciprocidade, pois para isso é necessário um critério de juízo e isso não é dado nas ciências naturais: “Portanto, eles não

¹⁰³ Da tradução em italiano: “*Questa scienza della natura, che offre descrizioni morfologiche e chiarimenti riguardo le cause, è quella antropologia che cerchiamo come fondamento della pedagogia?*”

¹⁰⁴ Da tradução em italiano: “[...] *per sapere cosa può essere utile o dannoso per uno sviluppo conforme alla sua natura. È ugualmente importante conoscere le leggi generali della vita dell’anima umana per tenere conto nell’opera educativa.*”

¹⁰⁵ Da tradução em italiano: “[...] *è compito dell’educatore formarlo non solo come individuo, ma anche come parte del tutto.*”

podem assumir significado para uma finalidade pedagógica” (STEIN, 1932-33/2000, p. 56).¹⁰⁶

Stein defende que a compreensão do ser humano individual se dê mediante as ciências do espírito. Assim reivindica:

A antropologia, que exigimos como fundamento para a pedagogia, deverá ser uma antropologia filosófica, que precisará, permanecendo em relação viva com a inteira problemática filosófica, estudar a estrutura do ser humano e sua inserção nas formas e nas regiões do ser às quais pertence. Deverá também responder à pergunta sobre o porquê diferentes ciências do espírito estudam o ser humano segundo métodos totalmente diferentes. O sentido e a legitimidade de tais procedimentos devem ser compreensíveis a partir do pertencimento do ser humano aos diferentes âmbitos da realidade que temos indicado com os nomes “natureza” e “espírito” (STEIN, 1932-33/2000, p. 62-63).¹⁰⁷

Considera também necessária uma antropologia que integre a teologia e a filosofia. Aliás, Stein defende que o conhecimento teológico é irrenunciável para a pedagogia. Considera São Tomás de Aquino um grande expoente nessa questão, pois no seu pensamento a antropologia assume uma posição central, uma vez que, para ele, o ser humano é um microcosmo que unifica em si todos os reinos do mundo criado. A relação com Deus também assume papel central:

Uma doutrina geral do ser humano não pode limitar-se ao ser criado, mas deve levar em consideração a diferença entre o ser criado e o ser incriado e a relação que ocorre entre eles. Portanto, seria incompleta e inadequada, como fundamento da pedagogia, uma antropologia que não levasse em consideração a relação do ser humano com Deus (STEIN, 1932-33/2000, p. 63).¹⁰⁸

¹⁰⁶ Da tradução em italiano: “*Perciò esse non possono assumere significato per una finalità pedagogica*”.

¹⁰⁷ Da tradução em italiano: “*Dunque, anche l’antropologia filosofica che dovrà, rimanendo in rapporto vivo con l’intera problematica filosofica, studiare la struttura dell’essere umano e il suo inserimento nelle forme e nelle regioni dell’essere alle quali appartiene. Dovrà anche rispondere alla domanda sul perché diverse scienze dello spirito, studino l’essere umano secondo metodi totalmente differenti. Il senso e la legittimità di tali procedimenti devono essere comprensibili movendo dall’appartenenza dell’essere umano ai diversi ambiti della realtà che abbiamo indicato con i nomi ‘natura’ e ‘spirito’*”.

¹⁰⁸ Da tradução em italiano: “*Una doutrina generale dell’essere non può limitarsi all’essere creato, ma deve prendere in considerazione la differenza tra l’essere creato e quello incriato e il rapporto che intercorre tra essi. Quindi, sarebbe incompleta ed inadeguata, come fundamento della pedagogia, anche un’antropologia che non prendesse in considerazione il rapporto dell’essere umano con Dio*”.

São Tomás de Aquino era dominicano, filósofo e teólogo, e foi um dos grandes pensadores da Idade Média. Combinou a filosofia de Aristóteles com o cristianismo e Santo Agostinho, realizando uma grande síntese filosófico-teológica. Stein teve acesso às suas obras após sua conversão, enquanto buscava conhecer os fundamentos de sua fé. Encontrou um ambiente muito favorável para tal empreitada, pela disposição que tinha em conhecer, e por morar, nesse período, em um convento também da ordem dominicana, em Speyer. Foi nessa época também que se dedicou à tradução da obra *Quaestiones disputatae de veritate*, de São Tomás, para o alemão.

Antes de prosseguir a discussão sobre os escritos pedagógicos de Stein, e o papel que a formação assume em tais escritos, julgamos necessário destacar alguns pontos sobre a influência de Aristóteles e São Tomás de Aquino em seu pensamento, pois será importante para o entendimento da discussão posterior.

4.2.2 Antecedentes Filosóficos e Antropológicos

Massimi (2013) situa o pensamento de Stein em relação às antropologias filosóficas emergentes na história da filosofia clássica e medieval. Esse entendimento é de grande valor para a compreensão do pensamento steiniano, sobretudo no sentido da formação humana. A autora recorda que Stein retoma em vários momentos, na obra *Psicologia e Ciências do Espírito* (1922/1999b), a discussão acerca do dualismo platônico. Questiona a ideia da alma que habita o corpo, este visto como prisão ou túmulo da alma. Stein não admite essa ideia, pois acredita que essa visão não faz jus à unidade da natureza. Para ela, a visão que lhe parece mais pertinente para abordar a questão da unidade da pessoa é a perspectiva aristotélico-tomista. Tal concepção admite o homem como sendo, ao mesmo tempo, ente material, que contém as funções das almas vegetal, animal, espiritual, mas de modo unitário.

Com efeito, também os resultados da investigação fenomenológica de Stein a levarão a afirmar na obra que o ser humano, em sua inteireza, é uma única substância, sendo que a esta unidade pertencem substâncias materiais que fora dela seriam

independentes, mas dentro dela integram-se num organismo, cuja estrutura ordena-se e subordina-se numa legalidade própria. (MASSIMI, 2013, p. 110)

Embora utilize uma terminologia aristotélico-tomista, Massimi (2013) afirma que Stein contesta algumas conclusões de Tomás de Aquino a partir de resultados obtidos por ela e Husserl, por meio da investigação fenomenológica acerca da estrutura da pessoa humana. Stein não estava interessada em impor à pesquisa científica paradigmas da filosofia antiga, mas “confrontar os resultados de pesquisa fenomenológica com os dados obtidos das filosofias do passado, considerando-se também o fato que, em muitos casos, estas filosofias utilizaram abordagens semelhantes à fenomenologia” (MASSIMI, 2013, p. 111).

Embora creditasse a Husserl a fundação da escola fenomenológica, Edith Stein acreditava que o método elaborado e adotado por ele no II volume de *Ricerche logiche*, “já havia sido utilizado por grandes filósofos de todos os tempos, embora de modo não exclusivo, nem acompanhado de uma reflexão clara sobre o modo próprio de proceder” (STEIN, 1932-33/2000, p. 67).¹⁰⁹

Stein concorda com Aristóteles e Tomás de Aquino que afirmam que a alma é o princípio primeiro que nos faz nutrir, sentir e mover e também entender. Está dividida em três planos ou graus de perfeição: vegetativo, sensorial e racional. A cada um desses graus corresponde um determinado número de potências, também chamada de forças ou faculdades (MASSIMI, 2013).

Tanto Aristóteles como Tomás de Aquino concebem a alma como princípio de vida e, portanto, está presente em todos os seres vivos, numa relação hierárquica que parte do menos ao mais perfeito:

Existe uma homologia estrutural entre o nível vegetativo da alma das plantas, o nível sensitivo das almas dos animais e o correspondente grau vegetativo e sensitivo da alma do homem. Por outro lado, os graus vegetativo, sensitivo e racional, formam no homem uma mesma alma. Em segundo lugar, os grupos de potências que interagem na alma humana são entre si muito diferentes: no que diz respeito às funções sensoriais vegetativas, o homem é muito parecido aos animais, ao passo que nas potências do nível racional da alma (inteligência e vontade), ele eleva-se muito acima dos

¹⁰⁹ Da versão em italiano: [...] già stato utilizzato dai grandi filosofi di tutti i tempi, seppure in modo non esclusivo, né accompagnato da una riflessione chiara sul proprio modo di procedere.

outros seres participando de certa forma da naturezas dos espíritos angélicos. (MASSIMI, 2013, p. 113)

Massimi lembra ainda que, para os autores, na alma as potências são ordenadas para o ato e, no homem, as potências são responsáveis pela ocorrência dos fenômenos psíquicos: o conhecimento sensível (sensação, imaginação, memória); o conhecimento intelectual (ideias, juízo, raciocínio); o apetite sensível (prazer, dor, emoções); o apetite intelectual (vontade, atividade, hábitos, costumes).

Vejamos como Stein (1929/2003), em uma conferência cujo título foi *Os tipos de Psicologia e seu significado para a pedagogia*, resumiu a visão de São Tomás sobre a alma e suas potências:

A alma, é segundo sua essência, algo simples (não composto), espiritual (imaterial); porém segundo suas funções apresenta um duplo aspecto: por um lado, é a forma do corpo, a saber, o que lhe dá vida, o que faz de um corpo morto um corpo vivo e onde se fundamentam todas as atividades da vida; por outro lado, se radica nela toda vida sensitiva e espiritual. E assim, da única e simples essência surge uma multiplicidade de faculdades, capacidades e potências: as que servem a salvaguardar o corpo (ex. o instinto de conservação), sensoriais (capacidade de apreender e esforçar-se), intelectuais (entendimento, vontade). Porém toda faculdade é faculdade de algo e para algo, quer dizer, está dirigida a atividades e estados de alma, a atos que se distinguem em ativos e passivos (ações e paixões). As potências existem, em primeiro lugar, como faculdades não desenvolvidas, como meras possibilidades; mas podem conseguir uma fácil disposição a transformar-se em atos; então a potência conseguiu por um “hábito” uma tal disposição ou habilidade, a perfeição. (STEIN, 1929/2003, p.91)¹¹⁰

Nesse aspecto, acerca do fato de o indivíduo humano ser um processo natural em constante desenvolvimento, Stein concorda com Aristóteles e Tomás de Aquino; no entanto, contesta a afirmação tomista de que o princípio de individuação

¹¹⁰ Da tradução em espanhol: “*El alma es, según su esencia, algo simple (no compuesto), espiritual (inmaterial); pero según sus funciones, presenta un doble aspecto: por un lado, es la forma del cuerpo, es decir, lo que le da vida, lo que hace de un cuerpo muerto un cuerpo vivo y donde se fundamentan todas las actividades de la vida; por otro lado, se radica en ella toda vida sensitiva y espiritual. Y así, de la única y simple esencia surge una multiplicidad de facultades, capacidades y potencias: las que sirven a salvaguardar el cuerpo (p. ej. El instinto de conservación), sensoriales (capacidad de aprehender y de esforzarse), intelectuales (entendimiento, voluntad). Pero toda facultad es facultad para algo, es decir, está dirigida a actividades y estados del alma, a actos que distinguen en activos y pasivos (acciones e pasiones). Las potencias existen, en primer lugar, como capacidades no desarrolladas, como meras posibilidades; pero pueden conseguir una fácil disposición a transformarse en actos; entonces la potencia ha conseguido por un “hábito” una tal disposición o habilidad, la perfección.*”

estaria na matéria, sob o risco de cair no dualismo. Para Stein, desde a origem, o princípio de individuação não é material, mas espiritual:

Desde o início, todos os aspectos do que é propriamente humano já estão presentes: o homem não se configura em sua origem apenas vegetal¹¹¹ e depois como animal¹¹² e finalmente homem racional, mas é ser humano desde o primeiro instante de sua existência, mesmo que o especificamente humano emergia em determinado momento do estágio evolutivo. Desde o nascimento é já **ser humano** em potência, mesmo que em ato se realize aos poucos. (MASSIMI, 2013, p. 115-116.)

Esse aspecto é muito importante para o objeto desta pesquisa, a saber, o sentido de formação em Edith Stein: conceber o ser humano, desde o nascimento, como potência ordenada para o ato. Stein, a partir desse princípio, desenvolve sua discussão pedagógica, na qual os fatores internos e externos precisam integrar-se para uma autêntica formação humana.

Prosseguiremos mostrando como a partir de todas as influências, a saber: a fenomenologia de Husserl, a visão aristotélico-tomista, a psicologia, a antropologia, a doutrina católica, Stein elabora uma reflexão cada vez mais consistente a respeito do ser humano e seu itinerário formativo. Stein procurava fundamentar bem suas posições, pois sabia que um fundamento consistente era essencial para uma prática educativa que visasse, de fato, a formação humana, de modo integral, e não apenas uma pseudoformação¹¹³. Veremos como utilizando-se de três concepções de antropologias contemporâneas a ela, explicita sua própria concepção antropológica, uma antropologia fenomenológica cristã.

¹¹¹ Ou seja, como alma vegetativa, princípio vital interior cujas atividades são a nutrição e a reprodução.

¹¹² Ou seja, como alma sensitiva, caracterizada por liberdade de movimento no espaço e pela sensibilidade. Liberdade não no sentido de livre arbítrio, mas no sentido de que o movimento animal é determinado do exterior e do interior, com base em leis e é resultante da interação entre estas duas direções. A alma animal possui vida interior no sentido de um centro interior onde converge tudo o que provém do exterior e de onde brota toda reação. É o ponto de intercâmbio: de chegada dos impulsos e de partida das reações

¹¹³ Stein não utiliza esse termo, mas o encontramos em Pezzella (2007). Consideramos essa expressão adequada para expressar o tipo de formação que não leva em consideração o ser humano integral: corpo, psique e espírito, mas foca sua atenção em uma formação apenas intelectual.

4.2.3 Antropologias Contemporâneas e Antropologia Cristã

Stein sustenta que “todo agir humano é guiado por um ‘logos’”(1932-33/2000, p. 38). Utiliza o termo em grego pela dificuldade de encontrar, na língua alemã, um termo que traduza tal palavra, em seu sentido pleno.

Todavia, a autora admite ser possível que alguém desenvolva uma obra educativa sem haver elaborado uma metafísica e sem uma completa concepção de ser humano, mas existe sempre uma concepção cosmológica e antropológica a fundamentar o seu agir, e é possível, a partir de sua ação, perceber a que ideia, objetivamente, corresponde. Diz ainda ser possível que se tenha uma metafísica e se construa uma teoria pedagógica completamente diferente. Também é possível que alguém proceda na prática pedagógica de modo pouco coerente com sua teoria pedagógica e sua metafísica: “Esta falta de lógica e consequência tem também um lado positivo: de fato, é uma defesa segura contra os efeitos radicais produzidos por teorias erradas. No entanto, ideias e teorias nunca serão de todo ineficazes.” (STEIN, 1932-3/2000, p. 38)¹¹⁴.

Stein parte para uma análise da antropologia contemporânea a ela e suas consequências pedagógicas. Toma como ponto de apoio três concepções de homem que considera mais relevantes, em seu tempo, quais sejam: do idealismo alemão, da psicologia do profundo e da filosofia existencial de Heidegger. Finaliza, apresentando a concepção de ser humano na metafísica cristã e faz a relação dessa visão de ser humano com cada uma das ideias expostas.

Apresentaremos a exposição da autora, pois demonstra a capacidade que tinha de fazer uma leitura da realidade de seu tempo, sempre dialogando e tomando posições coerentes com suas escolhas.

Ao tratar da concepção de ser humano do idealismo alemão, Stein sublinha alguns traços dessa concepção, baseada em poetas clássicos que tornaram familiares a visão de homem de tal concepção. Entre eles Lessing, Herder, Schiller e Goethe.

¹¹⁴ Da tradução em italiano: “*Questa mancanza di logica e di consequenzialità ha anche un lato positivo: difatti, è una difesa sicura contro gli effetti radicali prodotti da teorie sbagliate. Tuttavia idee e teorie non saranno mai del tutto inefficaci*”.

Embora reconheça que existam diferenças entre as posições do idealismo alemão ou humanismo idealista Stein afirma que todos concordam que o homem:

É livre, é chamado à perfeição, é um membro da cadeia formada por todo gênero humano, que se aproxima progressivamente do ideal de perfeição. Cada indivíduo e cada povo tem, pela força de sua natureza, uma particular missão especial no processo de desenvolvimento da humanidade. (STEIN, 1932-33/2000, p. 39)¹¹⁵

Autonomia e força individual devem ser despertadas e desenvolvidas para que cada pessoa ocupe o posto que lhe pertence em seu povo e na humanidade, dando sua contribuição na grande criação do espírito humano: a cultura.

Essa concepção teve fortes impulsos de otimismo e ativismo pedagógicos. Impulsionou movimentos de reforma pedagógica no final do séc. XVIII e início do século XIX. Tem confiança no bem da natureza e na força da razão (herança de Rousseau e do racionalismo filosófico). É uma Filosofia intelectualista que leva em consideração apenas o consciente, considerando irracional tudo o que está fora do alcance do intelecto (instintos, sensações etc.).

Stein toma como referência uma segunda concepção de homem: a concepção que chama de psicologia do profundo, ou seja, a psicanálise de Freud e a psicologia analítica de Jung.

Stein considera que essa é uma concepção antropológica influenciada pelo Romantismo, que tentava superar o reducionismo idealista. Utiliza também da literatura russa, Dostoievskij e Tolstoj, que são definidos por Stein como “conhedores e anunciadores da alma” e que haviam tratado “dos abismos do ser humano” (STEIN, 1932-33/2000, p. 40-41). A psicanálise, para Stein, foi um primeiro grande corte sobre esta realidade:

¹¹⁵ Da tradução em italiano: “[...] è libero, è chiamato alla perfezione, è un membro nella catena dell'interno genere umano che si avvicina progressivamente all'ideale della perfezione; ogni singolo ed ogni popolo hanno ricevuto, in forza della loro natura, un particolare compito da svolgere nel processo di sviluppo dell'umanità”.

Para o fundador da psicanálise e também para grandes grupos originados dele, que hoje se opõem em muitos pontos importantes, as potências do profundo, que determinam a vida como força invencível, são as pulsões do homem. Originam-se daí diversas direções de pesquisa que dependem de *qual* pulsão é considerada como predominante. (STEIN, 1932-33/2000, p. 41)¹¹⁶

A força do profundo foi mais evidenciada na guerra e na confusão do pós-guerra, questionando profundamente a visão idealista: “Razão, humanidade, cultura revelaram-se continuamente e novamente uma impressionante impotência” (STEIN, 1932-33/2000, p. 41).¹¹⁷

Em comparação com a concepção idealista essa nova visão de ser humano “destroniza” o intelecto e a livre vontade. Rompe-se com a ideia de uma unidade espiritual da humanidade e o da existência de um objetivo de vida humana que seja reconhecível pela razão e alcançável pela vontade.

O objetivo seria normalizar as pulsões para formar um homem normal; a tarefa da pedagogia seria a cura ou prevenção dos distúrbios da alma, utilizando para isso uma análise de vida que Stein considera superficial.

Como consequência pedagógica destaca a “*estima do instinto*”. “*Levar em conta*” significa em grande parte satisfazer os instintos, para não se rebelar contra a natureza. Outra consequência é que para pais e educadores, as tarefas de guiar e educar são colocadas em segundo plano. A prioridade é dada ao empenho de compreender:

Quando, como meio para a compreensão, se usa a psicanálise – e isso acontece hoje frequentemente, e não só da parte do educador, mas também da parte do jovem nos confrontos com o educador – corre-se o risco de romper o vínculo vivo que decorre entre uma alma e outra, que é premissa para toda ação pedagógica e também para toda verdadeira compreensão: portanto, a psicanálise exercitada de modo incompetente constitui um perigo não só para a pedagogia, mas também para a vida social inteira e, de modo todo particular, para a cura das almas (STEIN, 1932-33/2000, p. 42)¹¹⁸.

¹¹⁶ Da tradução em italiano: “*Per il fondatore della psicoanalisi ed anche per ampli gruppi che, originariamente da lui promossi, oggi gli si oppongono su molti punti importanti, le potenze del profondo, che determinano la vita come forze invincibili, sono le pulsioni dell’uomo. Si originano da qui diverse direzioni di ricerca che dipendono da quale pulsione viene considerata come predominante*”.

¹¹⁷ Da tradução em italiano: “*Ragione, umanità, cultura rivelarono continuamente e nuovamente un’impressionante impotenza*”.

¹¹⁸ Da tradução em italiano: “*Quando come mezzo per la comprensione si usa la psicoanalisi - e questo accade oggi frequentemente, e non solo da parte dell’educatore, ma anche da parte del giovane nei confronti dell’educatore- si corre il grosso rischio di recidere il legame vivo che intercorre tra*

A terceira e última concepção de homem que Stein evidencia é a presente na filosofia existencial de Heidegger, que também leva em consideração o contraste que existe entre a superfície e o profundo, mas sua visão de profundo e a via para acessá-lo é essencialmente diferente da psicanálise.

A grande pergunta dessa metafísica é sobre o Ser. Essa pergunta emerge de nosso exercício pessoal. O ser humano vive em meio às atividades cotidianas e é absorvido por ocupações práticas; todavia, distancia-se cada vez mais das perguntas essenciais: “O que sou eu?” e “O que é o Ser?”

A angústia é evidenciada pela inevitabilidade dessas perguntas, muitas vezes rechaçadas. Mesmo que evite encarar sua condição ao longo da vida, a morte é inevitável. Quem viver segundo a verdade deverá encarar o próprio nada e a morte, sem refugiar-se em formas ilusórias de segurança: “A vida profunda da qual fala Heidegger é uma vida espiritual. O homem é livre enquanto pode e deve decidir-se pelo verdadeiro ser. Para ele, não existe algum outro fim senão aquele de ser si mesmo e perseverar no nada de que o seu ser é constituído” (STEIN, 1932-3/2000, p. 44)¹¹⁹.

Stein afirma que Heidegger não construiu uma teoria pedagógica, mas ela avalia qual é a consequência pedagógica que se produziria a partir dessa ideia de ser humano. O educador deveria levar os jovens a distinguir a forma de vida ilusória e os ídolos: “Mas quem assumirá esta triste tarefa e quem poderá fazer-se responsável por ela? Poderíamos ter certeza que outro ente saberia crescer tendo diante dos olhos o nada e que não seria obrigado a refugiar-se no mundo, ou a fugir em direção ao nada?” (STEIN, 1932-3/2000, p. 44)¹²⁰. Stein considera que essa concepção poderia conduzir a um “*niillismo pedagógico*”.

Massimi (2013, p. 109) afirma que “a crítica de Stein a tal concepção é que fixa a atenção apenas sobre o que o homem “não é”, tirando a atenção do que o homem “é”, do ser absoluto que emerge nele para além dos limites”.

un'anima e l'altra, che è premessa per ogni azione pedagogica ed anche per ogni vera comprensione: Perciò la psicoanalisi esercitata in modo incompetente costituisce un pericolo non solo per la pedagogia, ma anche per l'intera vita sociale e, in modo del tutto pericoloso, per la cura delle anime”.

¹¹⁹ Da tradução em italiano: “*La vita profonda di cui parla Heidegger è una vita spirituale. L'uomo è libero in quanto può e deve decidersi per il vero essere. Per lui non c'è alcun altro fine se non quello di essere se stesso e perseverare nel niente di cui il suo essere è costituito*”.

¹²⁰ Da tradução em italiano: “*Ma chi darà a questa triste opera e chi potrebbe esserne responsabile? Si potrebbe essere certi che un altro Esserci saprebbe crescere avendo davanti agli occhi il nulla e che non fosse costretto a rifugiarsi nel mondo o addirittura fuggire dall'Esserci verso il nulla?*”

Após apresentar cada uma das concepções de homem e suas consequências pedagógicas, Stein (1932-33/2000) relaciona cada uma das delas com a concepção de ser humano da “*metafísica cristã*”.

A Antropologia cristã divide com o humanismo idealista a convicção acerca da bondade humana, a liberdade do homem, sua vocação para a perfeição, a sua posição de responsabilidade na totalidade unitária do gênero humano. Todavia, esta se apoia em um fundamento diferente. O homem é bom porque foi criado por Deus, criado à Sua imagem e isso o distingue de todas as criaturas terrenas. Em seu espírito está impressa a imagem da Trindade: “O espírito humano ama a si mesmo. Esse deve conhecer-se para poder amar-se. Conhecimento e amor estão no espírito, eles são um, são a sua vida. [...] O conhecimento nasce do espírito e do espírito que conhece provém o amor” (STEIN, 1932-33/2000, p. 45).¹²¹

O ideal de perfeição do humanismo idealista volta-se para um fim terreno, o desenvolvimento da humanidade. Na visão cristã é um fim ultraterreno, ou transcendente, em que o ser humano pode e deve colaborar, mas não pode alcançar só com suas forças naturais. É necessário que as forças naturais recebam o auxílio da Graça Divina para que cheguem à sua plenitude.

Em relação à psicologia do profundo, Stein considera que a antropologia cristã conhece bem a profundidade e os lados obscuros da existência humana. Reconhece que a raiz do mal está no afastamento de Deus, pelo pecado original:

O homem era, em sua origem, bom, senhor de seus instintos, em vigor da sua razão, orientado livremente para o bem. Mas pelo afastamento do primeiro homem de Deus, a natureza humana decaiu: os instintos se revoltaram contra o Espírito, o intelecto foi obscurecido, a vontade enfraquecida. Do primeiro homem, a natureza corrompida foi transmitida a todo o gênero humano (STEIN, 1932-33/2000, p. 46)¹²²

¹²¹ Da tradução em italiano: *Lo spirito umano ama se stesso. Esso deve conoscersi per potersi amare. Conoscenza e amore sono nello spirito, anzi sono uno con esso, sono la sua vita. (...) La conoscenza nasce dallo spirito e dallo spirito che conosce procede l'amore.*

¹²² Da tradução em italiano: *“L'uomo era in origine buono, signore dei suoi istinti in forza della sua ragione, orientato liberamente al bene. Ma, per l'allontanamento del primo uomo da Dio, la natura umana è decaduta: l'istinto si è rivoltato contro lo Spirito, l'intelletto si è obnubilato, la volontà indebolita. Dal primo uomo la natura corrotta si è trasmessa a tutti il genere umano”.*

Entregue a si mesmo e à sua natureza, o homem é incapaz de vencer-se, pois segundo Stein, ele não tem nenhum poder sobre as forças do profundo. Deus intervém, enviando seu Filho que, assumindo a natureza humana, a eleva à sua condição anterior, devolvendo-lhe a filiação divina. Dessa forma, o ser humano adquire a possibilidade de desenvolver-se novamente em suas principais potências, o intelecto e a vontade, auxiliado pela Graça. No entanto, a graça não o torna imune a erros e quedas, sendo necessário que assuma a luta constante, em vista da vida eterna. “Tender firmemente a este propósito deve ser a regra de toda a sua vida, todas as circunstâncias da vida terrena devem ser colocadas à prova para o significado de assumir respeito ao objetivo eterno, então, de ser julgado e realizado”. (STEIN, 1932-33/2000, p. 47).¹²³

Em relação ao Existencialismo de Heidegger, Stein considera que também no cristianismo é necessário um comportamento crítico no confronto com o mundo que cerca o homem e também no confronto com o próprio eu. Afirma que o apelo à consciência da verdade é um apelo do cristianismo originário, expresso em João Batista.

Entre os pensadores cristãos, o que melhor expressa essa busca pela verdade é Santo Agostinho. Para ele, na interioridade do ser humano habita a verdade; essa verdade não é o resultado da simples realidade da própria finitude, mas o encontro com o Ser eterno que habita na fragilidade do ser humano. Em Agostinho, a verdade que o ser humano encontra quando penetra no profundo de sua interioridade é o Deus eterno. A alma conhece a si mesma e, assim, em si mesma, conhece Deus.

Enfim, Stein resume as três concepções de homem, o idealismo alemão ou humanismo idealista, a psicologia do profundo e o existencialismo de Heidegger, em relação à concepção cristã de ser humano, da seguinte maneira:

Podemos dizer que do ponto de vista da antropologia cristã, a *imagem proposta no ideal do humanismo* revela-se como imagem do homem íntegro, do homem antes do pecado, mas a sua origem e o seu propósito não são levados em consideração, a realidade do

¹²³ Da tradução em italiano: “*Tendere fermamente a questo scopo, deve essere la regola di tutta la sua vita, tutte le circostanze della vita terrena devono essere messe alla prova per il significato che assumono rispetto allo scopo eterno, poi venir giudicate e realizzate*”.

pecado original é excluída de sua atenção. *A imagem do ser humano da psicologia do profundo* é a imagem do homem decaído, considerado de modo estático e a-histórico: o seu passado e sua possibilidade futura, a realidade da redenção são negligenciados. A *filosofia existencial* nos mostra o ser humano na sua finitude e na nulidade de sua essência. Essa fixa o que ele não é e, portanto, desvia a atenção do que ele é, e do ser absoluto que emerge nele para além dos limites. (STEIN, 1932-33/2000, p. 49)¹²⁴

Fica claro, portanto, que Stein não se filia a nenhuma das três concepções que apresenta, mas opta pela visão cristã como fundamento para a educação. Toda sua obra pedagógica funda-se nas fontes do cristianismo. Os autores que mais a influenciaram foram São Tomás de Aquino, Santo Agostinho e Santa Teresa de Ávila, além das Escrituras e da doutrina católica. Utiliza ainda todo o seu repertório intelectual filosófico, psicológico, pois não desconsidera nenhum tipo de conhecimento.

As ciências (psicologia, antropologia, sociologia) nos oferecem importantes instrumentos para o conhecimento da natureza humana, também para aquela dos jovens. Todavia, elas podem aproximar-se da peculiaridade individual só através de um vivo contato interior; o ato próprio de compreender, que sabe como interpretar a linguagem da alma nas suas diversas formas expressivas (olhar, expressão facial e gestual, palavra e escrita, ação prática e criativa) pode penetrar no profundo. A via para ele é livre, porém, só se a alma se exprime sem impedimentos e se o processo original de desenvolvimento e formação a partir do interior para o exterior não é interrompido. (STEIN, 1932-33/2000, p. 51)¹²⁵

Ressalta sempre a necessidade de que o conhecimento capte a individualidade das pessoas, pois acredita que “não se podem educar os homens

¹²⁴ Da tradução em italiano: “*Possiamo dire che dal punto di vista dell’antropologia Cristiana, l’immagine proposta dall’ideale umanistico si rivela come immagine dell’uomo integro, dell’uomo prima Del peccato, ma la sua origine e Il suo scopo non sono presi in considerazione, la realtà del peccato originale rimane esclusa dalla sua attenzione. L’immagine dell’essere umano della psicologia del profondo è l’immagine dell’uomo decaduto, considerato in modo statico e astatico: il suo passato e le sue possibilità future, la realtà della redenzione vengono trascurate. La filosofia esistenziale ci mostra l’essere umano nella finitezza e nella nullità della sua essenza. Essa fissa ciò che egli non è e viene perciò distolta da ciò che è comunque positivo e dall’assoluto che emerge dietro questo essere limitato*”.

¹²⁵ Da tradução em italiano: “*Le scienze (psicologia, antropologia, sociologia) gli offrono importanti strumenti per la conoscenza della natura umana, anche per quella del giovane. Tuttavia, egli può avvicinarsi alle peculiarità individuali solo attraverso un vivo contatto interiore; l’atto proprio del comprendere, che sa interpretare in linguaggio dell’anima nelle sue diverse forme espressive (sguardo, espressione del viso e gesto, parola e scrittura, azione pratica e creativa), può penetrare nel profondo. La via per lui è libera, però, solo se l’anima si esprime senza impedimenti e se l’originario processo di sviluppo e di formazione dall’interno verso l’esterno non è interrotto*”.

para uma mesma finalidade, segundo um esquema geral. Dar espaço à especificidade da criança é um meio essencial para individuar a orientação interior ao fim” (STEIN, 1932-33/2000, p. 52).

Sberga (2013) lembra que, para Stein, a identidade está no mais profundo da pessoa, na sua interioridade mais central, lá onde não pode ser confundida com ninguém. Lá é pessoa singular.

Esta é uma marca de toda a obra pedagógica de Edith Stein: buscar colher o ser humano em sua individualidade, de forma mais viva e próxima possível, sem aprisioná-lo em esquemas fechados, mas também sem desconsiderar nenhum conhecimento científico para melhor compreendê-lo.

Todo trabalho educativo, em Stein, visa formar o ser humano à plena realização de si mesmo, num processo que acontece de dentro para fora, como atualização de suas potencialidades, ainda que essa plenitude que cada ser humano é chamado a realizar só seja realmente conhecido por Deus, que criou e conhece em profundidade toda a sua criação:

O verdadeiro educador é Deus, o único a conhecer cada homem singular em profundidade, a ter diante dos olhos o fim de cada um e a saber de quais meios tem necessidade para conduzi-lo ao fim. Os educadores humanos são só instrumentos nas mãos de Deus. (STEIN, 1932-33/2000, p. 50)¹²⁶

Essa afirmação não pode ser interpretada como uma desvalorização do trabalho do educador, que passa a ser visto como “*instrumento nas mãos de Deus*”. Tal premissa é uma grande responsabilidade diante do mistério e da dignidade que se esconde em cada ser humano, independente de condição social, racial, sexual ou cultural. Para Stein, todo ser humano traz em si uma marca da eternidade e anseia por ela. Uma educação que vise apenas o imediato, o terreno, o provisório, não corresponde ao desejo mais profundo dos seres humanos. Não contribui para que cada um realize seu próprio caminho, sua própria via, mas ao contrário, busca uma padronização ou uma competitividade na qual os seres humanos não se reconhecem mais como irmãos, como vindos de uma mesma raiz.

¹²⁶ Da tradução em italiano: “*Il vero educatore è Dio, che è il solo a conoscere ogni singolo uomo fin nel profondo, ad aver davanti agli occhi il fine di ognuno e a sapere di quali mezzi ha bisogno per condurlo al fin. Gli educatori umani sono solo strumenti nelle mani di Dio*”.

Por isso, Stein considera que o *logos* eterno é o fundamento ontológico da unidade entre os seres humanos e é isto que faz a educação sensata e possível. Compreende ainda que existe uma ligação objetiva entre humanidade e educação: “A humanidade é uma grande totalidade, deriva de uma raiz, é orientada a um propósito, e tende a um destino” (1932-33/2000, p. 53).¹²⁷

O Catecismo da Igreja Católica (CIC, 1993), algumas décadas depois, de acordo com toda a Tradição, assim expressa essa realidade:

Criados à imagem de Deus único, dotados de uma mesma alma racional, todos os homens têm a mesma natureza e a mesma origem. Resgatados pelo sacrifício de Cristo, todos são convidados a participar da mesma felicidade divina; todos gozam, portanto, de igual dignidade. (CIC, 1934-1935/1993)

Após essas considerações sobre os antecedentes filosóficos e da concepção antropológica assumida por Stein, passaremos para a discussão mais específica da formação, iniciando pelo conceito de formação (*Bildung* em alemão), que Stein desenvolve a partir da visão aristotélica, da alma organizada em uma escala evolutiva, e os meios de alcançá-la.

4.3 Sobre o Conceito de Formação

Sabendo que o conceito de formação é central em toda a obra pedagógica de Stein e que sua clarificação é muito importante para a compreensão do que a autora pretendia desenvolver, busquemos avançar nessa temática.

Garcia (1988) observa que na introdução do Volume V das Obras Pedagógicas de Stein, e na tradução em italiano utilizam-se os termos educação e formação indiferentemente, como se ambos tivessem o mesmo significado, mas quando se lê os textos de Stein na língua original, “nota-se que raramente ela utiliza *Erziehung* (mais próximo de educação), mas frequentemente *Bildung* (formação)

¹²⁷ Da tradução em italiano: “*L’umanità è una grande totalità, infantti deriva da una radice, è orientata a uno scopo, è intessuta in un destino*”.

muito mais relacionado ao conceito de pessoa que vimos até então” (GARCIA, 1988, p. 63).

Por isso Garcia (1988), em sua tese, antes de apresentar as ideias de Stein, utiliza o conceito de formação presente em um Dicionário especializado de pedagogia¹²⁸.

Expomos as ideias encontradas, pois ajudam na compreender o conceito de formação que, como todos os substantivos verbais terminados em *ung* (no alemão), apresenta uma dupla definição: indica estado e processo:

Formação como estado: uma determinação da personalidade, um *habitus*, uma estrutura espiritual. Formação pessoal como princípio regulativo da vida. **É um estado ao qual tende, nunca acabado** – estado possível de um homem, e sua tarefa. Não se pode eliminar a diferença ontológica entre **ser e dever ser**.

Formação como processo: entende principalmente, aquele desenvolvimento no qual o homem conquista uma figura e uma precisa identidade. Nesse sentido é usado frequentemente como sinônimo de educação, mas é preciso esclarecer que a educação se dirige a um outro, a um tu, enquanto a cultura no sentido de formação se refere ao próprio eu. **A formação é o produto da educação**. O ensinamento é uma ajuda à formação da pessoa. (...) a verdadeira didática deve dar solução ao problema de como chegar à unidade entre ensinamento e educação para obter a formação. (HEITGER, apud GARCIA, 1988, p. 64. Grifos nossos.)

O ano de 1930 marca o início das atividades de Edith Stein como conferencista. O tema da formação está presente em várias de suas conferências. Nesse ano ela faz duas conferências com datas muito próximas, abordando essa questão: *Sobre a ideia de formação* (1930/1999b)¹²⁹ e *As bases da formação feminina* (1999a), e, em 1932 *A vida cristã da mulher* (1999a) e o curso *Estrutura da Pessoa Humana* (1932-33/2000). Utilizaremos as três conferências e o curso alternadamente, para adentrarmos nesse assunto tão caro a Edith Stein. Adiante introduziremos outras reflexões da autora em demais conferências, mas consideramos as obras citadas essenciais e complementares para nosso intento.

¹²⁸ HEITGER, M. In verbete “Formazione”. *Dizionario Enciclopedico di Pedagogia*. v. V. Suplemento SAIE- Torino 1968.

¹²⁹ Foi de grande auxílio na compreensão desse capítulo o resumo elaborado pelo prof. Dr. Miguel Mahfoud, publicado no capítulo Formação da pessoa e caminho humano: Edith Stein e Martin Buber, in: *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*, 2013, p. 158-161.

Na conferência *Sobre a ideia de formação* (1930/1999b), para falar de formação, Stein inicia recorrendo ao sentido das palavras. Educar (*bilden*, em alemão) significa formar um material. Com o termo *Bildung* (formação) no uso corrente se entende tanto o processo de formar quanto o êxito, a forma que é impressa na matéria, a forma que a matéria assume. É próprio do processo formativo que uma matéria assuma uma forma, que reproduza um modelo. Dito de outra maneira, formar é plasmar um material até fazê-lo assumir uma forma, com base em uma imagem.

Stein faz uma distinção entre matérias inanimadas e matérias animadas e discorre sobre a maleabilidade, a predisposição que uma matéria tem de assumir uma forma.

Os materiais inanimados (cera, ferro, barro etc.) são altamente suscetíveis a serem plasmados, moldados, formados, de acordo com um modelo pré-estabelecido externamente, podendo ainda ser *trans-formados*, *re-formados*, mas sempre dependem de uma intervenção externa para adquirir esta ou aquela forma.

Também a matéria animada é suscetível de ser plasmada, mas de acordo com as características de cada uma. No reino vegetal, vemos as plantas com uma possibilidade de serem cultivadas e utilizadas na jardinagem, na decoração, podendo adquirir surpreendentes e variadas formas. Mas, ao contrário da matéria inanimada, que depende exclusivamente de fatores externos para serem plasmadas, as plantas têm uma forma *interna* de agir, e tomam uma forma autonomamente, sem nenhuma ação externa. Stein lembra que na filosofia aristotélico-tomista, esse princípio vital é denominado alma vegetal ou vegetativa. Se pretendemos modelar a planta externamente, temos que contar com sua forma interna, aquilo que já está inscrito nela, caso contrário, qualquer intervenção estará sujeita ao fracasso.

Stein prossegue, passando para o reino animal, em que as intervenções plasmadoras podem ser externas, como tosar uma ovelha, por exemplo, e também intervenções mais profundas, como alteração de raças. O animal absorve as mesmas funções da alma vegetal, mas diferencia-se por possuir movimento e alma sensitiva. Está presente nos animais uma vida psíquica, baseada em estímulo-resposta.

No ser humano existe, além da alma vegetativa e da alma sensitiva, a alma intelectual ou racional, o espírito, que a diferencia dos demais reinos. Tem existência própria e superior à do corpo; tem que governar-se, formar-se e governar-se a si mesma e, ao mesmo tempo, construir o mundo que a circunda. Para isso, precisa de material constitutivo de natureza espiritual.

Stein aprofunda essa questão na obra *Estrutura da Pessoa humana* (1932-3/2000). Quando trata do aspecto animal no ser humano e aquele que é especificamente humano, fala sobre a responsabilidade que o homem tem sobre si mesmo e sobre sua formação. Afirma que “ele pode e deve formar-se a si mesmo”¹³⁰ (STEIN, 1932-3/2000, p. 124). O ser humano, diferentemente dos animais, tem consciência de si mesmo, e todas as vivências humanas, de alguma forma, estão ligadas à essa consciência do “eu” e à liberdade de atuação sobre si mesmo: acompanhemos o raciocínio de Stein sobre essa questão:

Ele [o homem] é um ser que diz de si “eu”. Nenhum animal pode dizer isso. Olho nos olhos de um animal e vejo alguma coisa que me olha. Vejo dentro da sua alma uma interioridade, uma alma que percebe o meu olhar e a minha presença. É, porém, uma alma muda e prisioneira, aprisionada em si mesma, incapaz de ir além de si mesma e compreender-se, incapaz de sair de si mesma e chegar até mim. Olho nos olhos de um ser humano e o seu olhar me responde. Deixa-me penetrar na sua interioridade ou me rejeita. Ele é senhor da sua alma e pode fechar ou abrir as portas. Pode sair de si e penetrar nas coisas. Quando dois seres humanos se olham, um eu está diante de um outro eu. Pode ser um encontro que acontece na soleira da porta ou na interioridade. Quando é um encontro que acontece na interioridade o outro eu é um tu. O olhar do homem fala. Um eu **dono de si, vigilante**, me vê. Dizemos também: **uma pessoa espiritualmente livre**. Ser pessoa quer dizer ser livre e espiritual. O ser humano é uma pessoa e isto o diferencia de todos os seres naturais (STEIN, 1932-33/2000, p. 124. Grifos da autora).¹³¹

¹³⁰ Da tradução italiana: “egli può e deve formare se stesso”.

¹³¹ Da tradução italiana: “Egli è un essere che dice di sé io. Nessun animale può farlo. Guardo negli occhi un animale e vedo qualcosa che mi guarda. Guardo dentro un’interiorità, nella sua anima, un’anima che avverte il mio sguardo e la mia presenza. È, però, un’anima muta e prigioniera, imprigionata in se stessa, incapace di andare oltre se stessa e di comprendersi, incapace di uscire da se stessa e giungere a me. Guardo un essere umano negli occhi e suo sguardo mi risponde. Mi lascia penetrare nella sua interiorità o mi respinge. Egli è signore della sua anima e può chiudere o aprire le sue porte. Può uscire da se stesso e penetrare nelle cose. Quando due esseri umani si guardano, un io sta di fronte ad un altro io. Può essere un incontro che avviene sulla porta o nell’interiorità. Quando è un incontro che avviene nell’interiorità, l’altro io è un tu. Lo sguardo dell’uomo parla. Un io padrone di sé, vigile mi vede. Diciamo anche : una persona spirituale libera. Essere persona vuol dire essere libero e spirituale. L’essere umano è una persona, questo lo differenzia da tutti gli esseri naturali”.

A consciência de si, para ela, é abertura ao interno, a consciência do outro é abertura ao externo, e essa é uma primeira interpretação da espiritualidade, pois apenas os seres humanos têm essa possibilidade em sua constituição.

O caráter evolutivo dos seres humanos é, entre outras, a condição que torna possível educar. Para Stein, os seres humanos não têm o espírito puro dos anjos, mas não têm um desenvolvimento limitado como o dos animais, pois possui uma ampla gama de possibilidades e a capacidade de uma livre colaboração.

4.3.1 Meios Formativos

A pessoa inteira é alma e corpo e, por ser uma unidade, em sua constituição implica um processo formativo. A força do interior trabalha para formar o corpo e a alma segundo um arquétipo próprio. O corpo necessita de material estrutural do mundo material e a alma necessita também de material estrutural, mas de outro tipo, o espiritual¹³². Os órgãos que procuram e recebem a matéria necessária são os sentidos e o intelecto. Ambos possuem uma força interior profunda, que na língua alemã chama-se Gemüt (sentimento), que sente que provisões têm ou não valor constitutivo para si. Reconhece o que convém ou não para si. O que convém é assimilado no mais profundo da alma e cresce com ela. Assim, a alma cresce, se enriquece e se amplia, mas ao mesmo tempo também cresce o mundo, no qual pode atuar, configurando-o (STEIN, 1932/2003).

O órgão da alma que lhe abre ao mundo é o intelecto. Ele é ao mesmo tempo ativo e passivo. Ativo na medida em que elabora a própria riqueza intelectual pelo instrumento da vontade. Passivo na medida em que recebe algo de fora, mas não o torna próprio. Os bens culturais têm uma participação importante nesse processo.

Os bens culturais são concebidos por ela como produtos do espírito humano, suscitados por sua atividade criativa, mas que têm uma existência autônoma, desvinculada de seu autor. No entanto, uma parte da vida espiritual está misteriosamente impregnada neles e podem ser assimilados pela alma que tem

¹³² O termo espiritual, nesse aspecto, não tem nenhuma ligação com o aspecto religioso, mas diz respeito ao material produzido apenas pelos seres humanos, a partir do uso livre de suas capacidades intelectivas e volitivas.

contato com eles. Os bens culturais, dessa forma, tornam-se bens de formação, à medida que são elaborados pelo intelecto, de modo ativo. Tratando dessa questão, Stein afirma:

A formação não é uma posse externa de conhecimentos e, sim, a forma que a personalidade humana assume sob a influencia de múltiplas forças vindas de fora, ou então o processo dessa moldagem. O material a ser moldado é constituído de um lado pelas aptidões físicas e psíquicas com que o ser humano nasce, pelo material que lhe é constantemente acrescentado de fora e que deve ser assimilado pelo organismo. O corpo retira esse material do mundo físico, a alma do ambiente espiritual, do mundo das pessoas e dos bens de que deve alimentar-se. (STEIN, 1999a, p. 137)

Para Stein, no ser humano, o material a ser formado não é uma material inerte, como argila na mão do artista ou rocha que sofre a ação das intempéries, mas uma raiz viva em formação que, semelhante a uma planta, possui em si mesma uma força invisível, uma força germinativa que tende a uma determinada direção, que amadurece a partir desse germe, até assumir uma personalidade madura e bem desenvolvida, com características individuais claramente definidas. Acrescenta ainda que mesmo as plantas não dependem apenas de fatores internos para seu desenvolvimento, mas de fatores externos, como o tipo do solo, o clima etc.

A criança humana, com suas aptidões físicas e psíquicas e suas tendências internas, se vê colocada nas mãos de formadores humanos. Para que possa cumprir o seu destino, a criança depende dos nutrientes que devem ser fornecidos ao seu corpo e à sua alma para que possa desenvolver-se, de alimentos que podem ser digestos ou indigestos, saudáveis ou tóxicos. Uma parte essencial de todo o processo de desenvolvimento refere-se à formação dos órgãos de que tanto o corpo como a alma necessitam para absorver e assimilar sua alimentação. (STEIN, 1999a, p. 137)

Stein considera de suma importância no processo formativo que sejam despertadas as potências existentes na alma, mas diz que uma das peculiaridades dos órgãos da alma é porque nela as forças só podem ser despertadas quando impulsionadas por um material correspondente:

[...] os sentidos por meio da atenção, da distinção e comparação de cores e formas, sons e ruídos, etc., a inteligência por meio da tarefa de pensar e conhecer, a vontade por atos volitivos (opção, decisão, renúncia, etc.), a afetividade pelas emoções, etc. É, portanto, a atribuição de tarefas, que vêm de fora, que contribui para a formação das forças (STEIN, 1999a, p. 137).

Dito de outra forma, mas com o mesmo sentido:

[...] os sentidos operam com as impressões que recebem e processam, a razão com os pensamentos, a vontade pelas potências que lhe são características, o ânimo pela variedade de emoções, disposições e posicionamentos. Para tudo isso são necessárias determinadas motivações que ponham as forças em ação. (STEIN, 1999a, p. 117)

Torna-se, portanto, primordial, para Stein, que as potências existentes na alma sejam ativadas em vista de sua formação. Mas como fazer para ativá-las?

Stein afirma que para certos movimentos basta um mero contato com o mundo exterior, com as coisas, as pessoas, situações para ativar as forças formadoras existentes na alma. A isso ela chama de influências espontâneas ou aleatórias.

Além dos fatores aleatórios, existem também as intervenções sistemáticas, planejadas, e esse é o lugar da educação, pois como Stein acredita:

O espírito humano está direcionado à criação, à compreensão e ao gozo da cultura. Ele não é capaz de desenvolver-se plenamente se não tiver contato com a diversidade dos campos da cultura, e o indivíduo não poderá alcançar a meta de sua vocação se não chegar a conhecer o campo que lhe é indicado por seu talento natural. [...] por isso é missão específica da escola introduzir [as crianças] nos campos da cultura e ativar suas forças formadoras. (STEIN, 1999a, p. 240)

A condição prévia para todo e qualquer trabalho de formação é essa: “existe a possibilidade de ajudar de fora as forças formadoras que vêm de dentro” (STEIN, 1999a, p. 143). Dessa forma, o trabalho formativo deve proporcionar intervenções sistemáticas para ativar as forças naturais.

Sua tarefa consiste, essencialmente, na obtenção das *matérias de formação* necessárias à alma para acionar suas forças: dar tarefas ao intelecto e à vontade, colocar o ânimo em contato com aquilo que é capaz de motivá-lo e de preencher a alma internamente. Esse é o mundo dos valores: o bem, o belo, o nobre, o sagrado, os valores específicos próprios de cada alma como tal e de sua qualidade individual. (STEIN, 1999a, p. 118)

Seria desastroso no processo formativo deixar a pessoa entregue a si mesma, contando apenas com suas aptidões naturais; isso poderia inclusive atrapalhar o processo de desenvolvimento previsto internamente, não chegando à sua plena realização: “A mão formadora que intervém de fora para aparar os rebentos nocivos ou para cortar-lhes a nutrição está a serviço dessa formação” (STEIN, 1999a, p. 138). Dessa forma, o processo formativo exige “orientação e direção [...] para a instrução e educação consciente e livre, eventualmente de acordo com um plano” (STEIN, 1999a, p.118).

Assim como no reino vegetal e no reino animal, no ser humano também ocorre a atrofia. Aquilo que não se desenvolve de modo adequado, que não recebe a atenção devida, permanece atrofiado, não se concretiza. Em relação aos seres humanos, considera que “tudo o que a alma não consegue assimilar e processar em seu interior deixa de ser formativo, deixa de ser um valor, transformando-se um peso morto ou até prejudicial” (STEIN, 1999a, p. 252).

Chama atenção a preocupação de Edith Stein de despertar os ouvintes de suas conferências e cursos, em geral formados por professores e futuros professores, para a necessidade de que todas as dimensões do ser humano serem devidamente formadas para não se atrofiarem. Como a formação da mulher ocupou lugar central em sua atuação pedagógica, chamou-nos atenção suas colocações sobre a importância da educação formal da língua e da afetividade, que abordaremos de modo sintético.

4.3.2 Educação Formal da Língua

Para Stein, um dos objetivos da formação feminina é o desenvolvimento da humanidade completa e saber expressar-se adequadamente é algo que faz parte essencial desse processo. Considera que a necessidade da educação formal da língua não é tão obvio na formação, pois à primeira vista parece que essa é uma habilidade que se desenvolve automaticamente ou que o treinamento concreto da expressão é mais benéfica que seu ensino formal e abstrato. Constata que o que é visado nas aulas é a manifestação livre e espontânea dos alunos; as crianças são incentivadas a falar da forma que sabem, usando regionalismos e até expressões vulgares. Pretende-se com isso eliminar inibições, constrangimentos e não frear a livre manifestação natural pela expressão da língua.

Psicologicamente, tal procedimento é correto: é assim que se cria uma base de confiança que se faz necessária para todo o trabalho educativo e é dessa maneira que se conserva ou se cria o funcionamento imperturbado da expressividade natural, condição prévia para qualquer formação lingüística. (STEIN, 1999a, p. 255)

No entanto, Stein considera que, a partir daí, deve-se iniciar o trabalho formativo cujo objetivo deve ser *expressar adequadamente* o que se pretende dizer e compreender corretamente o que os outros dizem.

Adequado para mim não quer dizer segundo as regras da língua escrita, e sim, expressando exatamente aquilo que se quer dizer. Isso exige certamente como matéria prima um vocabulário rico, obtido por muita audição e conversação, leitura e escrita. Mas também exige muito mais do que isso, para que o vocabulário adquirido não se transforme em risco: em tentação de usar chavões em vez de expressar-se, isto é, de dar aos pensamentos profundo a forma da palavra. (STEIN, 1999a, p, 255)

Considerando que pensar e falar estão tão intimamente ligados que constituem um único processo, Stein afirma que “o que não se consegue expressar continua obscuro e abafado na alma, e quem não consegue comunicar-se está como que preso em sua própria alma” (STEIN, 1999a, p, 255).

Falar adequadamente tem ainda um outro sentido para Stein: fazer uso correto da língua. Para ela é necessário ter um respeito pelas palavras, pois falar significa assumir responsabilidades, além de que a palavra sempre desvenda a própria alma: “Em forma de erupção desenfreada denuncia a efervescência e as tormentas internas, pronunciada irrefletidamente é sinal de agitação superficial. Mas sempre se trata de uma intervenção em outras almas” (STEIN, 1999a, p, 255). Por isso a necessidade de que essa dimensão não seja desconsiderada no processo formativo.

4.3.3 Formação Afetiva

Considerando a afetividade como o centro da alma feminina, Stein considerava que formar a afetividade deveria estar no centro da formação feminina. Para isso, “é importante que essa formação seja confiada a pessoas cuja afetividade esteja devidamente formada” (STEIN, 1999a).

Para que essa formação não fosse baseada apenas em sentimentos e emoções “contagiosos”, mas em geral superficiais, Stein alertava para a importância de educar para a autenticidade dos sentimentos, para aprender a distinguir a aparência da realidade fora e dentro da própria alma. Sem uma devida formação do intelecto isso é impossível, sob o risco de ficarmos presos a “excessos de fantasia ou sentimentalismo hipócrita”.

Recorda que a educação feminina, reconhecendo essa necessidade feminina, passou a dar atenção central às matérias de formação da emotividade, esquecendo-se da indispensável formação do intelecto:

Deve-se a ela um tipo de mulher que leva uma vida de aparências e sonhos, fracassando quando confrontada com as exigências da realidade ou entregando-se indefesa a sentimentos e humores, correndo atrás de sensações que excitam o ânimo, não conseguindo dar um rumo à sua vida e atuar com proveito. (STEIN, 1999a p.124)

No outro polo, diante das exigências da vida prática, Stein considera que a escola moderna, com diferentes abordagens, tentou mudar isso, introduzindo cada

vez mais matérias voltadas ao intelecto: matemática, ciências, línguas antigas, entre outras, procurando motivar de várias formas as capacidades intelectuais. Stein considera que o grande risco está em deixar de lado a peculiaridade feminina e a formação que ela exige, orientando-se demasiadamente no modelo de instituições de formação feminina¹³³. Stein defende que nenhuma questão seja desconsiderada, nem a afetividade nem o intelecto, mas a formação espiritual, que compreende o intelecto, a razão e a vontade, devem dirigir e ordenar os afetos.

4.3.4 Forma e Imagem

A escola, portanto, é um local privilegiado de formação, mas não o único. Stein compartilha com a visão da Igreja Católica que a educação é necessariamente um trabalho da comunidade. As três comunidades que o ser humano necessita para seu pleno desenvolvimento são: de ordem natural, a família e o estado¹³⁴, e, de ordem sobrenatural, a Igreja. Cada um desses meios de formação exerce uma função específica, mas complementar na visão de formação que Stein defende, ou seja, “a formação como preparação do homem para ser aquilo que deve ser. Esse processo abrange o corpo, a alma e o espírito com todas as suas forças. Em grande parte, trata-se de um processo espontâneo que se realiza a partir da forma interna” (STEIN, 1999a, p. 230).

No processo formativo a pessoa é chamada a atualizar aquilo que está inscrito em sua forma interior. Todo trabalho formativo é, portanto, individual e tem por finalidade ajudar cada ser humano a trilhar o *seu* caminho e realizar a *sua* obra. Conforme defende Edith Stein:

Assim podemos definir como finalidade do trabalho formativo individual do ser humano: o que *ele* deve ser pessoalmente, trilhar o *seu* caminho e realizar a *sua* obra. *Seu* caminho não é o caminho que se escolhe arbitrariamente e, sim, o caminho pelo qual Deus o leva. Quem quiser levar alguém ao desenvolvimento de sua individualidade precisa levar à confiança na providência divina e à

¹³³ A temática da formação feminina não será aprofundada nesta tese. Clélia Peretti, conclui sua tese em 2009, com título “Edith Stein e as questões de gênero: perspectiva fenomenológica e teológica”. A autora tem desenvolvido diversos trabalhos nessa área.

¹³⁴ Stein aprofunda esse assunto na obra: *Uma investigação sobre o estado* (1924), que iniciou no ano seguinte, após concluir, em 1919, o escrito *Indivíduo e comunidade*.

disposição de prestar atenção a seus sinais e de segui-los.
(STEIN,1999a, p. 222-223)

Quanto à imagem segundo a qual o ser humano deve ser plasmado, Stein (1932/1999b) adverte que há sempre o perigo de processos imitativos a que o sujeito aspira por algo que não é parte do projeto traçado por sua natureza própria. Portanto, uma autêntica educação se dá na medida em que aponta para traços gerais, adquiríveis por qualquer ser humano, ou quando conta com uma autêntica afinidade entre naturezas. Segundo a concepção de mundo de cada formador, assim serão os mais variados ideais formativos, mas só se pode contar com o êxito do trabalho de formação se a meta formativa estiver de acordo com o que Deus colocou em cada ser humano, isto é, um anseio pela realização do próprio destino, que está prescrito para cada indivíduo, ainda que essa meta não seja plenamente conhecida por nenhum olho humano.

Não se trata, todavia, de um determinismo, mas de um processo que compromete o ser humano inteiro, que vai desenvolvendo no processo de amadurecimento humano a capacidade de reconhecer aquilo que lhe diz respeito, ou não. A possibilidade de uma tomada de posição, a respeito daquilo que nos completa ou não é um dado essencial no processo formativo.

A identificação interior com o que se apresenta exteriormente é um ponto importante no processo formativo, pois à medida que é colocada em contato com os meios formativos exteriores, a alma reconhece aquilo que lhe diz respeito ou não. Sente-se inclinada em determinada direção, assumindo pouco a pouco uma forma que já existia em si como potencialidade, em um processo contínuo de atualização cada vez mais completo da forma. Compreende-se assim, que esse processo acontece de dentro para fora.

Chegamos, por fim, a um aspecto importante na concepção de formação em Stein: a questão da liberdade humana, ou *livre arbítrio*, em uma linguagem teológica. Para Stein, o ser humano, desde que disponha do uso da razão e da liberdade, *pode* e *deve* trabalhar para a formação de si mesmo.

4.3.5 O papel da liberdade no processo formativo

Além dos fatores internos e externos (aleatórios ou planejados), a questão da liberdade de atuação do formando em favor de si mesmo é essencial para Stein:

O conhecer e o querer são *atos livres* e, também, a entrega aos movimentos, inicialmente espontâneos, do ânimo ou sua recusa, estão ligados à liberdade. Dessa maneira, o ser humano, consciente de sua liberdade, não fica entregue às forças formadoras externas como se fosse uma matéria passiva, pois ele é capaz de abandonar-se a elas ou de recusá-las, ele pode procurar as chances de formação ou pode evitá-las. De modo que a iniciativa livre, própria, também faz parte dos fatores que participam da formação da alma. (STEIN, 1999a, p. 118)

Somente considerando esse aspecto da liberdade de abertura ou fechamento como uma peculiaridade da condição espiritual humana é possível compreender o que Stein considera autonomia e autoeducação. Stein adverte que não se deve entender autoformação como uma formação que depende só do formando que se forma a “*si mesmo*”, independente dos demais, mas no sentido de um processo que compromete a pessoa inteira, e ela própria coloca em ação as forças, sem, no entanto, excluir a participação de outras pessoas nesse processo.

A natureza espiritual do homem - razão e liberdade - exige a espiritualidade do ato pedagógico, isto é, uma ação comum do educador e estudante que leva em conta o crescimento gradual da espiritualidade, em que a atividade de orientar do educador deixe sempre mais espaço à atividade própria do estudante, para conduzi-lo, enfim, à completa autonomia e à autoeducação. (STEIN, 1932-33/2000, p. 50)¹³⁵

Como afirmamos anteriormente, o intelecto é o órgão responsável pela abertura do mundo à alma. Ele é, ao mesmo tempo, ativo e passivo. Ativo na medida

¹³⁵ Da tradução em italiano: “*La natura spirituale dell'uomo – ragione e libertà- esige la spiritualità dell'atto pedagogico, cioè un'azione comune di educatore e allievo che tenga conto della crescita graduale della spiritualità, in cui l'attività di guida dell'educatore lasci sempre di più spazio all'attività propria dell'allievo, per condurlo, infine, alla completa autonomia e all'autoeducazione*”.

em que elabora a própria riqueza intelectual, pelo instrumento da vontade. Passiva na medida em que recebe algo de fora, mas não o torna próprio.

Stein (1932/2003) afirma que, de certo modo, está em nossas mãos o *se* e o *como* queremos deixar trabalhar o nosso intelecto e, conseqüentemente, quanto queremos ampliar nosso mundo espiritual, o que queremos receber dos elementos de formação¹³⁶. Diz ainda:

As forças formadoras do ambiente espiritual, as mãos humanas formadoras são condicionadas não apenas pela formação primária de dentro, elas se veem confrontadas com mais uma força formadora interna. A criança é entregue às mãos dos formadores humanos. O adolescente que desperta para a liberdade do espírito é entregue a si próprio. Graças ao *livre arbítrio*, ele mesmo pode trabalhar em sua formação, pode acionar livremente suas forças e cuidar de seu desenvolvimentos, pode abrir-se às influências formadoras ou recusá-las. (STEIN, 1999a, p. 138)

Em relação à criança, Stein acredita que, desde o nascimento, esta já está imersa em um mundo repleto de pessoas, de bens espirituais, dos quais recebe vida. Os desenvolvimentos psíquico e espiritual acontecem juntos. No entanto, no início de sua existência, o ser humano não dispõe do uso da razão e da liberdade. Desse modo, até que disponha desse recurso, outros precisam trabalhar em sua formação. Mais tarde, a formação de si mesmo e o trabalho formativo dos outros precisam complementar-se mutuamente, sem, contudo, restringir ou dispensar a livre iniciativa de cada um:

A responsabilidade solidária com a qual a humanidade foi criada e o fato de o indivíduo fazer parte de uma unidade abrangente e de comunidades concretas em que essa é subdividida, fazem com que outros continuem responsáveis pelo ser humano e sua formação mesmo depois de já ter despertado para o uso da razão e da liberdade. (STEIN, 1999a, p. 228)

Mesmo em se tratando de crianças, que não têm ainda o uso pleno da razão e da liberdade, Stein não admite uma maneira brusca de ter acesso a sua

¹³⁶ Vale lembrar que, para Stein, o processo formativo não se conclui no período escolar, mas prossegue enquanto houver abertura e disposição para tal. Desse modo, podemos considerar que a formação nunca está completa, mas é um processo que pode durar toda uma vida.

interioridade, mas defende o respeito e a conquista da confiança para que haja uma livre colaboração.

Para que essa livre colaboração ocorra por parte do educando, Stein considera que “o educador tem necessidade de conhecer a alma da criança; porém, só pode abri-lo o amor e um respeitoso temor que não tenta forçar o que é fechado” (STEIN, 1932-33/ 2000, p. 51)¹³⁷.

Consciente dos limites da formação externa Stein admite que:

Todo o trabalho de formação humano só pode trazer o material e oferecê-lo convenientemente “preparado”, só pode ir à frente e “mostrar como se faz” para estimular a própria atividade; mas ele não pode obrigar à aceitação e imitação. A natureza restringe o trabalho de formação próprio, a natureza e a liberdade do formando limitam o trabalho de formação alheio. (STEIN, 1999a, p. 118)

Para Stein o único formador para o qual não existem esses limites é Deus, que pode, se quiser, intervir na natureza humana, alterando-lhe o curso natural e tornando possível o que é impossível.

Quanto aos formadores humanos ela está convicta dos limites. Afirma que nem os melhores educadores nem as melhores instituições podem garantir o sucesso da tarefa formativa. Só podem fazer tudo o que é humanamente possível, considerando que o trabalho humano de formação é apenas *um* dos fatores que intervêm no processo. Os outros fatores, ainda que identificados, não podem garantir uma segurança absoluta quanto ao sucesso da formação. Diz ainda que o trabalho de formação costuma ser encerrado antes que o processo de formação esteja concluído.

Já pode ser considerado um grande sucesso quando o educando está disposto a prosseguir por conta própria na direção proposta. Mas, mesmo assim, nunca se pode ter certeza de que essa direção seja mantida quando as circunstâncias da vida levam ao despertar de impulsos naturais contrários. (STEIN, 1999a, p. 127)

¹³⁷ Da tradução em italiano: “L’educatore ha bisogno di conoscere l’anima del bambino; però possono aprila solo l’amore e un timore rispettoso che non cerca di forzare ciò che è chiuso”.

4.3.6 Relação entre sujeitos como elemento formativo

Tomando o pensamento de Stein como referência de uma proposta educativa, em uma perspectiva fenomenológica, Pezzella (2007) considera que refletir sobre a formação é, em primeiro lugar, levar em consideração a relação educativa. Relação esta que não é unidirecional, do educador ao educando ou vice versa, mas é sempre de reciprocidade; é um contínuo movimento de “sujeito a sujeito”, no qual o outro não pode mais ser definido ou pensado como objeto, sequer teoricamente; caso contrário, existe o risco de perder uma relação que desejava definir-se como autenticamente formativa.

A relação sujeito a sujeito é um diferencial em relação ao reino animal. “Somente em relação aos seres humanos podemos falar em formação, educação e não de reprodução ou adestramento, como nos animais” (PEZZELA, 2007, p. 41).

Stein dá grande ênfase a essa questão e insiste em um relacionamento mais vivo e próximo possível, não baseado apenas em um conhecimento teórico ou superficial da alma humana, baseada no conhecimento de tipificações humanas, mas sempre aberta para a relação que acontece no aqui e no agora, pois, como afirma Pezzella (2007, p. 43), “a relação educativa é sempre um evento situado no aqui e no agora, no interior de um momento histórico preciso, cultural, social”.

Stein (1999a) considerava que as tipificações tinham um valor prático para que professores e educadores aguçassem o olhar sobre o material humano que tinham diante de si, mas era preciso precaver-se contra uma classificação esquematizantes num rígido sistema de tipos, para não ser injusto com os indivíduos: “Além disso, a tipificação nos lembra que existe uma grande variedade de tipos humanos, de modo que nem todos se prestam a tudo e nem todos podem ser formados para tudo, que deve haver uma diferenciação de metas, meios e métodos” (STEIN, 1999a, p. 205).

O risco que Stein observava no excesso da utilização de tipos humanos como referencial da ação pedagógica, é que se chega sempre ao desconhecimento do indivíduo. Haveria também “uma perigosa interrupção da unidade do ato pedagógico” (STEIN, 1932-33/2000 p.56) se em vez de o educador orientar-se diretamente ao aluno à sua frente, fosse orientado apenas por tipos humanos. Stein

acredita que o aluno é capaz de perceber quando não é levado em consideração como indivíduo único e irrepetível, e essa atitude do professor é suficiente para seu fechamento, rompendo, assim, a possibilidade de uma autêntica relação pedagógica.

Edith Stein, ainda referindo-se às exigências da relação professor-aluno, enfatiza a importância da coerência ou do testemunho entre o que se ensina e o que se vive. Referindo-se ao ensino moral, Stein afirma:

Quando o ensino de tal gênero é aprendido de maneira viva, conduz ao juízo sobre o comportamento próprio e dos outros. Disto deve levar em conta o professor e quando sua conduta prática não está conforme o conteúdo de seu ensinamento, é inevitável que as crianças cheguem à conclusão que ele não crê no que diz ou que não pode ou não deseja fazer o que indica como obrigatório. (STEIN, 1932-33/2000, p. 221)¹³⁸

Diante de tantas exigências, o professor, que também é um ser humano limitado, não poderá corresponder a tudo o que sua função lhe atribui, se diante de si não tiver um referencial seguro, se não tiver uma imagem na qual possa espelhar-se para medir a si mesmo e aos outros. Stein não teme considerar que nenhuma imagem humana corresponde a uma autêntica humanidade, à qual todos ansiamos.

A imagem de Cristo, que Stein, após sua conversão acolheu como Deus feito homem, é apresentada como modelo de ser humano, através do qual é possível medir objetivamente a nós mesmos e aos outros. Essa imagem deve ser assumida por todos que desejarem um referencial seguro, para que se faça força íntima e plasme o ser humano desde seu íntimo:

Quanto mais essa imagem de Deus penetrar em nós, quanto mais despertar o nosso amor, tanto mais sensíveis nos tornamos a qualquer tipo de desvio dele dentro de nós e nos outros: abrem-se os nossos olhos para o verdadeiro conhecimento humano, sem qualquer retoque [...] Quem olha para Ele e se orienta por Ele está com os olhos fixos em Deus, protótipo de toda personalidade e síntese de todos os valores. (STEIN, 1999a, p. 286-287)

¹³⁸ Da tradução em italiano: “Quando um insegnamento di tal genere viene appreso in maniera viva, conduce al giudizio sul comportamento proprio e degli altri. Di ciò deve tener conto l’insegnante e quando la sua condotta pratica non è conforme al contenuto del suo insegnamento, è inevitabile che i bambini giungano alla conclusione che egli non crede in ciò che dice o que non può o non vuole fare ciò che indica come obbligatorio”.

Dessa forma, Stein defendia que “o correto conhecimento das criaturas e o tratamento dado a elas só se tornam possíveis a partir de uma relação correta com o Criador” (STEIN, 1999a, p. 146). Tinha a convicção de que a parte mais importante da formação era a formação religiosa, que significava ter uma fé viva em Deus. Facultar à criança o acesso a Deus era a missão principal do processo formativo, pois abrindo-se a Deus, a alma está aberta a “toda plenitude do mundo espiritual sobre-humano e, com ele, uma quantidade inesgotável de material formador que nela podem entrar para construí-la e transformá-la” (STEIN, 1999a, p. 147).

4.4 Mantendo a morte diante dos olhos

Foto 13: Cemitério do Convento das irmãs Dominicanas, em Speyer.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Em nossa visita à Speyer, fomos monitorados por uma Irmã dominicana que nos apresentou os lugares principais do Convento que tiveram relevância na

passagem de Edith Stein por aquele local. Visitamos a sala de aula, a capela, o quarto, os jardins, os corredores, o acervo, entre outros; mas uma informação, dita dentre as demais, ressoou de modo particular naquela visita. Embora não tenha dado ênfase àquela informação, a irmã dominicana nos disse que o local preferido de Edith Stein naquele lugar era o cemitério, onde costumava sentar-se com frequência e permanecer por longos períodos. É comum em ordens religiosas, em especial nas que vivem em regime de clausura, a existência de um cemitério, onde os religiosos que ali residem são enterrados. Mas como um cemitério poderia ser o local preferido para uma pessoa estar? O que aquele local tinha de tão especial para Stein?

Grün (1998) diz que São Bento, em sua regra, aconselha os monges a manterem a morte diariamente diante dos olhos pois, para ele, o pensar na morte liberta-os de todo medo: “O pensar na morte tira de nós o medo porque paramos de depender do mundo, de nossa saúde, de nossa vida. O pensar na morte também nos possibilita viver e experimentar conscientemente cada momento como dádiva e saboreá-la dia a dia” (GRÜN, 1998, p. 109). Por ter sempre a morte diante dos olhos, o monge torna-se livre das preocupações mundanas, do julgamento e das expectativas dos homens, a grande expectativa para a qual deve voltar-se é para a vinda do Senhor, ou sua *parusia*: “A serenidade jovial, a liberdade, a confiança e a sinceridade para o momento presente forjam o monge que anseia pelo Senhor” (GRÜN, 1998, p. 110).

Não podemos afirmar com precisão, mas acreditamos que esse ensinamento foi apresentado a Stein pelo seu diretor espiritual, o beneditino Rafael Walzer, que conheceu durante o tempo em que morou em Speyer, por quem nutria forte apreço. Desenvolveu tamanha afinidade com a espiritualidade beneditina que, ao ingressar no Carmelo, incluiu “Benedita” em seu nome, passando a chamar-se Teresa Benedita da Cruz.

Grün prossegue dizendo que em muitas sentenças monásticas recomenda-se que é necessário primeiro morrer para o mundo, a fim de estar à altura das tarefas que o mundo apresenta:

Quando me identifico plenamente com minha tarefa ou faço com que minha auto-estima dependa de eu ser ou não capaz de realizá-la, não poderei realmente dominá-la. A fixação em minha tarefa me bloqueia. Eu não sou livre para empreendê-la, porque preciso de qualquer forma executá-la corretamente. O medo de poder vir a fracassar atrapalha a boa execução da tarefa. Morrer significa abandonar a identificação com a tarefa. Somente então eu me torno livre para realizá-la bem. Pois já não depende tudo do fato de como eu a executo [...] olho para minhas tarefas que tenho a realizar, mas não sou estas tarefas. Tenho raiva, mas não sou minha raiva. (GRÜN, 1998, p. 111)

A identificação e a lembrança da própria morte quer lembrar também que o ser humano torna-se tanto mais livre quanto mais deixar de depender da aprovação dos outros, uma vez que se constantemente depender do elogio dos outros continuará sempre insatisfeito, pois nesse aspecto, o ser humano é insaciável.

O que devemos experimentar é que em nós há uma dignidade divina cuja existência independe de as pessoas nos elogiarem ou nos repreenderem. Somente a experiência desta dignidade divina em nós nos torna livres diante do elogio e da repreensão. Não se trata de uma renúncia que nos impomos a duras penas, mas é expressão de nossa experiência interior. (GRÜN, 1998, p. 113)

Grün finaliza sua exposição sobre a importância que tem para os monges manterem a morte diante dos olhos, afirmando ser também necessário o desprendimento em relação aos outros, o que chama “*estar-morto perante os outros*” como condição previa para uma boa convivência.

Precisamos desprender-nos de nós mesmos e de nossas ideias sobre a vida, pois assim há de abrir-se um novo espaço para novas possibilidades para nós. Precisamos desprender-nos do outro, pois assim será possível um verdadeiro relacionamento. Quando, numa amizade, uma pessoa se prende demais à outra, com o passar do tempo o relacionamento se tornará impossível. Uma amizade só poderá subsistir enquanto um se desprende do outro, enquanto um deixa o outro livre e vice-versa. (GRÜN, 1998, p. 116)

Ao ler esta citação, lembramos de um momento em que Stein, em sua autobiografia, fala sobre sua saída de Breslau, sua cidade natal, onde cursou quatro

semestres na universidade e mudou-se, em seguida, para a Universidade de Gotinga. Assim ela se remete a esse fato:

Durante quatro semestres estudei na Universidade de Breslau. Particpei da vida dessa “*alma mater*” como poucos estudantes o faziam, e me parecia que estava enxertada nela de tal modo que não poderia separar-me voluntariamente. No entanto, nessa, como mais tarde em tantas outras vezes na vida, pude romper os laços tão aparentemente fortes com um simples movimento, e voar livre como um pássaro que rompe sua atadura. (STEIN, 1964/2002, p. 325)

Esse movimento de desprendimento que Stein afirma ter feito tantas vezes ao longo da vida, vai se aprimorando cada vez mais, em um processo de amadurecimento humano e espiritual. Esse desprendimento vai pouco a pouco tornando-se uma vivência consciente e intencional. Desprende-se de pessoas, de coisas, das visões de mundo e até mesmo de sua própria vida, realizando em sua existência a Palavra que tantas vezes a confrontou: “Se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só; se morrer, produz muito fruto. Quem ama a sua vida, perdê-la-á; mas quem odeia a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna” (Jo, 12, 24-25).

A aparente dureza dessas palavras, não intimidam Edith Stein, pois aí residia o segredo da verdadeira liberdade: perder para ganhar. Estar livre dos medos, das posses, das expectativas humanas para acolher o segredo de Deus sobre a sua vida e o modo particular que tinha para lhe revelar, na intimidade, a verdade sobre ela mesma. Acolheu em sua vida a Vontade de Deus, como a única capaz de realizar todas as suas expectativas e a via da plenitude, pois era Ela a plena realização de si mesma.

Os momentos passados ao lado dos túmulos das irmãs dominicanas, lembravam-na que sua vida era finita, que um dia ela também passaria. Ajudavam-na a superar sua estreiteza humana e a lançar o olhar para o infinito, pois como afirmava São Paulo: “se é só para essa vida que temos colocado a nossa esperança em Cristo, somos, de todos os homens, os mais dignos de lástima” (I Cor. 15, 19).

A proposta pedagógica e formativa de Edith Stein bebe diretamente dessa fonte, nas raízes do cristianismo, uma proposta que começa aqui, mas que não tem

um fim terreno: o transcende. O sentido de formação em Edith Stein tem, pois, como fim último a vida eterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Senhor, Deus da verdade, será suficiente conhecer essas coisas para te agradar? Infeliz do homem que conhece tudo isso e não te conhece. Feliz aquele que te conhece, ainda que ignore o resto. Aquele que te conhece a ti e também as outras coisas, não é mais feliz por esse conhecimento, mas somente por conhecer a ti, e conhecendo-te, te glorifica pelo que és, e te rende graças, e não se perde em vãs reflexões. De fato, aquele que se reconhece possuidor de uma árvore e te é grato pelo uso que dela pode fazer, ainda que não saiba qual a altura ou largura dela, é melhor do que aquele que a mede, lhe conta os galhos, mas não possui e não conhece nem ama o criador dela. Do mesmo modo, a pessoa de fé possui todas as riquezas do mundo e, mesmo que nada tenha, é como quem tudo possui, pois está unida a ti, Senhor de todas as coisas, pouco importando se nada sabe sobre o percurso da Ursa Maior! Seria loucura duvidar de que está em melhor situação do que aquele que sabe medir os céus, contar as estrelas e pesar os elementos, e no entanto despreza a ti, que tudo dispuseste com medida, quantidade e peso.

Santo Agostinho

Edith Stein é uma personalidade plural e possui uma obra diversa em estilos e conteúdos, propiciando um rico diálogo interdisciplinar. Pode contribuir em diversas áreas do conhecimento: Psicologia, Filosofia, Antropologia, Educação, Direito, Teologia, Mística.

Nesta tese procuramos colher suas contribuições em um campo extremamente desafiante como é o da educação. A concepção de educação que Edith Stein desenvolve tem como foco central a formação humana.

Esse é um tema que tem despertado o interesse de pesquisadores de vários países onde seu pensamento é conhecido, mais ainda tem muito a ser estudado, sendo talvez o aspecto menos explorado do conjunto das obras steinianas.

Nosso interesse inicial era buscar no pensamento de Edith Stein fundamentos teóricos para práticas de educação inclusiva. À medida, porém que avançamos no estudo de suas obras, o tema da educação inclusiva foi se tornando secundário e até mesmo redundante, pois em sua visão de pessoa humana, de educação e seu itinerário formativo, não existe educação que não seja inclusiva. A exclusão é a distorção da visão de ser humano. Uma correta concepção de ser humano, portanto,

de si mesmo e do outro, é um fundamento seguro para uma autêntica prática educativa, que vise formar o ser humano.

Stein insistia que a resposta à pergunta “*quem é o homem?*” era a primeira e mais necessária antes de qualquer ação educativa, sob o risco de se construir “*castelos na areia*” (STEIN, 1932-33/2000).

Em Edmund Husserl reconhece um modo de conceber a ciência que se contrapunha ao pensamento positivista hegemônico de seu tempo, que propunha o método das ciências físicas como exemplar para todo tipo de pesquisa, inclusive das ciências humanas. Edith Stein aprende com ele que a partir da análise das vivências, através do método fenomenológico, é possível conhecer o ser humano em sua estrutura essencial, ou seja, em sua estrutura ontológica.

Essa busca de uma compreensão da constituição humana torna-se o ponto central de sua investigação. Após sua conversão ao catolicismo conhece a obra de São Tomás de Aquino, que também é utilizada por Stein como aporte para a compreensão da constituição humana e seu processo de desenvolvimento. Portanto, o pensamento antropológico de Stein não se funda apenas na Fenomenologia husserliana, mas tem um profundo enraizamento na visão aristotélico-tomista, que concebe o ser humano, desde o nascimento, como potência ordenada para o ato. Stein, a partir desse princípio, desenvolve sua discussão pedagógica, na qual os fatores internos e externos precisam integrar-se para uma autêntica formação humana.

Utilizando o método fenomenológico e a filosofia aristotélico-tomista Stein concebe o ser humano como uma estrutura complexa, constituída de um corpo, psique e espírito, que se manifesta de forma dinâmica constituindo um ser unitário. Esse ser humano tem a possibilidade de ser livre e consciente de si mesmo e de modificar-se por meio das relações intersubjetivas com os outros seres humanos.

Percebemos que para Stein não basta responder à pergunta “o que é o ser humano?”, mas também “como se forma o ser humano?” para que esse se assuma, de fato, como humano. O ser humano pode nascer com um potencial humano, mas não tornar-se plenamente humano, não realizar-se plenamente, mas viver aquém de

suas próprias capacidades, vivendo em um nível inferior de suas reais possibilidades.

Como já afirmamos, a questão da formação humana é o ponto central da obra pedagógica de Edith Stein. A autora reivindica um fundamento antropológico para a pedagogia que dê conta da complexidade humana. Que não reduza os seres humanos a esquemas rígidos e fechados, a tipos gerais que não expressem o caráter único e irrepetível de cada pessoa humana.

Para Stein toda prática educativa é guiada por uma visão cosmológica e antropológica, que deve ser explicitada. Dialoga com as principais concepções antropológicas de seu tempo e encontra na visão de homem cristã, sobretudo a católica, um fundamento seguro.

Considera necessária uma antropologia que integre a teologia e a filosofia. Aliás, Stein defende que o conhecimento teológico é irrenunciável para a pedagogia. Considera São Tomás de Aquino um grande expoente nessa questão, pois em seu pensamento a antropologia assume uma posição central, uma vez que, para ele, o ser humano é um microcosmo que unifica em si todos os reinos do mundo criado.

A formação (*Bildung*) é uma atividade que visa atualizar as potencialidades já contidas na pessoa. É um processo que ocorre do interior para o exterior. Forma-se bem quando todas as dimensões do ser humano, corporal, psíquica e espiritual são consideradas e orientadas, para que cheguem à sua plena realização. É necessário ainda considerar o núcleo, ou alma da alma, no qual existe a originalidade individual de cada um. Edith Stein critica uma prática educativa que vise apenas um saber enciclopédico, um acúmulo de informações que privilegia unicamente a dimensão intelectual e menospreza as demais. Podemos afirmar que Stein visava uma formação integral e não uma pseudoformação.

Ainda que todas as dimensões sejam consideradas e devam ser formadas, Stein considera que a dimensão espiritual, constituída pela inteligência, razão e vontade deve reger o processo formativo. Em contato com o mundo dos valores e na vida em comunidade as potências existentes na alma humana podem ser ativadas, e por meio de atos livres e responsáveis a pessoa caminha para a plena realização de

si mesma. Essa plena realização repercute na vida comunitária, de modo que cada pessoa que se forma assim contribui para o bem comum.

Para ela só se compreende a estrutura individual do ser humano se essa for compreendida em sua relação comunitária, numa relação de interdependência, mas em uma relação em que uma dimensão não destrói nem anula a outra. Na concepção steiniana, não há espaço nem para o individualismo, nem para a massificação, pois tanto a questão da individualidade como da comunidade recebem seu devido valor e são complementares no processo de formação da pessoa humana.

Edith Stein rompe ainda, apoiada em Agostinho e Tomás de Aquino, com a ideia de uma ciência sem Deus. Reivindica uma metafísica cristã como aporte necessário para a compreensão do ser humano e para uma verdadeira reforma educacional, sobretudo da educação católica.

Edith Stein vem acreditar que existe uma verdade acerca de Deus e acerca do homem. E que só em relação a Deus se concebe a verdadeira dignidade humana. A origem, portanto, da dignidade humana é ontológica e teológica. Toda ciência humana que vê a Deus e o mistério encerrado em cada ser humano como uma ameaça, corre o risco de construir caricaturas a respeito da pessoa humana.

O ser humano não cabe em nossos esquemas, pois sempre os supera, sempre os subverte, sempre os transcende, pois sua essência comporta o infinito. Para compreender o ser humano somos o tempo todo convidados a ampliar o olhar, pois constantemente corremos o risco de estreitar nossa visão e passamos a enxergar o que convém.

A visão católica do ser humano e seu ideal formativo não é a única, mas é uma visão que pode e deve ser considerada, ainda nos dias atuais, e não completamente superada, como sustentam alguns. Todo o esforço em marginalizar, depreciar e menosprezar tal visão vem, em parte, de uma ideia distorcida e fragmentada, mas também de uma tentativa de imposição de uma visão única, que não reconhece como científico o que não pode ser mensurado, manipulado, controlado. Uma visão materialista, em que espacialidade e exterioridade são

imprescindíveis. Dessa visão chega-se facilmente a um humanismo imanentista, em que o homem torna-se o referencial absoluto.

Para Stein, o cristianismo não é um conjunto de preceitos e ideias a serem aprendidos e discutidos como um conjunto teórico. Ele é revolucionário, à medida em que pessoas humanas o assumam no cotidiano de suas vidas e se deixem formar e conduzir por eles. O dualismo religioso é uma das chagas do cristianismo, que faz com que alguns cristãos se satisfaçam em crer de uma forma e viver de outra. Edith Stein denunciava essa inconsistência e vem ser uma referência, um testemunho de alguém que não perdeu o sentido de uma religiosidade autêntica.¹³⁹

Uma religiosidade assim não teme a ciência, e a ciência não deve temer o sagrado, pois são dimensões complementares do mesmo fenômeno. Edith Stein dialogava com os mais diferentes referenciais e tinha conhecimento científico suficiente para isso. Chama atenção a liberdade com que transitava entre os mais diversos campos do saber: a psicologia, a teologia, a filosofia, a antropologia, a pedagogia, sem se deixar paralisar por preconceitos reducionistas. O dualismo e o materialismo que marcaram fortemente sua época parecem não ter encontrado nela espaço de desenvolvimento. Em sua personalidade prevaleceu a unidade e a transcendência.

O papa João Paulo II, retomando seus antecessores e o Concílio Vaticano II afirma:

Quero exprimir vigorosamente a convicção de que o homem é capaz de alcançar uma visão unitária e orgânica do saber. Essa é uma das tarefas que o pensamento cristão deverá assumir durante o próximo milênio da era cristã. A subdivisão do saber, enquanto comporta uma visão parcial da verdade com a conseqüente fragmentação do seu sentido, impede a unidade do homem de hoje. (2006, p. 114)

Na mesma encíclica, apresenta Edith Stein, ao lado de outros pensadores como Jonh Henry Newman, Antônio Rosmini, Jacques Maritain, entre outros, como “exemplos significativos de um caminho de pesquisa filosófica que tirou notáveis vantagens de sua confrontação com os dados da fé” (JOÃO PAULO II, 2006, p. 99).

¹³⁹ No anexo 5 trecho de uma conferência de 1932, em que Stein exemplifica como deve ser uma vida cotidiana aberta à graça divina .

A vida e obra de Edith Stein estão tão intrinsecamente ligadas que se complementam como uma unidade. Para compreendermos o sentido de formação procuramos, ao longo da tese, conhecer o processo que ela mesma passou, um processo de deixar-se formar, deixar-se plasmar para tornar-se plenamente ela mesma, sem deixar-se massificar ou anular em sua individualidade.

Podemos nos questionar a quem interessa uma prática educativa que leve em consideração os princípios almejados por Edith Stein, ou que consequências decorrem desses princípios, sobretudo o da valorização da dignidade humana, e da consideração dos outros como semelhantes, pela vivência da empatia.

Quem sabe da dignidade que possui não se curva diante da opressão alheia. Não se vende por interesses arbitrários. Quem reconhece o outro como semelhante não se cala diante das injustiças, dos abusos, da instrumentalização da vida por questões econômicas, políticas ou qualquer outro que negue a sacralidade de cada pessoa humana.

Uma pessoa bem formada se reconhece em suas possibilidades e potencialidades, mas também em suas necessidades e limites. É ainda uma pessoa que desenvolve a humildade de reconhecer que não se basta, mas que precisa da vida em comum para desenvolver-se e precisa também do auxílio da Graça Divina, pois sabe que em Deus está o seu princípio e seu fim.

Finalizamos esta tese com um profundo respeito e gratidão pela riqueza e pobreza, pela grandeza e pequenez que encontramos em Edith Stein. Uma expressão de Santo Agostinho, nos ajuda a decifrar o caminho que ela trilhou: *Ordo amoris*, a ordem do amor, que significa ordenar tudo para o amor: amor a Deus, a si mesmo e ao próximo. Acreditamos que esse foi o itinerário de Edith Stein. Ela soube ordenar todas as suas potências e transformá-las em atos, ordenando tudo, por uma livre decisão de sua vontade, para o amor.

Dessa maneira, apresenta-se como testemunho vivo de uma personalidade madura e harmonicamente formada, que tendo sido conquistada pelo Amor, que é a Verdade, soube ser uma expressão, em palavras e atos, desse mesmo Amor, por uma vida ofertada até as últimas consequências. A ela nossa eterna gratidão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. 20 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BELLO, A. A.. *Edith Stein o dell'armonia: esistenza, pensiero, fede*. Roma: Edizione Studim, 2009.

_____. *A fenomenologia do ser humano: traços de uma filosofia no feminino*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

_____. *Introdução à Fenomenologia*. Tradução Irmã Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: EDUSC, 2006.

BENEDITO, D.. (Blog). Museu de Israel isenta Papa Pio XXII. Disponível em: <http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2012/07/museu-de-israel-isenta-papa-pio-xii-de.html>, entre outros; acesso em 31/03/2014.

BIBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Edição de Estudos. São Paulo: Ave Maria, 2011.

BRANCO, P. C. e MAHFOUD, M.; Revisitando as relações entre tomismo e fenomenologia conforme o pensamento de Edith Stein. In MAHFOUD, M. e MASSIMI, M. (orgs.) *Edith Stein e a psicologia – teoria e pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2013.

CARNEIRO, S. F. B.. *A articulação entre escola e comunidade do entorno em um projeto de literatura marginal: um olhar fenomenológico*.(Dissertação). Mestrado em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FABRETI, V.. *Edith Stein: uma vida por amor*. Tradução de Antonio E. Feltrin: São Paulo: Paulinas, 2010.

GARCIA, J. T.. A.S.C.J. *Edith Stein e a Formação da Pessoa Humana*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1988.

GRÜN, A.. *O céu começa em você: A sabedoria dos padres do deserto para hoje*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

JESUS, Santa Teresa. *Livro da Vida*. Tradução das carmelitas descalças do Convento de Santa Teresa, Rio de Janeiro. 11 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

JOÃO PAULO II. Discurso do papa João Paulo II aos participantes no encontro sobre o antijudaísmo promovido pela comissão teológico-histórica do grande jubileu do ano 2000- 31 de outubro de 1997. disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1997/october/documents/hf_jp-ii_spe_19971031_com-teologica_po.html. acesso em 01/08/2012

_____. Carta Encíclica *Fides et ratio*. 9 ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

MAHFOUD, M.. Formação da pessoa e caminho humano: Edith Stein e Martin Buber. In MAHFOUD, M. e MASSIMI, M. (orgs.) *Edith Stein e a psicologia – teoria e pesquisa*, Belo Horizonte: Artesã Editora, 2013.

MASSIMI, M.. Compreender a estrutura da pessoa: diálogo entre fenomenologia e filosofia aristotélico-tomista, por Edith Stein. In MAHFOUD, M. e MASSIMI, M. (orgs.) *Edith Stein e a psicologia – teoria e pesquisa*, Belo Horizonte: Artesã Editora, 2013.

MIRIBEL, E.. *Edith Stein (1891-1942): Como ouro purificado pelo fogo*. Tradução de Maria do Carmo Wollny. 4 ed. Aparecida: Santuário, 2001.

NOVINSKY, I. W.. *Edith Stein (1891-1942): em busca da verdade em tempos sombrios*. (Tese). Doutorado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade São Paulo, 2012.

PEZZELA A. M. *Lineamenti di filosofia dell'educazione- per una prospettiva fenomenologica dell'evento educativo*. Vaticano: Lateran University Press, 2007.

SBERGA, A. A. e MASSIMI, M.. A formação da pessoa em Edith Stein. In MAHFOUD, M. e MASSIMI, M. (orgs.) *Edith Stein e a psicologia – teoria e pesquisa*, Belo Horizonte: Artesã Editora, 2013.

SBERGA, A. A. *A formação da pessoa em Edith Stein: contribuição para a construção de itinerários educativos para crianças, adolescentes e jovens*. (Tese) Doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2013.

SCIADINI, F. P.. *Edith Stein - Perder para ganhar*. 4 ed. Fortaleza: Shalom, 2007.

SILVA, N.H. L. P.. *Saúde mental na estratégia da Saúde da Família: uma compreensão a partir da Fenomenologia da Edith Stein*. (Tese) Doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

STEIN, E.. *Na força da cruz*. Tradução Hermann Baaken. 2 ed. São Paulo: Cidade Nova, 1984.

_____. *A mulher*. Sua missão segundo a natureza e a graça. Tradução Alfred J. Keller. Bauru: EDUSC, 1999a.

_____. *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fundazione filosófica*. 2 ed. Trad. A. M. Pezzella. Roma: Città Nuova, 1999b. (Original publicado em 1922).

_____. *Sull'idea di formazione* In STEIN, E. *La vita come totalità: scritti sull'educazione religiosa*. 2 ed.. Tradução de T. Franzosi, Roma: Città Nuova, 1999c, p. 21-36. (Título original:*Zur Idee der Bildung*, Original publicado em 1930)

_____. *La struttura della persona humana*. Tradução de M. D'Ambra. Roma: Città Nuova, 2000. (Título original: *Der Aufbau der menschlichen Person*, original publicado em 1932-33).

_____. Cómo llegué al Carmelo de Colonia, 1938, In *Obras Completas I. Escritos autobiográficos y cartas*. Bajo la direção de J. Urkiza y F. J. Sancho, Vitória, Madrid, Burgos, Coeditores: Editorial Monte Carmelo/Ediciones El Carmelo/Editorial de Espiritualidad, 2002.

_____. Vida de una família Judía. In *Obras Completas I. Escritos autobiográficos y cartas*. Bajo la direção de J. Urkiza y F. J. Sancho, Vitória. Madrid, Burgos: Editorial Monte Carmelo/Ediciones El Carmelo/Editorial de Espiritualidad, 2002.

_____. El intelecto y intelectuales. In: *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Bajo la dirección de Julen Urkiza y Francisco Javier Sancho. Madrid, Burgos: Editorial Monte Carmelo/Ediciones El Carmelo/Editorial de Espiritualidad, 2003.

_____. Sobre el concepto de formación. In STEIN, E... *Obras completas IV: escritos antropológicos y pedagógicos*. Tradução de F.J. Sancho e cols.. Espanha: Monte Carmelo, 2003a, p .177-194. (Publicação original de 1930).

_____. Los tipos de psicología y su significado para la pedagogía. In STEIN, E.. *Obras completas IV: escritos antropológicos y pedagógicos*. Tradução de F.J. Sancho e cols.. Espanha: Monte Carmelo, 2003a. (Publicação original de 1929).

WEBTV. Terra Santa - Museu Holocausto. Disponível em:

http://www.webtvcn.com/video/terra_santa_museu_holocausto_060712/p/&web2009¬icias&; <http://www.domtotal.com.br/noticias/detalhes.php?notId=469098>; acesso em 31/03/2014.

OBRAS CONSULTADAS

ABBAGNANO, N.. *Dicionário de Filosofia*. Trad. A. Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ABRAHAM, B.. *Holocausto*. 30 ed. São Paulo: WG Comunicações e Produções, 1976.

ANATOL, R.. *O pensamento Psicológico*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BELLO, A. A.. *Fenomenologia e Ciências Humanas: Psicologia, história e religião*. Org. e trad. Miguel Mahfoud e Marina Massimi. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

GRACIOSO, J.. A dimensão teleológica e ordenada do agir humano em Santo Agostinho. *Trans/Form/Ação*, vol. 35, Marília, 2012. Disponível em:

<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/2672/2097>.> Acesso em 20 mar de 2014.

HESS, R.. *Produzir sua obra: O momento da tese*. Tradução de Sergio da Costa Borba e Davi Gonçalves. Série Pesquisa, 11. Brasília: Liber Livro, 2005.

HERBSTRITH, W.. *Edith Stein: A loucura da cruz*. Tradução Manuel Ordoñez Villaroel, Burgos: OCD, s/d..

JESUS, Santa Teresa de. *Castelo Interior ou Moradas*. Tradução das carmelitas descalças do Convento de Santa Teresa, Rio de Janeiro); 9 ed. Paulus: São Paulo, 2001.

_____. *Caminho de Perfeição*. Tradução do autógrafo de Valladolid; Nova ed. rev. da tradução do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro); 11 ed. São Paulo: Paulus, 2011.

POSSANI, T.. *A experiência do “sentir com” (Einfüllung) no acompanhamento terapêutico: a clínica do acontecimento*. (Dissertação) Mestrado em Psicologia. Universidade de São Paulo, 2010.

PELLEGRIN, P. *Vocabulário de Aristóteles*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes , 2010.

RANIERI, L. P. e BARREIRA, C. R. A.. A empatia como vivência. *Memorandum*, 23, out. 2012. p. 12-31. Disponível em HTTP: <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a23/ranieribarreira01/>>, acesso em 15 de março de 2013.

STEIN, E.. *La vita come totalità: scritti sull'educazione religiosa*. Roma: Città Nuova Editrice, 1999.

_____. *Natura, Persona, Mistica: Per una ricerca crisiana della verità*. Roma: Città Nuova Editrice, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1 - CURRICULUM VITAE¹⁴⁰

Em 12 de outubro de 1891 eu, Edith Stein, nasci em Breslau, filha do falecido comerciante Siegfried Stein e de sua mulher Auguste (de nascimento Courant). Sou cidadã prusiana e judia. Desde outubro de 1897 até a Páscoa de 1906 frequentei a Escola Viktoria (Instituto estatal) de Breslau, e desde a Páscoa de 1908 até a Páscoa de 1911, o instituto (sem grego), que lhe estava agregado e no que depois realizei o exame de bacharel. Em outubro de 1915 consegui, depois de superar um exame complementar de grego no instituto São João de Breslau, o título de bacharel do instituto em humanidades. Desde a Páscoa de 1911 até a Páscoa de 1913 frequentei a universidade de Breslau. Durante os quatro semestres seguintes estudei filosofia, psicologia, história e alemão na universidade de Gotinga. Em janeiro de 1915 fui aprovada no exame de estado *pro facultate docenti* em propedêutica filosófica, em história e em alemão, também em Gotinga. Ao final desse semestre interrompi meus estudos e estive ocupada durante algum tempo no serviço da Cruz Vermelha. Desde fevereiro até outubro de 1916 substituí no instituto acima citado de Breslau a um professor enfermo. Na continuação me mudei para Friburgo para trabalhar como assistente do professor Husserl.

¹⁴⁰ STEIN, 2002, p. 524. Este pequeno texto aparece em sua tese de doutorado, publicada em 1917: *Zum Problem der Einfühlung (Sobre o problema da Empatia)*.

Da tradução em espanhol: "El 12 de octubre de 1891 nació yo, Edith Stein, en Breslau, hija del fallecido comerciante Siegfried Stein y de su mujer Auguste (de nacimiento Courant). Soy ciudadana prusiana y judía. Desde octubre de 1897 a Pascua de 1906 frecuenté la escuela Viktoria (instituto estatal) de Breslau, y desde Pascua de 1908 a Pascua de 1911, el instituto (sin griego), que le estaba agregada y en el que realicé después el examen de bachiller. En octubre de 1915 logré, después de superar un examen complementario de griego en el instituto San Juan de Breslau, el título de bachiller de un instituto en humanidades. Desde Pascua de 1911 hasta Pascua de 1913 frecuenté la universidad de Breslau. Durante los cuatro semestres siguientes estudié filosofía, psicología, historia y germanística en la universidad de Gotinga. En enero de 1915 aprobé el examen de estado pro facultate docendi en propedéutica filosófica, en historia y en alemán, también en Gotinga. A finales de ese semestre interrumpí mis estudios y estuve ocupada durante algún tiempo en el servicio a la Cruz Roja. Desde febrero hasta octubre de 1916 sustutuí en el instituto arriba citado de Breslau a un profesor enfermo. A continuación me trasladé a Friburgo para trabajar como asistente del profesor Husserl.

Quisiera expresar aquí mi cordial agradecimiento a todos aquellos que durante mi tiempo de estudio me ofrecieron estímulo y protección; de manera especial a algunos de mis profesores y compañeros de estudio, gracias a los cuales me fue abierto al paso a la filosofía fenomenológica: profesor Husserl, doctor Reinach y la Sociedad Filosófica de Gotinga.

Quisera aqui expressar meu cordial agradecimento a todos aqueles que durante meu tempo de estudos me ofereceram estímulo e proteção; de maneira especial a alguns dos meus professores e companheiros de estudo, graças aos quais me foi aberto o caminho a filosofia fenomenológica: professor Husserl, doutor Reinach e a Sociedade Filosófica de Gotinga.

Edith Stein.

ANEXO 2

ESCRITOS DE HUSSERL SOBRE STEIN

CRÍTICA DE HUSSERL SOBRE A TESE DE EDITH STEIN (p. 1657)¹⁴¹

Em sua tese sobre “O problema da empatia em seu desenvolvimento histórico em uma perspectiva fenomenológica”, a senhorita E. Stein expõe em primeiro lugar (primeira parte), em forma muito erudita, a história do problema da empatia desde os estudos pioneiros de Herder até a atualidade. Porém o trabalho se centra principalmente nos ensaios sistemáticos (partes segunda a quinta) acerca de uma fenomenologia da empatia e das aplicações da mesma ao esclarecimento das ideias: corpo, alma, indivíduo, personalidade intelectual, comunidade social e estrutura comunitária. Nas duas últimas partes investiga-se a importância da empatia nas esferas ética e estética e em seguida finalmente faz uma análise fenomenológica da empatia estética.

Prescindindo dos estudos históricos e críticos, a autora se rege (enquanto às ideias diretrizes e básicas de suas teorias) por minhas aulas em Gotinga e pelas sugestões pessoais que lhe fiz. Porém, o excelente estilo com que ela dá uma nova forma a estas sugestões e a profundidade científica, assim como a originalidade demonstrada em todo o trabalho, merece o máximo reconhecimento. Por este motivo, proponho que se admita a autora ao exame oral.

Friburgo, 29 de julho de 1916.

E. Husserl

¹⁴¹ Da tradução em espanhol: “**Dictamen de Edmund Husserl sobre la tesis de Edith Stein**
En su tesis sobre “El problema de la empatía en su desarrollo histórico y desde una perspectiva fenomenológica”, la señorita E. Stein expone en primer lugar (primera parte), en forma muy erudita, la historia del problema de la empatía desde los estudios pioneros de Herder hasta la actualidad. Pero el trabajo se centra principalmente en los ensayos sistemáticos (partes segunda a quinta) acerca de una fenomenología de la empatía y de las aplicaciones de la misma al esclarecimiento de las ideas: cuerpo, alma, individuo, personalidad intelectual, comunidad social y estructura comunitaria. En las partes últimas se investiga la importancia de la empatía en las esferas ética y estética y en orden finalmente a un análisis fenomenológico de la empatía estética.

Prescindiendo de los estudios históricos y críticos, la autora se rige (en cuanto a las ideas directrices y básicas de sus teorías) por mis lecciones pronunciadas en Gotinga y por las sugerencias personales que le hice. Pero el excelente estilo con que ella refunde estas sugerencias y la profundidad científica, así como la agudeza de ingenio demostrada en todo ello, merecen en máximo reconocimiento. Por este motivo, propongo que se admita a la autora al examen oral.

Friburgo, 29 de julio de 1916

E. Husserl”

ANEXO 3

CARTA DE RECOMENDAÇÃO DE EDMUND HUSSERL A EDITH STEIN ¹⁴²(p. 1658)

Friburgo de Brisgovia, 6 de fevereiro de 1919

A senhorita Edith Stein, doutora em filosofia e minha aluna durante anos nas universidades de Gotinga e de Friburgo, obteve em Friburgo o doutorado em filosofia *summa cum laude* durante o semestre de verão do ano de 1916, com um excelente estudo científico sobre a “empatia”, o qual após publicado suscitou o interesse dos especialistas. Posteriormente, trabalhou para mim durante um ano e meio como professora adjunta, e me prestou excelentes serviços, não só pondo em ordem meus manuscritos para extensas publicações científicas, mas também, e não menos, ajudando-me em meu trabalho de docência acadêmica. Com este fim, desenvolveu periodicamente exercícios práticos de filosofia para meus ouvintes desejosos de aprofundar sua formação científica, exercícios nos quais participaram não só principiantes mas também pessoas avançadas nos estudos. Dos excelentes resultados dessa colaboração, pude convencer-me durante o acompanhamento posterior de meus próprios exercícios de seminário e mediante contatos pessoais com meus ouvintes. A Dra. Stein obteve uma extensa e profunda formação, e são

¹⁴² Da tradução em espanhol: “**Carta de recomendación de Edmund Husserl a Edith Stein**

Friburgo de Brisgovia, 6 de febrero de 1919

La señorita Edith Stein, doctora en filosofía y alumna mía durante años en las universidades de Gotinga y de Friburgo, obtuvo en Friburgo el doctorado en filosofía suma cum laude, durante el semestre de verano del año 1916, con un excelente estudio científico sobre “ la empatía”, el cual, nada más publicarse, suscitó el interés de los especialistas. Posteriormente, trabajó para mí durante año y medio como profesora adjunta, y me prestó excelentes servicios no sólo poniendo en orden mis manuscritos para extensas publicaciones científicas, sino también – y no menos – ayudándome en mi labor de docencia académica. Con este fin, desarrolló periódicamente ejercicios prácticos de filosofía para mis oyentes deseosos de profundizar en su formación científica, ejercicios en los que participaron no sólo principiantes sino también personas avanzadas en los estudios. De los excelentes resultados de esa colaboración pude convencerme durante el curso ulterior de mis propios ejercicios de seminario y mediante contactos personales con mis oyentes. La Dra. Stein obtenido una extensa y profunda formación, y son indiscutibles sus aptitudes para la investigación científica independiente y para la labor docente. Si la carrera académica estuviera abierta para las damas, ella sería, desde luego, la persona recomendada en primer lugar y más calurosamente para las oposiciones a cátedra.

Prof. Dr. E. Husserl

Universidad de Friburgo de Brisgovia”

indiscutíveis suas aptidões para a investigação científica independente e para o trabalho docente. Se a carreira acadêmica estivesse aberta para as mulheres, ela seria desde já, a pessoa recomendada em primeiro lugar, e mais eloquentemente para as posições à cátedra.

Prof. Dr. E. Husserl

Universidade de Friburgo de Brisgovia

ANEXO 4

CARTA DE EDMUND HUSSERL A EDITH STEIN (P. 1435)¹⁴³

Chiavari, 17 de abril de 1930

Distinta senhorita Dra. Stein:

Senti-me muito contrariado ao saber por sua carta que esteve em Friburgo precisamente nos dias em que me encontrava de viagem, dando-me um descanso que me fazia muita falta. Como gostaríamos de nos encontrar, nós que somos velhos amigos! Mas, antes de mais nada, muito obrigado por suas simpáticas e cordiais felicitações pelo meu aniversário. Acabo de entrar em meu 72^o ano de vida, em que me propus muitas coisas e necessito de muito tempo a fim de concluir a obra confiada em minha vida. Porém, com a ajuda de Deus, tudo irá bem e posso assegurar-lhe que continuo trabalhando como nos velhos e bons tempos. O Dr. Fink me tem sido de grande ajuda, com sua energia juvenil e o extraordinariamente que compreende minhas intenções. Em Florença e em Siena tenho desfrutado muitas coisas belas. Claro que foi cansativo, e agora me reponho na Riviera italiana, em Chiavari: a pensão tem um magnífico jardim, muito bom para meditar. Se apenas não fosse tão legal!

Saudações muito cordiais de seu velho amigo

E. Husserl

¹⁴³ Da tradução em espanhol: "Chiavari, 17 de abril de 1930

Distinguida señorita Dra. Stein:

Me senti muy contrariado al enterarme por su carta de que usted vino a Friburgo precisamente em unos días que yo me encuentro de viaje, tomendome um descanso que me hacía mucha falta. Como si hubiéramos tratado de no encontrarnos, nosotros que somos viejos amigos! Pero, antes que nada, muchas gracias por sus simpáticas y cordiales felicitaciones por mi cumpleaños. Acabo de entrar en el 72^o año de mi vida, en el que me he propuesto muchas cosas y necesito mucho tiempo a fin de consumir la obra que se me ha confiado en la vida. Pero, con la ayuda de Dios, todo irá bien y puedo asegurarle que sigo trabajando como en los viejos buenos tiempos. El Dr. Fink me a sido de gran ayuda, con su energía juvenil y lo extraordinariamente que comprende mis intenciones. En Florencia y en Siena he disfrutado viendo muchas cosas bellas. Claro que fue fatigoso, y me repongo ahora en la Riviera italiana, en Chiavari: la pensión tiene un magnífico jardín, muy apto para meditar. Sólo que si no hiciera tanto fresco!

*Saludos muy cordiales de su viejo amigo
E. Husserl"*

ANEXO 5¹⁴⁴

St. Lioben, 12/01/1932

Na palestra de Berndorf, em novembro de 1930, sobre os fundamentos da formação feminina, procurei esboçar a imagem da formação feminina como ela deveria ser de acordo com sua a sua vocação eterna; na oportunidade mencionei os seguintes atributos: *larga, ampla, vazia de si mesma, quente e clara*. Agora me pedem para dizer algo sobre a maneira de obter essas qualidades.

Acho que não se trata de uma variedade de qualidades que possam ser visadas e trabalhadas isoladamente; antes, trata-se de um simples estado total da alma que é visto nesses atributos por diversos lados. Não podemos atingir esse estado por um ato de vontade, ele precisa ser realizado pela graça. O que podemos e devemos fazer é : abrir-nos à graça, renunciando, completamente, à nossa própria vontade e entregando-a ao domínio da vontade divina, colocando toda a nossa alma receptiva e maleável nas mãos de Deus.

Isso tem a ver em primeiro lugar com esvaziamento e aquietamento. Por natureza, a alma está cheia de variedades, tão cheia que tem sempre uma coisa deslocando a outra, e ela está sempre em movimento, frequentemente até cheia de tormenta e tumulto.

Mal acordamos de manhã e já nos vemos assaltados por deveres e preocupações do dia (quando não nos afugentaram antes o sossego da noite). Surge, então, a pergunta inquietante: Como abarcar tudo isso num único dia? Quando farei isso ou aquilo? Como dar início a esse ou aquele empreendimento? Gostaríamos de sair correndo. Nesse momento devemos tomar as rédeas nas mãos para dizer: calma! Nada disso me deve atingir agora. Minha primeira hora da manhã é do Senhor. Enfrentarei as tarefas do dia que Ele me encarregar, e Ele me dará a força para realizá-las.

Assim irei ao altar de Deus. Aqui não se trata de mim e de minhas preocupações minúsculas e, sim, do grande sacrifício de reconciliação. Posso

¹⁴⁴ STEIN, E.. *A mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça*. Tradução Alfred J. Keller. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 152-153.

participar dele, purificar-me e deixar-me invadir pela alegria para colocar-me também no altar na hora do ofertório, com todos os meus atos e sofrimentos. E quando o Senhor vem a mim, na hora da comunhão, posso perguntar-lhe: “O que deseja de mim, Senhor?” (Sta. Teresa) E aquilo que em diálogo silencioso se me apresentar como a próxima tarefa, aquilo começarei a fazer.

Iniciando depois da celebração matutina o meu dia de trabalho, reinará em mim uma quietude solene, e minha alma estará vazia de tudo o que me pretendia assaltar e sobrecarregar, mas estará cheia de uma santa alegria, de coragem e vigor.

Ela ficou grande e larga porque saiu de si entrando na vida divina. O amor queima nela qual chama quieta acesa pelo Senhor, e ela se sente impelida a praticar o amor e a acendê-lo nos outros: *flammescat igne caritas, accendat ardor proximos*. O próximo trechinho do caminho fica claro à sua frente; ela não enxerga muito longe, mas sabe que, uma vez chegada ao ponto onde, no momento o horizonte termina, terá diante de si uma nova visão.

Agora começa o trabalho do dia. Talvez sejam aulas – 4 ou 5 horas seguidas. É necessário estar concentrada, não se pode atingir a toda hora aquilo que se pretendia, talvez em nenhuma. Cansaço próprio, interrupções imprevistas, falta de atenção das crianças, uma série de aborrecimentos, revoltas, temores. Ou o trabalho no escritório: lidar com superiores e colegas desagradáveis, reivindicações não correspondidas, acusações injustas, misérias humanas, talvez também diversos tipos de necessidades.

Chega ao meio dia. Chega em casa esgotada, exausta. Talvez estejam aguardando novos aborrecimentos. Onde ficou aquela disposição matutina da alma? Novamente brotam as inquietações: revolta, desgosto, arrependimento. E ainda falta tanto a ser feito até à noite. Não é necessário continuar correndo? Não antes de recolher-se a um momento de quietude. Cada qual precisa conhecer-se a si mesma para saber onde e como encontrar a tranquilidade. O melhor é despejar novamente todas as preocupações, durante uns breves instantes, diante do tabernáculo, se for possível. Quem não tiver essa oportunidade ou precisar de um breve descanso físico, respire um pouco no próprio quarto. E se não houver nenhuma possibilidade de tranqüilidade externa, se não tiver cômodo em que possa recolher-se, se deveres inadiáveis impedirem uma horinha de silêncio, então feche-se pelo menos uns

instantes contra tudo o que vem de fora e refugie-se no Senhor. Ele está presente e, num breve momento, pode dar-nos o que precisamos.

E assim continuará durante o resto do dia, talvez com muito cansaço e dificuldades, mas em paz. Quando chega a noite e o retrospecto mostra que tudo não passou de obras inacabadas e que muito do que planejara ficou sem ser feito, se tanta coisa nos causa vergonha e arrependimento: aceite tudo como é, ponha-o nas mãos de Deus e confie tudo a Ele. Assim será possível descansar nele com tranqüilidade aguardando o novo dia como começo de uma nova vida.

Esta é uma sugestão prática para enfrentar o dia a dia de tal maneira que haja espaço para a graça divina. Cada um saberá qual a melhor maneira de adaptá-la às suas próprias condições de vida. Além disso, é necessário mostrar que o domingo deveria ser como um grande portão pelo qual a vida celeste pode entrar no nosso dia-a-dia, trazendo força para enfrentar o trabalho de toda a semana. O mesmo vale também para as grandes festas, as celebrações e os períodos de penitência que, vividos no espírito da Igreja, fazem com que a alma, ano após ano, amadureça cada vez mais para o eterno descanso sabático.

Uma das tarefas principais de cada uma deve consistir na reflexão sobre a programação do seu dia-a-dia e do ano todo de acordo com suas aptidões e as circunstâncias concretas de sua vida, para assim poder preparar os caminhos do Senhor. O programa há de ser diferente para cada pessoa, adaptando-se com flexibilidade às mudanças que ocorrem no decorrer do tempo. Também a situação psíquica varia de pessoa para pessoa e de tempo em tempo. Os recursos de que dispomos para criar, manter ou reavivar a ligação com as coisas eternas- como, por exemplo, meditação, leitura espiritual, participação da liturgia, de devoções populares etc – não são fecundos de modo igual para todos em qualquer tempo. A meditação, por exemplo, não pode ser praticada por todos e sempre da mesma maneira.

É importante descobrir e aproveitar o método mais eficaz para cada circunstância. Para conhecer o que lhe convém e, sobretudo, antes de fazer modificações num roteiro comprovado, é recomendável procurar a experiência do conselho.

ANEXO 6

TESTAMENTO ¹⁴⁵

Segundo a prescrição de nossas *Constituições*, fiz um testamento antes de minha primeira profissão (21 de abril de 1935). Este testamento se conservou com os restantes no Carmelo de Colônia, porém antes de minha transferência ao Carmelo de Echt, em dezembro de 1938, o destruí de acordo com a querida Madre Teresa Renata do Espírito Santo, priora de Colônia, pois podia complicar a passagem da fronteira. De todas as formas havia perdido já seu valor por causa da mudança de situação.

Este escrito tenha, pois, o valor de um testamento. Pouco é o que me resta e sobre o qual posso dispor, porém, em caso de minha morte, poderá servir de ajuda aos queridos superiores conhecer meu parecer a respeito.

Os livros que trago comigo, enquanto que não sejam de um caráter puramente científico ou de pouco uso para as irmãs, queria deixá-los naturalmente ao convento. Os livros científicos os receberiam a gosto nossos Padres Carmelitas, os Trapenses e os Jesuítas.

Peço também que meus manuscritos revisados e, segundo um critério reto, ou seja destruídos, ou sejam doados a biblioteca, ou sejam guardados como lembrança. A história sobre minha família rogo que não seja publicada enquanto estiver vivo algum de meus irmãos e peço também que não lhes seja entregue. Somente Rosa poderia consentir a ela, e depois da morte de meus outros irmãos, seus filhos. Sobre sua publicação, em todo caso, deve decidir a Ordem.

Tenho em meu poder também os manuscritos de uns amigos estrangeiros . Se não os tiver retirado antes de minha morte, pediria que lhes entregasse a seus respectivos donos, e algum pequeno manuscrito (meu) como recordação. Os endereços são:

Dr. Winthrop Bell, Chester, Nova Scotia, Canadá.

Prof. Dr. Roman Ingarden, Lwów (Lemberg). Polônia. Jablonowskich, 4.

Os manuscritos estão selados com os nomes de seus donos sobre eles.

¹⁴⁵ Stein, 2002, p. 114-116.

Se meu livro *Ser Finito e Ser eterno* não tiver sido publicado antes de minha morte, rogaria a nosso Reverendo Padre Provincial que se ocupasse amavelmente do término da impressão e de sua publicação. Com este fim junto uma cópia do contrato com a editora. Já que este contrato foi realizado pelo Carmelo de Colônia, seria necessário para o definitivo contrato o acordo do mesmo, assim com o do editor, Otto Borgemeyer, em Breslau, para a realização de um novo.

De todo coração dou graças a minhas queridas superiores e a todas minhas queridas irmãs pelo amor com que me tem acolhido e por todo o bem que me tem dado nesta casa.

Desde agora aceito com alegria e com perfeita submissão a sua santa vontade, a morte que Deus me tem reservado. Peço ao Senhor que se digne aceitar minha vida e minha morte para sua honra e sua glória; por todas as intenções dos Sagrados corações de Jesus e de Maria e pela Santa Igreja, de modo especial pela manutenção, santificação e perfeição de nossa Santa ordem, particularmente os Carmelos de Colônia e Echt, em expiação pela incredulidade do povo judeu e para que o Senhor seja acolhido pelos seus e venha seu Reino na glória; pela salvação da Alemanha e a paz do mundo; finalmente, por meus familiares, vivos e mortos, e por todos os que Deus me confiou: que nenhum deles se perca.

Sexta-feira da oitava de Corpus Christi, 9 de junho de 1939, no sétimo dia de meus exercícios espirituais.

Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo.

Ir. Teresa Benedita da Cruz, O. C. D.

ANEXO 7

HOMILIA DE JOÃO PAULO II

Por ocasião da canonização de Edith Stein

Domingo, 11 de outubro de 1998

Quanto a mim, não me vanglorio senão na cruz do nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Gl. 6, 14).

As palavras de São Paulo aos Gálatas, que há pouco escutamos, se adequam à experiência humana e espiritual de Teresa Benedita da Cruz, que hoje, solenemente, tem seu nome escrito no livro dos santos. Também ela pode repetir com o apóstolo: Quanto a mim, não me vanglorio senão da cruz do nosso Senhor Jesus Cristo.

A cruz de Cristo! No seu constante florescer, a árvore da cruz traz sempre renovados frutos de salvação. Por isso, à Cruz, contemplam confiantes os crentes, extraindo do seu mistério de amor, coragem e vigor para caminharem fiéis sobre as pegadas de Cristo crucificado e ressuscitado. A mensagem da Cruz, portanto, penetrou no coração de tantos homens e mulheres, transformando-lhes a existência.

Um exemplo, eloqüente desta extraordinária renovação interior é o evento espiritual de Edith Stein. Uma jovem mulher, procurando a verdade, graças ao trabalho silencioso da graça divina, tornou-se uma santa e uma mártir: è Teresa Benedita da Cruz, que neste dia do céu repete a todos nós as palavras que marcaram sua existência: “ Quanto a mim, não me vanglorio senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.”

No dia 1º de maio de 1987, no decorrer da minha visita pastoral à Alemanha, tive a alegria de proclamar Beata, na cidade de Colônia, esta generosa testemunha da fé. Hoje, 11 anos depois, aqui em Roma, na Praça de São Pedro, me é concedido apresentar solenemente como Santa diante de todo o mundo esta eminente filha de Israel e filha fiel da Igreja.

Como então, assim hoje nos inclinamos frente à memória de Edith Stein, proclamando o invicto testemunho que ela prestou durante a vida e sobretudo com a morte. Junto a Teresa d'Ávila e Teresa de Lisieux, esta outra Teresa se coloca na lista dos santos e santas que fazem honra à Ordem carmelitana.

Caríssimos irmãos e irmãs que viestes para esta solene celebração, rendamos glória a Deus pela obra que Ele realizou em Edith Stein.

Saúdo os numerosos peregrinos vindos a Roma, com um particular pensamento aos membros da família Stein, que desejaram estar conosco nesta feliz circunstância. Uma saudação cordial vai também para a representação da Comunidade carmelitana, a qual se tornou a “segunda família” para Teresa Benedita da Cruz.

Dirijo, em seguida, as minhas boas vindas à delegação oficial da República Federal da Alemanha, guiada pelo Chanceler Federal Helmut Kohl, que saúdo com deferente cordialidade. Saúdo também os representantes dos Länder Nordrhein-Westfalen e Rheinland-Pfalz, como também o Prefeito da cidade de Colônia.

Da minha pátria também veio uma delegação oficial, guiada pelo Primeiro Ministro Jerzy Buzek. Dirijo a ela uma cordial saudação.

Quero reservar uma menção especial aos peregrinos das dioceses de Breslavia (Wroclaw), de Colônia, Münster, Spira, Krakow e Bielsko-Zywiec, presentes com seus Bispos e sacerdotes. Estes se uniram à numerosa multidão dos fiéis vindos da Alemanha, dos Estados Unidos da América e da minha pátria, a Polônia.

Queridos irmãos e irmãs! Porque hebréia, Edith Stein foi deportada junto com a irmã Rosa e muitos outros judeus dos Países Baixos para o campo de concentração de Auschwitz, onde, junto com eles, encontrou a morte nas câmaras de gás. De todos nos lembremos hoje com um profundo respeito. Poucos dias antes de ser deportada, a religiosa, a quem se oferecia para fazer qualquer coisa a fim de salvar a sua vida, tinha respondido: “Não o faça! Por que eu devia ser excluída? A justiça não está, talvez, no fato que eu não tire vantagem do meu batismo? Se não posso compartilhar a sorte dos meus irmãos e irmãs, a minha vida estará de certo modo destruída”.

Ao celebrar, de agora em diante, a memória da nova Santa, não poderemos deixar de recordar, de ano em ano, também a Shoah, aquele plano cruel de

extermínio de um povo, que custou a vida de milhões de irmãos e irmãs judeus. O Senhor faça brilhar a sua face sobre eles e lhes conceda a paz (cf. Nm 6, 25s)

Por amor de Deus e do homem, lanço de novo um premente brado: nunca mais se repita uma semelhante iniciativa criminosa para nenhum grupo étnico, povo e raça, em qualquer recanto da terra! É um brado que dirijo a todos os homens e mulheres de boa vontade; a todos aqueles que crêem no Deus eterno e justo; a todos aqueles que se sentem unidos em Cristo, Verbo de Deus encarnado. Aqui, todos nós devemos ser solidários: é a dignidade humana que está em jogo. Só existe uma única família humana. É isto que a nova Santa afirmou com grande insistência: “O nosso amor pelo próximo - escrevia - é a medida do nosso amor a Deus. Para os cristãos - e não só para eles - ninguém é "estrangeiro". O amor de Cristo não conhece fronteiras”.

Estimados Irmãos e Irmãs! O amor de Cristo foi o fogo que ardeu a vida de Teresa Benedita da Cruz. Antes ainda de se dar conta, ela foi completamente arrebatada por ele. No início, o seu ideal foi a liberdade. Durante muito tempo, Edith Stein viveu a experiência da busca. A sua mente não se cansou de investigar e o seu coração de esperar. Percorreu o árduo caminho da filosofia com ardor apaixonado e no fim foi premiada: conquistou a verdade; antes, foi por ela conquistada. De fato, descobriu que a verdade tinha um nome: Jesus Cristo, e a partir daquele momento o Verbo encarnado foi tudo para ela. Olhando como Carmelita para este período da sua vida, escreveu a uma Beneditina: “Quem procura a verdade, consciente ou inconscientemente, procura a Deus”.

Embora sua mãe a tenha educado na religião hebraica, aos 14 anos de idade Edith Stein, “consciente e propositadamente desacostumou-se da oração”. Só queria contar consigo mesma, preocupada em afirmar a própria liberdade nas opções de vida. No fim do longo caminho, foi-lhe dado chegar a uma surpreendente conclusão: só quem se une ao amor de Cristo se torna verdadeiramente livre.

A experiência desta mulher, que enfrentou os desafios de um século atormentado como o nosso, é para nós exemplar: o mundo moderno ostenta a porta atraente do permissivismo, ignorando a porta estreita do discernimento e da renúncia. Dirijo-me especialmente a vós, jovens cristãos, em particular aos numerosos líderes reunidos em Roma nestes dias: evitai conceber a vossa vida como uma porta aberta a todas as opções! Escutai a voz do vosso coração! Não

permaneçais na superfície, mas ide até ao fundo das coisas! E quando chegar o momento, tende a coragem de vos decidirdes! O Senhor espera que coloqueis a vossa liberdade nas suas mãos misericordiosas.

Santa Teresa Benedita da Cruz conseguiu compreender que o amor de Cristo e a liberdade do homem se entrelaçam, porque o amor e a verdade têm uma relação intrínseca. A busca da verdade e a sua configuração no amor não lhe pareciam ser contrastantes entre si; pelo contrário, compreendeu que estas se interpelam reciprocamente.

No nosso tempo, a verdade é com frequência interpretada como a opinião da maioria. Além disso, é difundida a convicção de que se deve usar a verdade também contra o amor, ou vice-versa. Todavia, a verdade e o amor têm necessidade uma do outro. A Irmã Teresa Benedita é testemunha disto. “Mártir por amor”, ela deu a vida pelos seus amigos e no amor não se fez superar por ninguém. Ao mesmo tempo, procurou com todo o seu ser a verdade, da qual escrevia: “Nenhuma obra espiritual vem ao mundo sem grandes sofrimentos. Ela desafia sempre o homem inteiro”. A Irmã Teresa Benedita da Cruz diz a todos nós: Não aceiteis como verdade nada que seja isento de amor. E não aceiteis como amor nada que seja isento de verdade!

Enfim, a nova Santa ensina-nos que o amor a Cristo passa através da dor. Quem ama verdadeiramente, não se detém diante da perspectiva do sofrimento: aceita a comunhão na dor com a pessoa amada. Consciente do que comportava a sua origem judaica, Edith Stein pronunciou palavras eloquentes a este respeito: “Debaixo da cruz, compreendi a sorte do povo de Deus... De fato, hoje conheço muito melhor o que significa ser a esposa do Senhor no sinal da Cruz. Mas dado que se trata de um mistério, isto jamais poderá ser compreendido somente com a razão”.

Pouco a pouco, o mistério da Cruz impregnou toda a sua vida, até a impelir rumo à oferta suprema. Como esposa na Cruz, a Irmã Teresa Benedita não escreveu apenas páginas profundas sobre a “ciência da cruz”, mas percorreu até ao fim o caminho da escola da Cruz. Muitos dos nossos contemporâneos queriam fazer com que a Cruz se calasse. Mas nada é mais eloquente que a Cruz que se quer silenciar! A verdadeira mensagem da dor é uma lição de amor. O amor torna o sofrimento fecundo e o sofrimento aprofunda o amor.

Através da experiência da Cruz, Edith Stein pôde abrir um caminho rumo a um novo encontro com o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. A ela, a fé e a cruz revelaram-se inseparáveis. Amadurecida na escola da Cruz, ela descobriu as raízes às quais estava ligada a árvore da própria vida. Compreendeu que lhe era muito importante “ser filha do povo eleito e pertencer a Cristo não só espiritualmente, mas também por laços de sangue”.

“Deus é espírito e aqueles que O adoram devem adorá-Lo em espírito e verdade” (*Jo* 4, 24). Caríssimos Irmãos e Irmãs, com estas palavras o divino Mestre entreteve-se com a Samaritana junto do poço de Jacob. Quanto Ele deu à sua ocasional mas atenta interlocutora, encontramos-lo presente também na vida de Edith Stein, na sua “subida ao Monte Carmelo”. A profundidade do mistério divino tornou-se-lhe perceptível no silêncio da contemplação. Ao longo da sua existência, enquanto amadurecia no conhecimento de Deus adorando-O em espírito e verdade, ela experimentava cada vez mais claramente a sua específica vocação de subir à cruz juntamente com Cristo, de abraçá-la com serenidade e confiança, de amá-la seguindo as pegadas do seu dileto Esposo: hoje, Santa Teresa Benedita da Cruz é-nos indicada como modelo em que nos devemos inspirar e como protetora à qual havemos recorrer.

Demos graças a Deus por este dom. A nova Santa seja para nós um exemplo do nosso compromisso no serviço da liberdade e na nossa busca da verdade. O seu testemunho sirva para tornar cada vez mais sólida a ponte da recíproca compreensão entre judeus e cristãos. Santa Teresa Benedita da Cruz, ora por nós! Amém.